

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PAULYNE GUIMARÃES LOPES

**SENTIDOS DA VIVÊNCIA NAS RUAS:
CONVERSAS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Maceió

2019

PAULYNE GUIMARÃES LOPES

**SENTIDOS DA VIVÊNCIA NAS RUAS:
CONVERSAS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro

Maceió

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

L864s Lopes, Paulyne Guimarães.
 Sentidos da vivência nas ruas : conversas com pessoas em situação de rua /
 Paulyne Guimarães Lopes. – 2019
 141 f.

 Orientadora: Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro.
 Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
 Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2019.

 Bibliografia: f. 104-109.
 Apêndices: f. 110-141.

 1. Pessoas em situação de rua. 2. Serviço social. 3. Construcionismo social. 4.
 Política pública. I. Título.

CDU: 159.93:364.442-058.38



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

PAULYNE GUIMARÃES LOPES

Título do Trabalho: **"Sentidos da vivência nas ruas: conversas com pessoas em situação de rua"**.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro
Profa. Dra. Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro (PPGP/UFAL)

Comissão Examinadora:

Flávia Regina Guedes Ribeiro
Profa. Dra. Flávia Regina Guedes Ribeiro (Campus-Arapiraca/Pólo Palmeira dos Índios/UFAL)

Jefferson de Souza Bernardes
Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 04 de abril de 2019.

AGRADECIMENTOS

Como todos os dias, e aqui não poderia ser diferente, agradeço a vida a Deus e a Nossa Senhora. Hoje, em especial, agradeço a oportunidade, o aprendizado, a experiência, as etapas ultrapassadas e mais essa conquista, a finalização do mestrado. O sentimento que me toma é de SUPERANÇA! Nesse caminho, algumas pessoas estiveram ao meu lado, me apoiando e me incentivando.

Agradeço às minhas filhas, Marina e Maria Fernanda, todo amor verdadeiro!

Ao meu marido, Cristiano, agradeço estar sempre ao meu lado e me apoiar nas minhas aventuras.

Aos meus pais, Fátima e Armando, às minhas irmãs, Polyanna e Amanda, e ao meu irmão, Armandinho, sou grata por acreditarem em mim.

A minha orientadora, Maria Auxiliadora, a quem carinhosamente chamamos de Xili, agradeço toda a dedicação profissional à Psicologia, abdicando, muitas vezes, da sua vida pessoal para viver, intensamente, o sonho dos seus orientandos.

Agradeço aos professores Jefferson de Souza Bernardes e Flávia Regina Guedes Ribeiro as valiosas contribuições na minha qualificação.

Ao grupo de pesquisa PROSA, agradeço a receptividade, a torcida, o carinho e as contribuições no meu processo de aprendizagem.

Agradeço o apoio da minha turma do mestrado, em especial das companheiras da Linha de Pesquisa 2, Jéssica, Vanessa, Kelcy e Aline. Agradeço, também, o apoio de Nilton Santos, colega ainda da graduação.

À Secretaria Municipal de Assistência Social de Maceió, em especial à Diretoria de Proteção Especial, agradeço a autorização para a realização da pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho do Centro POP, em especial a Alessandra, Sônia, Maridelma, Israel, Manu e Sr. Dorgi, sou grata por todo o apoio e incentivo.

Às Pessoas em Situação de Rua, sou grata pela abertura à participação na pesquisa e pelo compartilhamento de suas histórias, de seu dia a dia nas ruas e dos ensinamentos sobre a vida.

RESUMO

Tem como objetivo compreender o cotidiano de pessoas em situação de rua, suas táticas e estratégias para sobreviverem nas ruas de Maceió e sua relação com a política de assistência social voltada a esta população. Para tal, o estudo apoia-se no referencial teórico-metodológico das práticas discursivas e da produção de sentidos, fundamentado na perspectiva do Construcionismo Social. O procedimento para a construção das informações da pesquisa foi realizado por meio de entrevistas com quatro pessoas em situação de rua (PSR), usuárias do Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro POP) de Maceió, sendo dois homens e duas mulheres. Para a realização das análises, o estudo levou em consideração: a) os enunciados produzidos durante as entrevistas; b) os repertórios linguísticos que circulam na literatura científica sobre população em situação de rua e sobre políticas públicas de assistência social, os quais foram acessados em bases de dados; e c) a experiência da pesquisadora nesse contexto. Através das falas dos protagonistas deste estudo, foi possível compreender que a PSR utiliza, no seu dia a dia, diversas estratégias, reinventando espaços e objetos em seu cotidiano nas ruas. Além disso, busca, diariamente, alguns serviços ofertados pela Secretaria de Assistência Social (SEMAS), como suporte para dirimir as adversidades encontradas nas ruas, principalmente as necessidades básicas de alimentação e de higiene. As demandas dessa população apontam para a importância de ações articuladas entre a assistência social e as demais políticas públicas, promovendo a intersetorialidade.

Palavras-chave: População em Situação de Rua. Assistência Social. Práticas Discursivas. Produção de Sentidos.

ABSTRACT

The aim of the present study was to understand the daily life of homeless people, their tactics and strategies to survive on the streets of Maceió, Brazil, and their relation with the social welfare policies implemented for this population. To that end, the study is based on the theoretical-methodological framework of discursive practices and the production of meanings, in accordance with the perspective of social constructivism. The procedure to compile information consisted of interviews with four homeless people (HP), two men and two women, enrolled in the Specialized Reference Center for Homeless People (Centro POP) of Maceió. For analyses, the study considered the following: a) the statements produced during the interviews; b) the linguistic repertoires contained in the scientific literature about homeless people and social welfare policies, which were obtained from databases; and c) the researcher's experience in this context. The discourses of the HP demonstrated that they use a number of strategies, constantly reinventing spaces and objects in their everyday life on the streets. Furthermore, they regularly avail themselves to the services provided by the Social Welfare Department, seeking support to cope with the adversities encountered on the streets, primarily basic food and hygiene needs. The demands of this population show the importance of joint action between social welfare and other public policies, thereby promoting intersectoriality.

Keywords: Homeless people. Social welfare. Discursive practices. Production of meanings.

LISTA DE SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CadÚnico	Cadastro Único para Programas do Governo Federal
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Caps	Centro de Atenção Psicossocial
Caps AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas
Casa	Centro de Atendimento Socioassistencial
CE	Ceará
Centro POP	Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua
CEP	Comissão de Ética e Pesquisa
CF	Constituição Federal
CFP	Cadastro de Pessoa Física
CGGIRT	Coordenação Geral da Gestão da Informação e Tecnologia
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
Cras	Centro de Referência de Assistência Social
Creas	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ES	Espírito Santo
GPOP	Grupamento de Atenção à População em Situação de Rua
GTI	Grupo de Trabalho Interministerial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LA	Liberdade Assistida
Loas	Lei Orgânica da Assistência Social
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MG	Minas Gerais
MNPR	Movimento Nacional da População em Situação de Rua
NOB	Norma Operacional Básica
PAEFI	Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos

PBF	Programa Bolsa Família
PAIF	Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família
PIA	Plano Individual de Acompanhamento
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
PNPR	Política Nacional para Inclusão da População em Situação de Rua
PR	Paraná
PSB	Proteção Social Básica
PSC	Prestação de Serviços à Comunidade
PSE	Proteção Social Especial
PSR	População em Situação de Rua
RA	Região Administrativa
RG	Registro Geral
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SciELO	Scientific Electronic Library Online
Seas	Serviço Especializado em Abordagem Social
Semas	Secretaria Municipal de Assistência Social
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
SP	São Paulo
Suas	Sistema Único de Assistência Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TI	Transcrição Integral
TS	Transcrição Sequencial
UBS	Unidade Básica de Saúde
Ufal	Universidade Federal de Alagoas
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Principais marcos da efetivação de direitos da PSR.	24
Quadro 02 – Serviços socioassistenciais da PSE para população de rua.	26
Quadro 03 – Divisão territorial das equipes técnicas dos Centros POP de Maceió/AL (2018).	28
Quadro 04 – Divisão dos bairros de Maceió por Regiões Administrativas (2018).	31
Quadro 05 – Divisão territorial das equipes Seas/Semas (2018).	33
Quadro 06 – Pessoas abordadas na rua, sem residência, pela equipe Seas/Semas (2017).	36
Quadro 07 – Panorama geral da revisão da literatura.	40
Quadro 08 – Síntese das publicações selecionadas.	41
Quadro 09 – Distribuição das produções científicas sobre PSR, por localidade.	42
Quadro 10 – Quantitativo da PSR com base na Pesquisa Nacional.	42
Quadro 11 – Distribuição das produções científicas sobre PSR, por ano de publicação.	43
Quadro 12 – Distribuição das produções científicas sobre PSR, por área de conhecimento.	44
Quadro 13 – Distribuição das produções científicas sobre PSR, por eixo temático.	45
Quadro 14 – Produções científicas do eixo temático 1 – Política de Assistência Social: implantação, avaliação e críticas.	46
Quadro 15 – Produções científicas do eixo temático 2 – Caracterização do fenômeno PSR.	49
Quadro 16 – Produções científicas do eixo temático 3 – Histórias de Vida da PSR.	50
Quadro 17 – Apresentação geral dos participantes.	65
Quadro 18 – Demonstrativo dos mapas dialógicos.	74
Quadro 19 – Sugestões de programas/projetos para a PSR.	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Usuários atendidos no Centro POP I (2014)	37
Gráfico 02 – Usuários atendidos no Centro POP II (2014)	38

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	12
2	INTRODUÇÃO	14
3	ASSISTÊNCIA SOCIAL ENQUANTO POLÍTICA PÚBLICA PARA A PSR	18
3.1	A política de assistência social no Brasil	18
3.2	A Política Nacional para População em Situação de Rua (PNPR)	20
3.3	A População em Situação de Rua (PSR)	25
3.4	O Centro POP	26
3.5	A política de assistência social para a PSR em Maceió	31
3.5.1	Caracterização dos serviços ofertados à PSR em Maceió	32
3.5.2	A PSR em Maceió	36
4	A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA LITERATURA ACADÊMICA	40
4.1	Levantamento nas bases de dados	40
4.2	Resultados: apresentação e discussões	42
4.3	Dialogia com a literatura	47
4.3.1	Eixo temático 01 – Política de assistência social: implantação, avaliação e críticas	47
4.3.2	Eixo temático 02 – Caracterização do fenômeno da PSR	50
4.3.3	Eixo temático 03 – Histórias de vida da PSR	51
4.3.3.1	Quem são?	54
4.3.3.2	Motivos de irem viver nas ruas	56
4.3.3.3	Dinheiro e renda	57
4.3.3.4	Violência	57
4.3.3.5	Rede de assistência social	57
4.3.3.6	Dia a dia nas ruas	57
4.3.3.7	Uso de substâncias lícitas e ilícitas	58

5	POSICIONAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	60
5.1	Construcionismo Social	60
5.2	A pesquisa na perspectiva Construcionista	62
5.3	As práticas discursivas e a produção de sentidos	64
5.4	O caminho trilhado	66
5.4.1	Os participantes	66
5.4.1.1	José	68
5.4.1.2	João	70
5.4.1.3	Raquel	71
5.4.1.4	Maria	73
5.5	Análise das informações	74
6	VIVER NA RUA: DESAFIOS E SUPERAÇÕES	78
6.1	Apoio espiritual	78
6.2	Histórias de vida	79
6.3	Perspectiva de futuro	83
6.4	Relação com a política pública	85
6.5	Relação com a rua	90
6.6	Relação com as drogas	97
7	CONSIDERAÇÕES E CAMINHOS A PERCORRER	100
	REFERÊNCIAS	105
	APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	111
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO SEQUENCIAL – ENT. COM JOSÉ	112
	APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO SEQUENCIAL – ENT. COM JOÃO	120
	APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO SEQUENCIAL – ENT. COM RAQUEL	128
	APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO SEQUENCIAL – ENT. COM MARIA	134

1 APRESENTAÇÃO

O ato de pesquisar é extremamente desafiador e exige coragem frente aos obstáculos postos em todo o caminho. Porém, é proporcionalmente apaixonante, principalmente por se constituir num processo repleto de inquietações que permeiam a aventura do conhecer. Sou psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), no ano de 2003, e sempre tive o sonho de cursar uma pós-graduação. Mas, na oportunidade, precisaria residir em outra localidade, pois a Ufal ainda não ofertava o mestrado. Assim, guardei esse sonho por alguns anos e ingressei no mercado de trabalho.

Em 2015, por ocasião do nascimento da minha segunda filha, tomei coragem e resolvi mudar minha trajetória profissional. Retomei alguns contatos da época da universidade, por meio dos quais tomei conhecimento do mestrado em Psicologia e de alguns colegas que estavam vivenciando esse momento. De imediato, o desejo de voltar à vida acadêmica tomou-me por completo. Sem pensar muito, comecei a estudar para a seleção do mestrado, que tinha acabado de lançar um edital. Por uma grata surpresa, passei nas primeiras etapas e fui classificada para a última etapa, que é a defesa do projeto. Infelizmente, aquele não era o momento da minha aprovação. Resolvi recomeçar a preparação para o novo processo seletivo com antecedência. Por intermédio de um colega que estava cursando o mestrado, comecei a participar de alguns encontros do Grupo de Pesquisa em Psicologia Discursiva, o Prosa, cuja proposta é a discussão teórico-metodológica das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, bem como do Construcionismo Social. Posso afirmar que esses encontros foram decisivos para o meu retorno à vida acadêmica e fundamentais para a construção deste estudo.

Em paralelo a esse momento, eu estava retomando as atividades como psicóloga efetiva da Prefeitura de Maceió, atuante na Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) desde 2008. Na oportunidade, fui convidada para suprir a carência de um serviço, que, pelo relato de alguns colegas da Semas, ninguém queria executar, pelo receio em atender população de rua. Esse local era o Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro POP), que é responsável pelo acompanhamento dos indivíduos e famílias que estão em situação de rua.

Minha primeira reação foi pensar nos estereótipos que estão ligados a esse público, e os seguintes questionamentos me ocorreram: quem são essas pessoas que vivem nas ruas? Por que moram nas ruas? Por que elas não têm casas? Onde estão suas famílias? Elas trabalham? Por que permanecer vivendo nas ruas? Estas foram as primeiras inquietações que incitaram a escolha do tema.

Ao iniciar o trabalho no Centro POP, fui tentar buscar respostas para as minhas indagações/inquietações, através dos relatos dos usuários. Foi possível identificar algumas semelhanças nas histórias de vida dos usuários do Centro POP, tais como intolerância da família, pendências judiciais, perda do emprego, recaída ou uso em excesso de substâncias psicoativas, frustrações da vida, entre outras. Porém, logo percebi a multiplicidade de fatores que condicionam o processo de realização e, principalmente, a complexidade presente na condição da população em situação de rua. Não seria fácil responder a aqueles meus questionamentos.

E foi assim que os dois momentos se encontraram: o desejo de cursar o mestrado e o de desenvolver reflexões sobre as histórias de vida da população em situação de rua. Participei, pela segunda vez, da seleção do mestrado e, desta vez, obtive êxito, apresentando o projeto para pesquisar a População em Situação de Rua, no contexto da Assistência Social.

Como se pode constatar, a construção do campo-tema¹ desta pesquisa está ligada às vivências que experimento no meu cotidiano de trabalho, ou seja, é a partir das minhas experiências com a população em situação de rua e das inquietações aqui apresentadas que construímos esta dissertação, que diz respeito a uma relação de proximidade com tal população.

Pautada no espírito crítico, científico, inquietante e apaixonante da pesquisa, alguns passos foram trilhados visando a refletir acerca da experiência vivida pela população em situação de rua e da sua vulnerabilidade social, ou seja, as estratégias construídas por eles para viver e sobreviver nas ruas.

¹ Campo-tema: expressão utilizada por Peter Spink (2003) para enfatizar que um campo de investigação não é um “universo” distante, separado e independente do/a pesquisador/a. Ou seja, ele não é um “universo empírico” ou o “lugar” onde fazemos nossas observações, mas uma “[...] rede complexa de sentidos, que vai sendo construída num constante diálogo acerca do tema de pesquisa. Diálogo esse ‘debatido’, ‘negociado’ e ‘arguido’, situado dentro de um processo que tem tempo e lugar históricos” (SPINK, P., 2003, p. 28).

2 INTRODUÇÃO

Mendigo, trecheiro, andarilho, errante, morador de rua, homem de rua, habitante da rua, nômade urbano, albergado, sem-teto, *homeless*, membro da população de rua ou do povo da rua: são algumas denominações popularmente e/ou academicamente utilizadas para se referir às pessoas em situação de rua, no Brasil. Mattos (2006) aponta alguns fatores que contribuem para essa diversidade. O primeiro deles diz respeito à variedade de áreas do conhecimento científico que procuram estudar a situação de rua, cada qual enxergando o fenômeno a partir de sua especificidade. Outro fator é a forma de vivenciar a situação de rua, ou seja, os aspectos subjetivos.

O I Encontro Nacional Sobre População em Situação de Rua, realizado em 2005 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), define População em Situação de Rua (PSR) como:

Grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e falta de habitação convencional regular, sendo compelido a utilizar a rua como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente (BRASIL, 2009).

Conforme expresso acima, a população em situação de rua é heterogênea, e esse fato também está ligado a aspectos como as peculiaridades da situação de rua nas diversas regiões brasileiras e a infinidade de histórias de vida desses indivíduos em uma mesma região. Assim, enquanto nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro as pessoas em situação de rua são, em sua maioria, pessoas sozinhas (SCOREL, 1999), na região de Brasília, devido à densa migração nordestina, a população em situação de rua é composta, em sua maioria, por jovens famílias (BUARQUE, 2000).

Para a inserção nessa temática, iniciamos com a revisão da literatura, realizando buscas sistemáticas em bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), visando a identificar como essa temática vem sendo pesquisada no Brasil. Focalizamos os estudos voltados para a compreensão do cotidiano, das táticas e estratégias para sobreviver nas ruas, bem como da articulação da PSR com a política de assistência social. Realizamos consultas sistemáticas ao acervo de artigos, de dissertações de mestrado e de teses de doutorado alocados em páginas eletrônicas de diversas universidades brasileiras.

Esse diálogo inicial com a produção científica possibilitou constatar a heterogeneidade da PSR, conforme definido pelo MDS. Essa complexidade nos instiga e aponta a necessidade da busca por conhecer e compreender tal multiplicidade. Os motivos e circunstâncias de ida/permanência nas ruas, por exemplo, são diversos, bem como a forma como cada pessoa vivencia esse processo.

É necessário pensar a situação de rua como processo em movimento, como processo de realização, que se configura a partir de diversos fatores e condicionantes. É preciso pensar intervenções que reconheçam este processo, principalmente a partir das políticas públicas (PRATES, F. C.; PRATES, J. C.; MACHADO, 2011).

Para Vieira, Bezerra e Rosa (1994, p. 93), a rua pode possuir dois sentidos diferentes para quem a vivencia: ser uma forma de abrigo para as pessoas que, não possuindo recursos, utilizam-se dos espaços públicos para dormir ocasionalmente; ou, ainda, pode “constituir-se em um modo de vida, para os que já têm na rua o seu hábitat e que estabelecem com ela uma complexa rede de relações”.

Foram identificadas três possíveis situações diferentes na situação de rua: ficar na rua, estar na rua e ser da rua. *Ficar na rua* seria uma situação na qual a pessoa não possui recursos para pagar por um abrigo e não consegue vaga em albergues, uma vez que, geralmente, está vivenciando uma situação de desemprego e recusa a vinculação com o “morador de rua”. *Estar na rua* seria a condição daqueles que adotam a rua como espaço para pernoite e não a consideram mais como ameaça, pois já estabelecem relações com pessoas da rua e com instituições sociais, ainda se diferenciando dos “moradores de rua”. *Ser da rua* seria o resultado de um processo de agravamento da situação de precariedade material, física e mental, dificultando, assim, a saída das ruas ou a inserção no mercado de trabalho, sendo que a relação com a rua se torna cada vez mais definitiva (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 1994).

A preocupação com o fenômeno da população de rua é discutida por Barbosa (2017), em sua tese de doutorado, que problematiza diversos aspectos, entre eles o fato de a população em situação de rua aparecer em cenário nacional apenas quando ganha visibilidade, ao ser associada ao consumo de drogas ilícitas, como o *crack*. Embora o discurso das ações governamentais gire em torno da questão da cidadania, do direito ao cuidado integral e, por conseguinte, da ampliação de direitos de cidadania, a autora argumenta outra possível

consequência: “a outra versão do cuidado é o controle das *populações perigosas*² do espaço urbano, especialmente as que ocupam os espaços públicos” (BARBOSA, 2017, p. 28).

É nessa seara de afetações que nos situamos, diante de vidas que, em virtude de causas multifatoriais, despertam vários sentimentos na sociedade, como medo, preconceito, estigma e/ou repulsa. Apontam que, apesar de haver estudos voltados para a temática da População em Situação de Rua, esse ainda é um assunto desconhecido. Neste trabalho, optamos por usar o termo População em Situação de Rua por entendermos a transitoriedade de tal condição social, em detrimento de um elemento estático e rígido denotado em expressões como “morador de rua”.

Conforme exposto, as afetações que motivaram este estudo são fruto de um elenco de indagações que permeiam o meu cotidiano profissional, e foi a partir delas que formulamos a proposta de compreender o cotidiano de pessoas em situação de rua, suas táticas e estratégias para sobreviver nas ruas de Maceió, bem como sua relação com a política da assistência social voltada a esta população. Para tanto, o referencial teórico-metodológico que nos norteia é o das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, fundamentado na perspectiva do Construcionismo Social.

Nossos objetivos específicos são: a) caracterizar os serviços ofertados à PSR, na cidade de Maceió, dando ênfase à política pública de assistência social; b) conhecer as estratégias adotadas, por pessoas em situação de rua, para o enfrentamento de seu cotidiano; c) refletir sobre as estratégias utilizadas e os serviços ofertados à população em situação de rua.

Este estudo é fruto de uma construção coletiva entre a pesquisadora, a orientadora, os atores sociais envolvidos e várias outras vozes, que contribuíram ao longo de todo o processo, seja com sugestões de material para leitura, seja com propostas de alteração do projeto no momento da qualificação. Desta forma, o texto transitará entre a primeira pessoa do singular e

² “A expressão ‘classes perigosas’ parece ter surgido na primeira metade do século XIX. A escritora inglesa Mary Carpenter, por exemplo, em estudo da década de 1840 [...] utiliza a expressão claramente no sentido de um grupo social formado à margem da sociedade civil. Para Mary Carpenter, as classes perigosas eram construídas pelas pessoas que já houvessem passado pela prisão, ou as que, mesmo não tendo sido presas, haviam optado por obter o seu sustento e o de sua família através da prática de furtos e não do trabalho. Em suma, a expressão é utilizada aqui de forma bastante restrita, referindo-se apenas aos indivíduos que já haviam abertamente escolhido uma estratégia de sobrevivência que os colocava à margem da lei” (CHALHOUB, 1996, p. 20).

a primeira do plural, de modo a circunscrever registros da experiência singular da pesquisadora e da produção coletiva.

No que se refere à produção das informações, esta ocorreu com a realização de entrevistas semiestruturadas, com 4 (quatro) pessoas em situação de rua, usuárias do Centro POP de Maceió. Para tal procedimento, foi elaborado, previamente, um roteiro para ser nosso guia na condução das conversas.

Quanto à organização do texto, esta dissertação é composta de 4 (quatro) capítulos. O primeiro traz uma breve explanação sobre a Política Nacional de Assistência Social, no Brasil, apresentando os caminhos trilhados até a promulgação da política direcionada para a PSR. Discorremos, também, sobre os serviços ofertados à PSR e sobre algumas características do seu perfil em Maceió.

No segundo capítulo, apresentamos a revisão dialógica da literatura, a partir da proposta de Walker (2015), sob influência de Montuori (2005), analisando as produções acadêmicas sobre a PSR e a política de assistência social, acessadas em bases de dados eletrônicas.

No terceiro capítulo, discutimos os referenciais teórico-metodológicos do Construcionismo Social e das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos. Apresentamos os caminhos percorridos para a realização das reflexões produzidas em cada etapa trilhada: os protagonistas envolvidos, a escolha e a realização das entrevistas e o modo como analisamos os repertórios produzidos nesses encontros.

O quarto e último capítulo, apresentamos as discussões realizadas, identificando os repertórios produzidos durante as entrevistas e os sentidos do cotidiano, nas estratégias utilizadas por pessoas em situação de rua. Esses repertórios foram articulados com os enunciados presentes na literatura. Finalizamos tecendo algumas reflexões sobre o caminho trilhado.

3 ASSISTÊNCIA SOCIAL ENQUANTO POLÍTICA PÚBLICA PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

A proposta deste capítulo é apresentar um panorama geral da política pública de assistência social, no Brasil, discorrendo sobre os principais eventos ocorridos até a promulgação de direitos destinados à População em Situação de Rua (PSR). Posteriormente, detemo-nos na caracterização dos serviços e da PSR de Maceió, por ser o local de realização da pesquisa empírica.

3.1 A política de assistência social no Brasil

A Constituição Federal (CF) de 1988 traz uma nova concepção para a assistência social brasileira, pois, a partir desta, foram instituídos os direitos sociais. De acordo com o documento, “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 2016, p. 18).

Incluída no âmbito da seguridade social e regulamentada pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), em dezembro de 1993, como política social pública, a assistência social inicia seu trânsito para um campo novo: o campo dos direitos, da universalização dos acessos e da responsabilidade estatal. A LOAS estabelece uma nova matriz para a política de assistência social, inserindo-a no sistema do bem-estar social brasileiro, concebido como o campo da seguridade social, configurando um triângulo juntamente à saúde e à previdência social (BRASIL, 2005).

Além de estabelecer o funcionamento da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), foi criada com o objetivo de garantir uma política de proteção a quem necessita. Em mais de vinte anos de existência, já passou por várias alterações, mas merece destaque a instituição do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que veio para descentralizar a prestação de serviços assistenciais, na intenção de tornar mais efetivo o atendimento à população em situação de vulnerabilidade social.

Segundo o Art. 6º-A da LOAS, a assistência social está organizada em dois tipos de proteção:

- a) Proteção Social Básica (PSB), cujos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social devem prevenir situações de vulnerabilidade e de risco social por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários;

- b) Proteção Social Especial (PSE), entendida como conjunto de serviços, programas e projetos que objetivam contribuir para a reconstrução de vínculos familiares e comunitários, a defesa de direitos, o fortalecimento das potencialidades e aquisições, além da proteção de famílias e indivíduos para o enfrentamento das situações de violação de direitos.

Essas proteções sociais, nos níveis básico e especial, são ofertadas no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), respectivamente, e pelas entidades sem fins lucrativos de assistência social (Art. 6º-C). Iremos nos deter nos equipamentos que estão inclusos na PSE, em razão de nosso objeto, que é a população de rua e suas implicações.

A PSE pode ser de média ou de alta complexidade. A média complexidade compreende o atendimento das famílias e indivíduos com seus direitos violados, mas cujos vínculos familiares não foram rompidos.

As ofertas da PSE de média complexidade são:

- a) Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI) – baseado no apoio, acompanhamento e orientação das famílias e indivíduos que se encontram em situação de ameaça ou violação de direitos. Esse serviço busca a promoção e a restauração de seus direitos, além de fortalecer ou restabelecer os vínculos familiares e comunitários, prevenindo a reincidência de violações.
- b) Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS) – de acordo com a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009), o SEAS é ofertado de forma continuada e programada, com a finalidade de assegurar um trabalho social de abordagem e busca ativa que identifique, nos territórios, a incidência de situações de risco pessoal e social, por violação de direitos como trabalho infantil, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, situação de rua, dentre outras.
- c) Serviço de proteção social a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) – esse serviço realiza acompanhamento e oferece atenção socioassistencial a adolescentes e jovens em cumprimento de medidas determinadas judicialmente. Durante o atendimento, deve ser elaborado um Plano Individual de Atendimento (PIA), para que sejam traçados os objetivos e metas a serem alcançadas, além de outras necessidades surgidas no decorrer do acompanhamento.

- d) Serviço de Proteção Social Especial para Pessoas com Deficiência, Idosas e suas Famílias – serviço voltado para famílias em que existam pessoas com deficiência e/ou idosas, que estejam em situação de dependência e passem por algum tipo de violação de direitos, podendo comprometer a sua autonomia e o seu desenvolvimento pessoal e social. Busca a prevenção do abrigamento e fortalece o direito à convivência familiar e comunitária, além de facilitar o acesso a benefícios, programas e outros serviços socioassistenciais das demais políticas públicas setoriais e do sistema de garantia de direitos.
- e) Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua – ofertado nos Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua (Centro POP), é voltado, especificamente, para o atendimento especializado da população que utiliza as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência. Esse serviço faz parte deste estudo, e é apresentado mais detalhadamente no item 3.4.

Os serviços de alta complexidade são aqueles que garantem a proteção integral, tais como moradia, alimentação, higienização e trabalho protegido para as famílias e indivíduos que se encontram sem referência e/ou em situação de ameaça, necessitando serem retirados do núcleo familiar e/ou comunitário. Para isso, é preciso que sejam atendidos em espaços institucionais que ofereçam atendimento de forma integral.

Os serviços desenvolvidos para esses públicos requerem um acompanhamento individual e uma maior flexibilidade nas soluções protetivas, por exemplo, encaminhamentos monitorados, apoios e processos que assegurem a qualidade na atenção protetiva. A PSE desenvolve serviços socioassistenciais com a perspectiva de restituir direitos sociais e reconstruir laços familiares, comunitários e sociais (BRASIL, 2004).

3.2 A Política Nacional para População em Situação de Rua (PNPR)

Em setembro de 2005, ocorreu o I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua, que visou a discutir, com o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), estratégias coletivas, além de levantar desafios e colher recomendações para a formulação de políticas nacionalmente articuladas. Esse evento foi organizado a partir da percepção de que, apesar de estar previsto o atendimento da população em situação de rua pela PSE, suas necessidades não estavam sendo atendidas.

Como resultado desse processo, foi promulgada a Lei 11.258, de 30 de dezembro de 2005, que incluiu, no artigo 23º da LOAS (Lei 8.742, de 07 de dezembro de 1993), a criação de programas de amparo às pessoas que vivem em situação de rua.

Com o objetivo de construir uma política específica para o atendimento da PSR, foi aprovado, em 25 de outubro de 2006, um decreto que criou um Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) com a finalidade de elaborar diretrizes técnicas e propor medidas necessárias para a criação de programas para PSR, na organização dos serviços de assistência.

Como ação prioritária do GTI, foi destacada a importância da realização de estudos que pudessem quantificar e permitir a caracterização da PSR no Brasil, de modo a orientar a elaboração e a implementação de políticas públicas direcionadas a tal público. Assim, no período de 2007 a 2008, o MDS realizou uma Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Seguem algumas informações sobre o perfil nacional da PSR, resultantes dessa pesquisa (BRASIL, 2008):

- a) a pesquisa abrangeu um conjunto de 71 cidades brasileiras, sendo 48 municípios com mais de 300 mil habitantes e 23 capitais, independente de seu porte populacional;
- b) Belo Horizonte, São Paulo, Recife e Porto Alegre não participaram do censo, pois haviam realizado ou estavam realizando pesquisas semelhantes;
- c) o estudo identificou um contingente de 31.922 adultos em situação de rua. Contudo, a estimativa do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR) é de que esse número seja de 50 mil pessoas;
- d) o censo organizou uma série de informações sobre a PSR brasileira, organizando-a e caracterizando-a a partir dos seguintes aspectos: características econômicas; formação escolar; trajetória na rua; histórico de internação em instituições; pernoite; vínculos familiares e trabalho; acesso à alimentação, serviços e cidadania; discriminações sofridas; e participação em movimentos sociais;
- e) a população de rua é majoritariamente masculina (82%);
- f) 53% encontram-se na faixa etária entre 25 e 44 anos;
- g) 39,1 % declaram-se como pardos e 27,9% como negros.

Outro aspecto indicado é que a PSR não é um grupo homogêneo, e caracteriza-se como sendo composta, em sua maior parte, de afrodescendentes, flanelinhas, catadores de materiais recicláveis, malabaristas, egressos do sistema prisional, pessoas com sofrimento psíquico e pedintes. Uma característica de quase todos os grupos é a baixa escolarização, além

do desemprego e da ausência de domicílio fixo. Muitos migram de grandes metrópoles em busca de novas perspectivas de vida (BRASIL, 2008).

Os motivos apontados pela pesquisa que levaram os entrevistados a morar nas ruas estão relacionados a problemas com drogas e alcoolismo (35%), desemprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%). Quanto ao vínculo familiar, 51,9% dos moradores de rua entrevistados no país têm algum parente na cidade em que moram, contudo, 38,9% deles não mantêm qualquer vínculo com a família (BRASIL, 2008).

No que se refere ao trabalho e à renda, segundo o censo, grande parte desses sujeitos (70,9%) exerce alguma atividade remunerada, destacando-se as atividades de caráter informal, tais como a cata de materiais recicláveis, o serviço de flanelinha, a construção civil, os serviços de limpeza e de carregamento (BRASIL, 2008).

Quanto ao tempo de permanência em situação de rua, 48,8% dessa população estava há mais de dois anos dormindo nas ruas ou em serviços de acolhimento. Em relação à procedência, os dados apontaram uma população predominantemente proveniente das áreas urbanas (72%), sendo uma parte significativa originária do mesmo local no qual se encontrava (45,8%) ou de locais próximos. O comportamento que se convencionou chamar de “trecheiro”, ou seja, com deslocamentos frequentes entre várias cidades, apareceu em apenas 10% da população em situação de rua pesquisada.

As informações apresentadas pela pesquisa fornecem subsídios importantes para se pensar como a PNAS vem atendendo esse universo populacional. À medida que se constata tamanha diversidade, o esforço precisa contemplar, nas diversas estratégias utilizadas, a garantia dessas peculiaridades.

Importante frisar, também, que essa pesquisa apresenta dados quantitativos, sendo necessária e extremamente importante a realização de estudos qualitativos, nos quais a PSR possa expressar suas vivências, estratégias e sentidos sobre as ruas.

Com essas primeiras informações, a população de rua passa a existir e a compor a cena para as estratégias políticas de governo. A partir de maio de 2008, passa a existir uma Política Nacional para Inclusão da População em Situação de Rua (PNPR), como forma de orientar a construção e a execução de políticas públicas voltadas a esse segmento da sociedade, historicamente à margem das prioridades dos poderes públicos.

Após dois anos da instituição dessa política, em novembro de 2010, a Secretaria Nacional de Assistência Social, em conjunto com a Secretaria Nacional de Renda e Cidadania, publicou uma Instrução Operacional que orienta os municípios para a inclusão de

pessoas em situação de rua no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), já em consonância com a orientação da PNPR.

Eixos importantes dessa política são a responsabilização do Estado pela execução e destinação de recursos e a superação da visão histórica que limita o atendimento da população à assistência social, tendo a intersectorialidade como alavanca para a implementação de outras políticas sociais necessárias: saúde e educação, trabalho e habitação, justiça e segurança pública, alimentação, cultura, esporte e lazer.

É importante reconhecer a incompletude da ação institucional e a interdependência entre as políticas para se assegurar o atendimento integral das pessoas em situação de rua, para além das garantias da assistência social. Desse modo, aponta-se a necessidade do trabalho em rede que pressupõe uma atuação integrada, por meio de ofertas que, articuladas, poderão conduzir a respostas mais efetivas, tendo em vista a complexidade das situações de riscos e violações de direitos vivenciadas pela população em situação de rua (BRASIL, 2011, p.10).

Dessa forma, fica clara a visão da política pública que reconhece, na atenção à PSR, a complexidade e a necessidade de requer o envolvimento de várias áreas, como educação, saúde, habitação, cultura, trabalho e emprego, além da assistência social. Assim, o tratamento da questão deve ser multiprofissional e intersectorial.

Em consonância com a PNPR, foi lançado, também, o Programa Nacional dos Direitos Humanos, no dia 21 de dezembro de 2009 (BRASIL, 2010), que contempla a PSR em dezenove ações programáticas distintas, distribuídas, predominantemente, em quatro dos seis eixos temáticos. Propõem políticas nacionais de geração de emprego e renda; enfrentamento ao preconceito; garantia de registro civil; garantia de albergues e abrigos adequados; garantia de acesso a serviços de saúde e a atendimento médico; garantia de criação de centros de referência; garantia de criação de programas de reinserção; garantia de proteção contra abusos e exploração sexual; garantia de campanhas de prevenção à violência contra esse segmento; capacitação de policiais para o atendimento cidadão e não violento em relação à população de rua; punição para policiais que cometam violência contra a população em situação de rua.

Retornando à PNPR, são cinco os seus princípios:

- I. Promoção e garantia da cidadania e dos direitos humanos;
- II. Respeito à dignidade do ser humano, sujeito de direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais;
- III. Direito ao usufruto, permanência, acolhida e inserção na cidade;
- IV. Erradicação de estigmas negativos e preconceitos sociais que produzam ou estimulem novas formas de discriminação e marginalização, seja pela ação, seja pela omissão; e valorização da diferença entre pessoas, qualquer que seja a origem, raça, idade, condição social, nacionalidade, gênero, orientação sexual, origem étnica ou social, atuação profissional, religião, e situação migratória;

V. Supressão de todo e qualquer ato violento e ação vexatória, inclusive os estigmas negativos e preconceitos sociais em relação à população em situação de rua. (BRASIL, 2010, p. 12).

Diante de tais desafios, uma série de ações estratégicas foi definida como agenda mínima necessária no processo de implementação da política. Essas ações foram organizadas nas seguintes áreas de intervenção: Direitos Humanos; Segurança Pública e Justiça; Trabalho e Emprego; Desenvolvimento Urbano e Habitação; Assistência Social; Educação; Segurança Alimentar e Nutricional; Saúde; e Cultura.

Todas as ações elaboradas para cada uma dessas áreas estão intrinsecamente relacionadas. Contudo, como a proposta deste estudo está direcionada à relação entre pessoas em situação de rua e à rede de serviços de assistência social, destacaremos, especificamente, tais ações.

1. Estruturação da rede de acolhida, de acordo com a heterogeneidade e diversidade da população em situação de rua, reordenando práticas homogeneizadoras, massificadoras e segregacionistas na oferta dos serviços, especialmente os albergues;
2. Produção, sistematização de informações, indicadores e índices territorializados das situações de vulnerabilidade e risco pessoal e social acerca da população em situação de rua;
3. Inclusão de pessoas em situação de rua no Cadastro Único do Governo Federal para subsidiar a elaboração e implementação de políticas públicas sociais;
4. Assegurar a inclusão de crianças e adolescentes em situação de trabalho na rua no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil;
5. Inclusão de pessoas em situação de rua no Benefício de Prestação Continuada e no Programa Bolsa Família, na forma a ser definida;
6. Conferir incentivos especiais para a frequência escolar das pessoas inseridas nos equipamentos da Assistência Social, em parceria com o Ministério da Educação;
7. Promoção de novas oportunidades de trabalho ou inclusão produtiva em articulação com as políticas públicas de geração de renda para pessoas em vulnerabilidade social (BRASIL, 2010, p. 16-17).

A situação de rua é repleta de especificidades, sendo necessárias intervenções diferenciadas para que as políticas sejam efetivas. A condição de vida nas ruas já é a denúncia clara e inequívoca da necessidade de ações que levem em conta essa trajetória de rompimentos e perdas e que, ao mesmo tempo, reconheçam o protagonismo das pessoas.

O quadro apresentado a seguir resume os principais marcos da implementação dessa política.

Quadro 01 – Principais marcos da efetivação de direitos da PSR.

ANO	INSTRUMENTO	PRINCIPAIS CONQUISTAS
1988	Constituição Federal	Todos são iguais perante a lei,(art. 5º).

1993	Loas	Regulamentação da Loas em dezembro de 1993, como política social pública.
2004	PNAS – NOB/SUAS	Reconheceu a atenção à população em situação de rua, no âmbito do Suas.
2005	Norma Operacional Básica	NOBSUAS/2005
2006	Decreto de 25 de outubro de 2006	Instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), com a finalidade de elaborar estudos e apresentar propostas de políticas públicas para a inclusão social da população em situação de rua.
2007/2008	I Pesquisa Nacional sobre a PSR	O MDS realizou uma Pesquisa Nacional sobre a PSR, buscando identificar o perfil nacional dessa população.
2008	Política para a PSR	A PSR passa a ter uma Política Nacional para Inclusão da População em Situação de Rua (PNPR).
2009	Programa Nacional dos Direitos Humanos	Em consonância com a PNPR, foi lançado o Programa Nacional dos Direitos Humanos, que contempla a PSR em dezenove ações programáticas distintas, distribuídas, predominantemente, em quatro dos seis eixos temáticos.
2009	Resolução do CNAS	Resolução do Conselho Nacional de Assistência Social nº 109, de 11 de novembro de 2009, que tipifica os serviços socioassistenciais em âmbito nacional.
2010	Inclusão no CadÚnico	Inclusão de PSR no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico).
2011	Cartilha e Orientações Técnicas	Publicação da Cartilha e das Orientações Técnicas sobre a Unidade e o Serviço.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Essas conquistas resultaram na consolidação de uma ampla rede de proteção, de assistência social e, também, na universalização do acesso aos serviços.

3.3 A População em Situação de Rua (PSR)

Conforme já apresentado, a PNPR define a PSR como “um grupo populacional heterogêneo” (BRASIL, 2009, p. 9). Apesar dessa definição expressa, a multiplicidade de condições pessoais, a diversidade de soluções dadas à subsistência e à moradia, as diferenças de tempo em que vínculos familiares se dissolvem e em que novas formas de socialização se consolidam são alguns dos inúmeros fatores que dificultam a formulação de conceitos unidimensionais a respeito da PSR (BRASIL, 2011).

A aprovação da Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009, representou um avanço significativo para a concretização da oferta de ações à PSR no Suas, na medida em que efetivou a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. A tipificação estabeleceu parâmetros para a oferta de serviços socioassistenciais da PSE de média e de alta complexidade direcionados a diversos públicos, dentre os quais a PSR, conforme detalhamento apresentado no quadro 02, abaixo:

Quadro 02 – Serviços socioassistenciais da PSE para população de rua.

PSE DE MÉDIA COMPLEXIDADE	PSE DE ALTA COMPLEXIDADE
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua (ofertado pelo Centro POP); ✓ Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS). 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Serviço de Acolhimento Institucional (para indivíduos e famílias em situação de rua); ✓ Serviço de Acolhimento em República (para pessoas em processo de saída das ruas).

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O referido documento tipificou o Centro POP, unidade prevista no art. 7º do Decreto nº 7.053, de 23 de Dezembro de 2009. Descreveremos, a seguir, esse serviço, com o qual realizamos articulações neste estudo.

3.4 O Centro POP

O Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) constitui-se em uma unidade de referência da PSE de média complexidade, de caráter público estatal, com papel importante no alcance dos objetivos da PNPR. As ações desenvolvidas pelo Centro POP devem integrar-se às demais ações da política de assistência social, dos órgãos de defesa de direitos e das demais políticas públicas, tais como saúde,

educação, previdência social, trabalho e renda, moradia, cultura, esporte, lazer e segurança alimentar e nutricional. Essas políticas devem compor um conjunto de ações públicas de promoção de direitos, que possam conduzir a impactos mais efetivos no fortalecimento da autonomia e das potencialidades dessa população, visando à construção de novas trajetórias de vida (BRASIL, 2011).

Cabe ao órgão gestor territorial o planejamento e a implementação do Centro POP. A implantação da unidade deve ser realizada através de uma elaboração diagnóstica socioterritorial que possa identificar as áreas de maior concentração dessa população. Deve ser implantado em lugares de maior acesso a essa população.

Além do serviço especializado para pessoas em situação de rua, a unidade poderá ofertar, também, o Seas, conforme o planejamento do órgão gestor do local.

O Centro POP pode ser acessado de forma espontânea pela PSR e/ou através de encaminhamento do Seas, por outros serviços da assistência social ou de outra política pública e por órgãos do sistema judiciário.

Na atenção ofertada no Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, devem ser proporcionadas vivências que favoreçam o alcance da autonomia, estimulando, além disso, a mobilização e a participação social dos usuários. Nessa perspectiva, o serviço deve oportunizar espaços e atividades, que possam, efetivamente, contribuir para o convívio grupal, social e para o desenvolvimento de relações de solidariedade, de afetividade e de respeito (BRASIL, 2011).

No Centro POP, deve ser ofertado trabalho técnico para análise das demandas dos usuários, orientação individual e grupal, bem como encaminhamentos para outros serviços socioassistenciais e para as demais políticas públicas que possam contribuir para a construção da autonomia, da inserção social e da proteção às situações de violência.

Em conformidade com a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, constituem público desse serviço: jovens, adultos, idosos e famílias que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência (BRASIL, 2011). Destaca-se que crianças e adolescentes podem ser atendidos pelo Centro POP somente quando estiverem em situação de rua acompanhados de familiar ou pessoa responsável.

As ações desenvolvidas no âmbito do Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua devem ser orientadas, dentre outros, pelos seguintes objetivos (BRASIL, 2011):

- a) possibilitar condições de acolhida na rede socioassistencial;
- b) contribuir para a construção ou reconstrução de novos projetos de vida, respeitando as escolhas dos usuários e as especificidades do atendimento;

- c) contribuir para restaurar e preservar a integridade e a autonomia da população em situação de rua;
- d) promover ações para a reinserção familiar e/ou comunitária.

Em Maceió, há dois Centros POP: um localizado no bairro do Jaraguá e outro no bairro do Farol. Oferecem aos usuários um lanche “reforçado”³, no horário da manhã, e outro no horário da tarde. Funcionam de segunda-feira a sexta-feira, nos dias úteis, no horário das 08h às 17h, com um intervalo de uma hora para almoço dos funcionários.

No serviço, os usuários podem, também, tomar banho, lavar seus pertences e, caso queiram, deixar seus documentos pessoais arquivados/guardados. Atualmente, as equipes técnicas dos Centros POP estão divididas, territorialmente, por Regiões Administrativas (RA), da seguinte forma:

Quadro 03 – Divisão territorial das equipes técnicas dos Centros POP de Maceió/AL (2018).

UNIDADE	ÁREA DE ABRANGÊNCIA
Centro POP I	<p>RA I – Jaraguá / Jatiúca / Mangabeiras / Poço / Ponta Verde / Ponta da Terra / Pajuçara</p> <p>RA V – Jacintinho / Feitosa / Barro Duro / São Jorge / Serraria / Reginaldo</p> <p>RA VIII – Ipioca / Pescaria / Guaxuma / Garça Torta / Jacarecica / Cruz das Almas</p> <p>RA IV – Bom Parto / Bebedouro / Rio Novo / Chã Nova / Chã da Jaqueira / Chã de Bebedouro / Fernão Velho / Mutange / Santa Amélia</p>
Centro POP II	<p>RA II – Vergel / Trapiche / Levada / Ponta Grossa / Prado / Pontal / Dique Estrada / Centro</p> <p>RA III – Jardim Petrópolis / Canaã / Farol / Gruta de Lourdes / Ouro Preto / Pinheiro / Pitanguinha / Santo Amaro</p> <p>RA VI – Benedito Bentes / Antares</p> <p>RA VII – Cidade Universitária / Clima Bom / Santa Lúcia / Santos Dumont / Tabuleiro / Village Campestre</p>

Fonte: Plano Intersetorial de Monitoramento e Acompanhamento da Política Municipal de Atendimento à População em Situação de Rua em Maceió (2018-2020).

³ O cardápio deste lance é bem diverso, mas geralmente é servido uma proteína que pode ser acompanhada de: raízes, carboidratos, etc.

Os Centros POP possuem equipe interdisciplinar, composta por assistentes sociais e psicólogos, que são responsáveis pelo atendimento técnico, pelo encaminhamento e pelo acompanhamento dos usuários. Algumas responsabilidades da equipe são: acompanhar/realizar oficinas, palestras, rodas de conversa; organizar eventos educativos/recreativos nas datas festivas, tais como Natal e Páscoa; trabalhos em grupo. Existe, também, o coordenador, que é responsável por todo o funcionamento do Centro POP.

Fazem parte da equipe, também, profissionais da área administrativa e de apoio, como os auxiliares de serviços gerais, os auxiliares de cozinha e os educadores sociais. Estes últimos são responsáveis por desenvolver atividades diversas, tais como sessões de filmes, atividades recreativas, jogos etc.

O vínculo de trabalho dos profissionais que lá atuam é diverso, sendo eles servidores efetivos vinculados à Prefeitura Municipal de Maceió ou funcionários contratados por empresas que prestam serviço à prefeitura, além dos contratados no processo seletivo feito pela Semas.

O Centro POP 1 atende, em média, 30 usuários por turno. Já o POP 2 atende, em média, 20. Geralmente, o horário da manhã é o mais concorrido, atingindo a capacidade máxima logo na primeira hora de funcionamento. Na chegada ao serviço, o usuário deve procurar a recepção e identificar-se. Se for um novo usuário, ele deverá aguardar o atendimento do técnico responsável. Em seguida, deve apresentar-se aos guardas municipais que fazem a revista nos pertences e no usuário, com um detector de metais. Os pertences ficam guardados em armários na entrada. A segunda-feira é um dos dias mais movimentados, por ser o primeiro dia útil após o fim de semana, quando o órgão está fechado e, geralmente, é o dia em que os usuários estão mais agitados, provavelmente em virtude dos acontecimentos do fim de semana, tais como o uso excessivo de drogas lícitas e ilícitas, a fome, a falta de higiene, entre outras várias situações.

A estrutura física é composta por salas que são organizadas de acordo com a necessidade de cada serviço. O Centro POP 2 tem muita dificuldade em relação ao espaço físico, pois é um prédio menor e com pouca iluminação natural. O Centro POP 1 é mais arejado, fica localizado em frente à Praia da Avenida, também num prédio antigo, que apresenta problemas estruturais.

Os usuários geralmente procuram o serviço devido à necessidade de alimentação e de banho. Para a higienização, são disponibilizados sabonete, pasta de dente e desodorante (em virtude da quantidade, colocado na mão do usuário para que ele possa passar no corpo). Caso queiram, podem solicitar atendimento dos técnicos. Concluída a refeição, poucos usuários

permanecem no prédio. Geralmente, a refeição da manhã é servida às 10h; a da tarde, às 14h. Quando são realizadas atividades pela equipe técnica e/ou pelos educadores sociais, elas acontecem antes da refeição ser servida, visando atingir o maior número de participantes. Uma grande demanda é a necessidade de regularização da documentação pessoal, pois muitos usuários perdem-na e ficam impossibilitados de acessar outros benefícios. Quando isso ocorre, eles são encaminhados à Defensoria Pública. O público que frequenta o centro é majoritariamente masculino.

A PSR é contemplada com o rol dos benefícios socioassistenciais que o governo federal oferta, dentre eles o PBF (Programa Bolsa Família). A primeira porta de acesso a todos os benefícios ofertados é a inserção no Cadastro Único. Caso seja aprovado na avaliação socioeconômica, o usuário passa a receber uma quantia de aproximadamente R\$ 89,00 (oitenta e nove reais) por mês, caso não tenha dependentes. Se houver dependentes, há um acréscimo nesse valor. No Centro POP 1, há uma profissional do CadÚnico que fica responsável pelo cadastro, para o qual são necessários documentos pessoais como o CPF (Cadastro de Pessoa Física) e o RG (Registro Geral).

Existem regras de convivência no serviço: não é permitido usar nenhum tipo de droga lícita ou ilícita no ambiente; não é possível entrar no equipamento com resquícios do uso de drogas; não é permitido portar nenhum tipo de arma, nem instrumentos que possam machucar alguém; também não são permitidas discussões entre os usuários. Além disso, há a necessidade do zelo com os equipamentos, móveis e utensílios; bem como do respeito aos profissionais que compõem as equipes. Caso o usuário infrinja alguma regra, ele poderá sofrer sanções, que vão desde advertências e suspensões até o desligamento definitivo, impedindo-o de acessar o serviço. As medidas disciplinares são válidas para os dois Centros POP, ou seja, se o usuário for suspenso, ele não poderá frequentar nenhum dos dois serviços. A aplicação dessas medidas disciplinares é realizada pelo profissional que acompanhar a situação conflituosa. Na maioria dos casos, trata-se de momentos tensos, pois o usuário não recebe bem essa punição, uma vez que ficar impedido de frequentar o Centro POP implica ter que encontrar outras estratégias para ter acesso a alimentação e banho, por exemplo.

Dias antes da realização das entrevistas no Centro POP 1, havia ocorrido uma briga entre um grupo de usuários e um guarda municipal que tentou conter a situação. Um usuário não gostou de uma decisão tomada internamente e o guarda tentou acalmá-lo, pois ele estava agredindo verbalmente os funcionários. Este não gostou e agrediu fisicamente o guarda, que utilizou seus equipamentos de trabalho para contê-lo. Uma parte dos demais usuários que se encontravam no local solidarizou-se com o usuário e também entrou na briga, criando um

momento muito tenso. Conto essa história com base no depoimento dos funcionários e de dois participantes deste estudo, que estavam no serviço no dia da briga. Ilustro esse acontecimento, para sinalizar que situações conflituosas ocorrem no decorrer do expediente.

Pudemos observar pelos relatos da situação citada acima, que esta pode possuir diferentes versões. O Centro POP 1 ficou fechado por aproximadamente uma semana, até que a rotina se regularizasse. Os funcionários reclamaram da falta de segurança, enquanto os usuários disseram que a ação do guarda foi abusiva.

As entrevistas foram realizadas nos dois Centros POP, nas salas de atendimento, com estrutura física satisfatória para o momento. No capítulo que versa sobre a metodologia, falaremos, com mais detalhes, sobre o momento.

3.5 A política de assistência social para a PSR em Maceió

Maceió é a capital do estado de Alagoas, ocupando uma área de 510,655 km². É o município mais populoso do estado e integra, com outros dez municípios alagoanos, a Região Metropolitana de Maceió⁴. De acordo com o anuário estatístico, a população, em 2018, estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 1.012.382 habitantes⁵.

A área do município está dividida em 08 Regiões Administrativas (RA), compreendendo os 50 bairros, conforme o quadro 04, apresentado a seguir:

Quadro 04 – Divisão dos bairros de Maceió por Regiões Administrativas (2018)

RA	BAIRROS DE ABRANGÊNCIA
I	Poço, Jaraguá, Ponta da Terra, Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca, Mangabeiras.
II	Centro, Pontal da Barra, Trapiche da Barra, Prado, Ponta Grossa, Levada, Vergel do Lago.
III	Farol, Pitanguinha, Pinheiro, Gruta de Lourdes, Canaã, Santo Amaro, Jardim Petrópolis, Ouro Preto.

⁴ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maceió>. Acesso em: 22 mar. 2019.

⁵ Informações do *site* oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maceio/panorama>. Acesso em: 22 mar. 2019.

IV	Bebedouro, Chã de Bebedouro, Chã de Jaqueira, Petrópolis, Santa Amélia, Fernão Velho, Rio Novo, Bom Parto, Mutange.
V	Jacintinho, Feitosa, Barro Duro, Serraria, São Jorge.
VI	Benedito Bentes, Antares.
VII	Santos Dumont, Clima Bom, Cidade Universitária, Santa Lúcia, Tabuleiro do Martins.
VIII	Jacarecica, Guaxuma, Garça Torta, Cruz das Almas, Riacho Doce, Pescaria, Ipioca.

Fonte: Prefeitura Municipal de Maceió⁶.

Maceió possui um Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Municipal para População em Situação de Rua. Esse comitê foi instituído através do Decreto nº 7.199, de 11 de novembro de 2010, com as seguintes atribuições:

- a) sugerir ações, projetos e programas para a População em Situação de Rua;
- b) acompanhar e monitorar o desenvolvimento da política municipal para a População em Situação de Rua;
- c) propor medidas que assegurem a articulação intersetorial das políticas públicas municipais para o atendimento da População em Situação de Rua;
- d) deliberar sobre a forma de condução dos seus trabalhos.

A criação do Comitê Intersetorial está ligada à trágica história de violência contra a PSR de Alagoas, durante os anos de 2010 e 2012. Após a constatação de uma sequência de homicídios contra pessoas em situação de rua, da veiculação de diversas reportagens, de denúncias e da pressão popular dos movimentos sociais, o município mobilizou-se para buscar respostas e desenvolver estratégias e serviços voltados para a PSR. O comitê está na segunda composição, e seus atuais membros foram empossados em 2013.

3.5.1 Caracterização dos serviços ofertados à PSR em Maceió

Conforme descrito no Plano Intersetorial de Monitoramento e Acompanhamento da Política Municipal de Atendimento à População em Situação de Rua em Maceió (2018 – 2020), os serviços ofertados à PSR, em Maceió, são:

⁶ Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/pdf/2017/10/ANEXO-14-REGIÕES-ADMINISTRATIVAS.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2019.

Serviço Especializado em Abordagem Social (Seas): esse serviço já foi mencionado no decorrer deste capítulo, mas faz-se necessário complementar algumas informações sobre a composição da equipe de profissionais e a divisão do território de atuação. É composto por uma equipe técnica interdisciplinar, formada por assistente social e psicólogo. Possui, também, profissionais de apoio como educadores sociais, motoristas etc.

Atualmente, as equipes do Seas estão territorialmente divididas da seguinte forma:

Quadro 05 – Divisão territorial das equipes Seas/Semas (2018)

UNIDADE CREAS	TERRITÓRIO DE ABRANGÊNCIA	ENDEREÇO/CONTATO
Creas Jatiúca	Ipioca Pescaria Riacho Doce Garça Torta Guaxuma Jacarecica São Jorge Cruz das Almas Ponta da Terra Serraria Jatiúca Mangabeiras Pajuçara Jaraguá Barro Duro Ponta Verde Grota do Aterro	Rua Deputado Luiz Gonzaga Coutinho, 210, Jatiúca (82) 3315-1605
CREAS Poço	Feitosa Jacintinho Poço Vale do Reginaldo (todo)	Praça Raul Ramos, S/N, Poço (82) 3327-3239

CREAS Orla Lagunar	Bom Parto Centro Levada Mutange Pinheiro Pitanguinha Pontal da Barra Prado Farol Trapiche Vergel do Lago Grotas Moenda e Vale da Amizade	Rua Santos Pacheco, 342, Prado (82) 3221-2309
CREAS Santa Lúcia	Cidade Universitária Tabuleiro dos Martins Santa Lúcia Jardim Petrópolis Canaã Gruta Ouro Preto Santo Amaro Gruta Cycosa	Avenida Belmiro Amorim, 346, Santa Lúcia (82) 3315-6428
CREAS Benedito Bentes	Benedito Bentes Antares Conjunto Aprígio Vilela	Conjunto Cidade Sorriso II, Rua P, Quadra E, Lote 07, Benedito Bentes (82) 3315-5919

Fonte: Plano Intersetorial de Monitoramento e Acompanhamento da Política Municipal de Atendimento à População em Situação de Rua em Maceió (2018-2020).

Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro POP): em virtude do objeto deste estudo, esse serviço também já foi descrito no decorrer do capítulo, sendo necessário, apenas, complementar algumas informações sobre a localidade de cada unidade do Centro POP.

1 – Centro POP I (Endereço: Av.da Paz, 994, Jaraguá / Telefone: (82) 3357-7029)

2 – Centro POP II (Endereço: Av. Tomás Espíndola, 86, Farol / Tel.: (82) 3315-1193)

Casa de Passagem Professor Manoel Coelho Neto: oferece serviço de acolhimento temporário e especializado para pessoas em situação de rua, usuários que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência. Funciona 24 (vinte e quatro) horas por dia, 07 (sete) dias por semana, de forma ininterrupta. O período de permanência do usuário não é rígido, dependendo de cada caso. Sua capacidade média é de 50 (cinquenta) pessoas. Sua

estrutura física é bem precária: trata-se de um prédio fechado, escuro, sem muitas possibilidades de receber esse público. No entanto, a demanda é grande, e sua capacidade não a comporta.

Endereço: Av. Comendador Leão, S/N, Poço - Telefone: (82) 3315-3003

Casa de Passagem Familiar: oferece serviço de acolhimento temporário e especializado para famílias em situação de rua que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência. Para ingressar nesse equipamento, é necessário ser uma família (pai, mãe e criança. A mulher gestante também pode frequentar, desde que comprove a gravidez). Foi inaugurado em janeiro de 2017. Funciona 24 horas, todos os dias da semana.

Endereço: Ladeira Eustáquio Gomes de Melo, 87, Centro. Telefone: (82) 3221-1964

Centro de Atendimento Socioassistencial (Casa): No Casa, funciona a Coordenação Geral de Benefícios Assistenciais, visando a atender famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade social temporária, situação de calamidade pública. Entre os serviços ofertados, estão: cartão de passageiro especial (incluindo a perícia médica); cartão do idoso; benefício de prestação continuada (BPC); auxílio moradia; auxílio funerário; plantão social. Geralmente, encaminhamos os usuários para os seguintes benefícios: cesta básica, auxílio moradia e passagem para outros destinos. Os encaminhamentos são acompanhados de um relatório técnico que justifica a demanda. Um grande impasse para a concessão desses benefícios são as pendências documentais.

Endereço: Avenida Amazonas, 90, Prado

Horário de funcionamento: 8h às 14h / Telefone: (82) 3315-7018

Cadastro Único: o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) é um instrumental para identificação e caracterização de famílias e indivíduos de baixa renda. A PSR tem prioridade na inserção do cadastro. O ministério disponibiliza um formulário que deve ser preenchido para cada componente da família em situação de rua, viabilizando, assim, o reconhecimento das características e demandas específicas. Conforme exposto, a inclusão da profissional no Centro POP 1 facilitou muito o acesso do usuário ao benefício do Bolsa Família, permanecendo, no entanto, a dificuldade de adesão em virtude da falta de documentação.

Endereço: Rua Barão de Atalaia, 753, Poço

Horário de funcionamento: 8h às 14h / Telefone: (82) 98882-8227

Consultório na Rua: vinculado à Secretaria Municipal de Saúde (SMS), é composto por uma equipe multidisciplinar e lida com diferentes problemas e necessidades de saúde da PSR. Desempenha suas atividades *in loco*, de forma itinerante e compartilhada, integrada às Unidades Básicas de Saúde (UBS) e, quando necessário, também com as equipes dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps), dos serviços de Urgência e Emergência e de outros pontos de atenção, de acordo com a necessidade do usuário (Portaria MS nº 122/2012).

- Localização das equipes:

Equipe de Consultório na Rua – Jaraguá/Orla (noite);

Equipe de Consultório na Rua – Vergel (tarde);

Equipe de Consultório na Rua – Centro (tarde / noite);

Equipe de Consultório na Rua – Benedito Bentes (tarde/ noite);

Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas – Caps AD III Dr. Everaldo Moreira: também vinculado à SMS, funciona 24 horas por dia e é um serviço específico para o cuidado e a atenção integral e continuada às pessoas com necessidades em decorrência do uso de álcool, *crack* e outras drogas. Seu público específico são os adultos, mas também é possível atender crianças e adolescentes, desde que observadas as orientações do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Endereço: Rua Virgínio de Campos, S/N, Farol / Telefones (82) 3315-3075

Grupamento de Atenção à População em Situação de Rua (GPOP): criado no âmbito da Guarda Municipal de Maceió, por meio da Portaria nº 14, de 16 de dezembro de 2010, tem como objetivo executar, de forma complementar, ações e atividades orientadoras e preventivas de segurança comunitária para tal segmento social. Composto por 15 (quinze) guardas municipais sob a coordenação de um inspetor. Atua 24 horas.

3.5.2 A PSR em Maceió

Maceió não possui um mapeamento da PSR. Para caracterizá-la, utilizamos as informações disponibilizadas pela Semas, através do Plano Intersetorial de Monitoramento e Acompanhamento da Política Municipal de Atendimento à População em Situação de Rua. Tivemos acesso aos planos dos períodos de 2015-2017 e 2018-2020. Neste estudo, optamos por utilizar as informações oficiais disponibilizadas nesses planos. O Centro POP e o Seas produzem, mensalmente, relatórios com as informações sobre o perfil da PSR atendida.

A equipe do SEAS elaborou, de janeiro a dezembro de 2017, o levantamento quantitativo das pessoas abordadas na rua sem residência, conforme o disposto no quadro 06, abaixo:

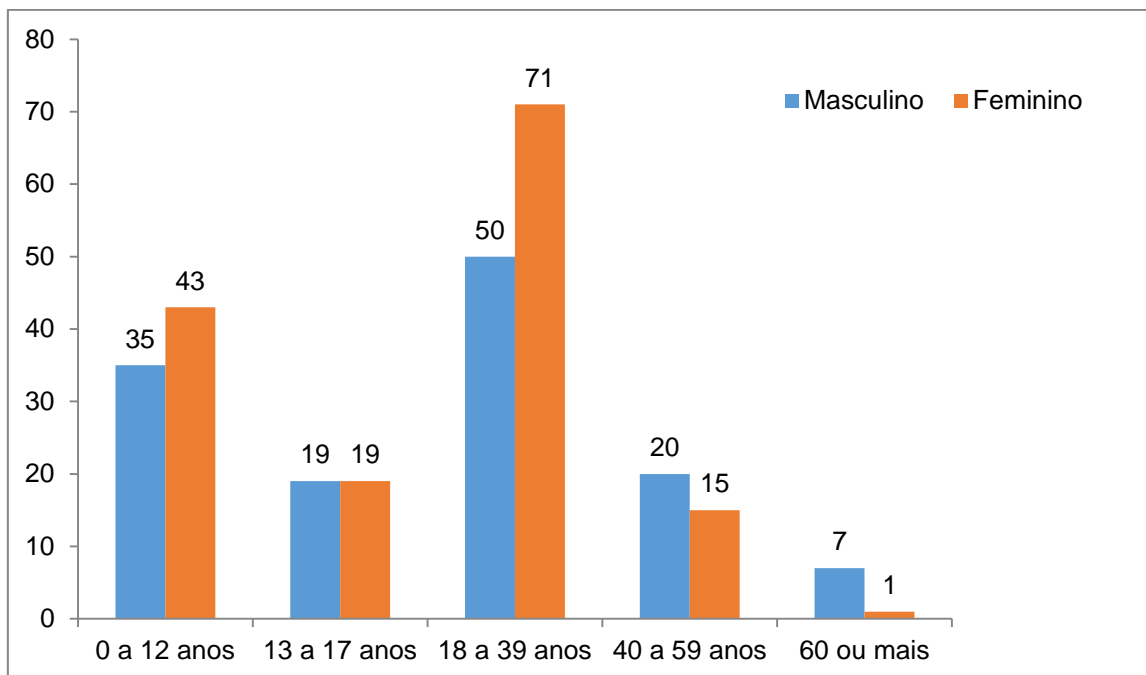
Quadro 06 – Pessoas abordadas na rua, sem residência, pela equipe Seas/Semas (2017)

MÊS	MASC.	FEM.	TOTAL
Janeiro	31	21	52
Fevereiro	33	28	61
Março	50	32	82
Abril	29	14	43
Maio	44	21	65
Junho	39	20	59
Julho	29	13	42
Agosto	35	20	55
Setembro	40	10	50
Outubro	27	12	39
Novembro	41	28	69
Dezembro	33	20	53
Total	431	239	670

Fonte: Plano Intersetorial de Monitoramento e Acompanhamento da Política Municipal de Atendimento à População em Situação de Rua em Maceió (2018-2020).

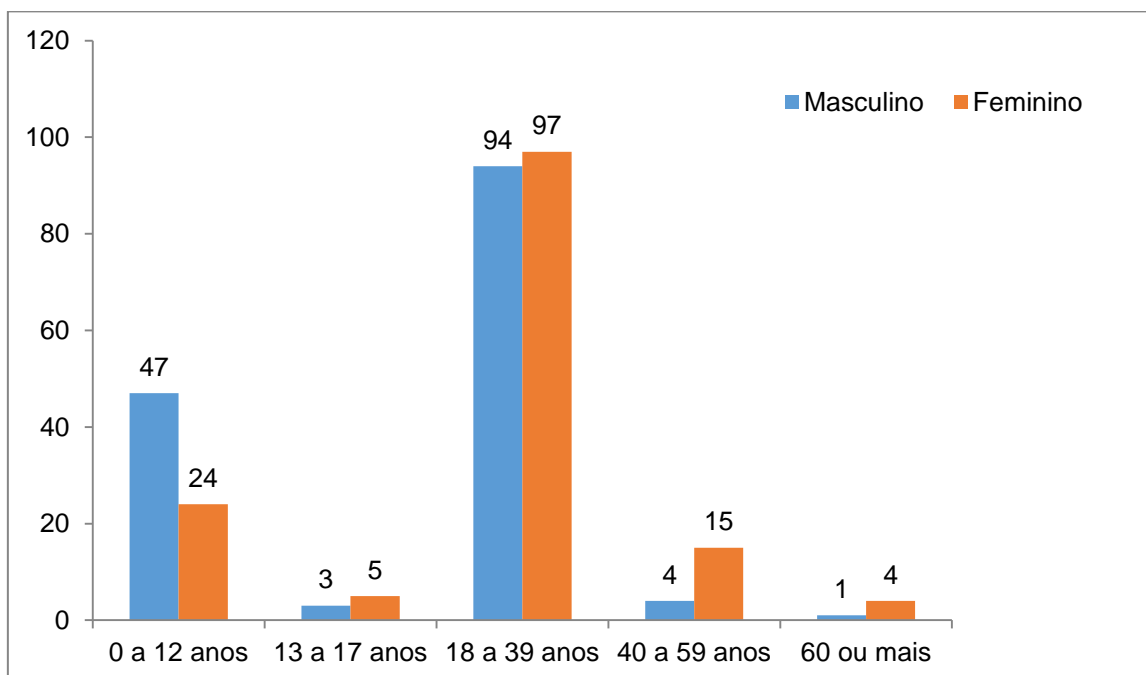
O quantitativo dos usuários atendidos nos Centros POP, em 2014, é apresentado nos gráficos 01 e 02, com os dados distribuídos por faixa etária e por sexo.

Gráfico 01 – Usuários atendidos no Centro POP I (2014)



Fonte: CGGIRT e Centro POPs, 2014 – Semas

Gráfico 02 – Usuários atendidos no Centro POP II (2014)



Fonte: CGGIRT e Centro POPs, 2014 - Semas

A maior incidência está na faixa etária compreendida entre 18 a 39 anos, informação compatível com a pesquisa realizada pelo MDS (BRASIL, 2008). Menores de idade também passaram pelo serviço, apesar de eles não serem o seu público-alvo.

Conforme detalhamos, as políticas públicas direcionadas à PSR vêm avançando no decorrer dos últimos anos. Aprofundar as discussões/problemáticas que perpassam a PSR é uma forma de procurar entender as dificuldades vividas por esse público. Uma das formas de buscar esse conhecimento é através do acesso aos estudos publicados sobre o assunto. No próximo capítulo, abordaremos tais questões.

4 A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA LITERATURA ACADÊMICA

A etapa da revisão da literatura é um processo inerente ao ato de pesquisar. Montuori (2005) defende que a revisão da literatura pode ser uma oportunidade para pesquisas criativas, um diálogo com a comunidade científica e com aqueles que fazem parte dela. Portanto, o revisor é um participante ativo na construção desse diálogo e não meramente um espectador que visa a reproduzir, da melhor maneira possível, trabalhos e temas relevantes.

A pesquisadora Walker (2015), influenciada pelas ideias de Montuori (2005), também reflete sobre o processo de revisão da literatura. Para ela, esta etapa pode criar um conhecimento transformador. Ao realizar uma revisão, a autora busca expor o contexto relacional dos textos. Logo, monta conexões, explora os padrões e interações relacionais destes, como se os textos conversassem e debatessem de forma respeitosa entre si. Desse modo, busca estabelecer um diálogo entre os textos e consigo mesma.

Assim, inspiradas nesses textos, apresentamos, neste capítulo, o caminho que seguimos para realizar uma revisão dialógica da literatura técnico-científica sobre a PSR, articulada à política pública de assistência social, balizando reflexões sobre como essa temática vem sendo discutida no Brasil. Para tal, fomos norteadas pelas produções científicas acessadas nas bases de dados e em textos sugeridos por especialistas na temática, que contribuíram indicando produções e complementando nosso estudo.

4.1 Levantamento nas bases de dados

Nossa aproximação inicial com as produções científicas sobre a PSR foi a partir da pesquisa em bases de dados. Considera-se que as bases de dados não só organizam e veiculam, como também legitimam as informações que armazenam, funcionando, assim, como ferramentas midiáticas da ciência (RIBEIRO; MARTINS; LIMA, 2015).

Buscamos as publicações científicas nacionais nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*; *Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)* e *Google Acadêmico*. Esse procedimento possibilitou a construção de um cenário sobre onde, quando e quais áreas de conhecimento têm produzido pesquisas sobre população em situação de rua e política pública de assistência social.

Iniciamos a pesquisa com a estratégia de utilizar os descritores "população em situação de rua" e "assistência social" em todas as bases de dados. Tal fato se justifica, pois a união dessas terminologias engloba a proposta deste estudo. No entanto, acessando as bases de dados, foi possível constatar que não era possível usar os mesmos descritores em todas

elas, visto que, ora obtivemos uma quantidade significativa de trabalhos, ora não obtivemos nenhum resultado (cf. quadro 07). Dessa forma, em cada base de dados, fomos alterando os descritores e refinando a forma de busca.

No portal da Capes, ao usar os descritores "população em situação de rua" e "assistência social", obtivemos 15 publicações relacionadas. Após ler os títulos e resumos, conseguimos identificar que 04 (quatro) estavam ligadas à proposta deste estudo.

No Google Acadêmico, com os mesmos descritores utilizados no portal da Capes, a pesquisa resultou em 2.150 trabalhos, número bastante significativo. Optamos, então, por delimitar os critérios de busca e passamos a usar os descritores "modos de vida da população de rua", "população adulta de rua" e "sistema único de assistência social", identificando 34 estudos. Após a leitura dos títulos e resumos, selecionamos 12 publicações.

No SciELO, iniciamos com os descritores "população em situação de rua" e "assistência social", e não encontramos nenhuma publicação. Alteramos a busca para o descritor "população de rua", resultando em 24 trabalhos. Após a leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 04 deles.

Os critérios utilizados para o refinamento do material acessado foram:

- a) temático: produções que abordassem a população adulta em situação de rua e a Política Pública de Assistência Social;
- b) linguístico: estudos publicados em língua portuguesa, porque nosso interesse é compreender como a temática vem sendo discutida no Brasil;
- c) cronológico: não houve delimitação de tempo como critério de busca das publicações, com o propósito de visualizar como essa temática tem sido discutida ao longo do tempo;
- d) critérios de exclusão: publicações repetidas, não disponibilizadas na íntegra *online*, trabalhos inseridos em outras políticas públicas, estudos de nível de graduação (trabalhos de conclusão de curso, relato de estágio etc.) e pesquisas com outros participantes, tais como crianças e adolescentes.

As exclusões dos trabalhos foram realizadas usando como referência os critérios definidos acima. As bases de dados foram acessadas nos meses de setembro e outubro de 2017.

Quadro 07 – Panorama geral da revisão da literatura.

BASE DE	DESCRITORES UTILIZADOS	PUBLICAÇÕES
----------------	-------------------------------	--------------------

DADOS		Encontradas	Excluídas	Finais
Capes	"população em situação de rua" + "assistência social"	15	11	04
Google Acadêmico	"população em situação de rua" + "assistência social"	2.150	-----	-----
	"modos de vida da população de rua"	09	05	04
	"população adulta de rua" + "sistema único de assistência social"	25	17	08
SciELO	"população em situação de rua" + "assistência social"	-----	-----	-----
	"população de rua"	24	20	04
TOTAL				20

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Esse levantamento resultou na seleção de 20 (vinte) artigos, dissertações e teses, detalhados no quadro 08.

Quadro 08 – Síntese das publicações selecionadas

BASE DE DADOS	PUBLICAÇÕES			
	Artigos	Dissertações	Teses	Total
Capes	02	02	---	04
Google Acadêmico	02	08	02	12
SciELO	03	01	----	04
TOTAL	07	11	02	20

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

4.2 Resultados: apresentação e discussões

O levantamento inicial possibilitou refletirmos sobre o campo-tema. Essa etapa é uma imersão nas produções sobre a PSR e a assistência social, constituindo um momento imprescindível para a definição do foco desta pesquisa.

Para a discussão dos textos, começamos analisando-os com base nos seguintes aspectos: regiões brasileiras; ano de publicação; área de conhecimento; eixos temáticos. Esse procedimento possibilitou a construção de um panorama geral dos estudos selecionados.

No quadro 09, as publicações selecionadas estão detalhadas por quantidade de trabalhos, de acordo com as regiões/estados em que foram produzidas.

Quadro 09 – Distribuição das produções científicas sobre PSR, por localidade.

REGIÕES \ ESTADOS	MG	SP	CE	RN	RS	ES	SC	PR	TOTAL
Sul	--	--	--	--	05	--	02	01	08
Sudeste	02	06	--	--	--	02	--	--	10
Nordeste	--	--	01	01	--	--	--	--	02
Norte	--	--	--	--	--	--	--	--	00
Centro-Oeste	--	--	--	--	--	--	--	--	00
TOTAL									20

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

A distribuição geográfica dos estudos acessados leva-nos a observar uma maior concentração nas regiões Sul e Sudeste, com destaque para os estados de São Paulo (ROSA; BRÊTAS, 2015; ANDRADE; COSTA; MARQUETTI, 2014; MATTOS, 2006; SILVA, C. S., 2012; KASPER, 2006; SERRANO, 2004) e Rio Grande do Sul (PAULA, 2012; PIZZATO, 2012; GOMES, 2006; ROSARIO, 2015; SILVA, T. L. 2012).

Conforme mencionado no capítulo anterior, a pesquisa realizada pelo MDS (BRASIL, 2008) traçou um perfil da PSR no Brasil. Dentre as informações apresentadas, está o quantitativo da PSR nas cidades. No quadro 10, logo abaixo, está o detalhamento dessa informação.

Quadro 10 – Quantitativo da PSR com base na Pesquisa Nacional.

PESQUISA	ANO	QUANTIDADE
Nacional – MDS (71 municípios)	2007/2008	31.922
Belo Horizonte	2005	1.157
Recife	2005	888

Porto Alegre	2008	1.203
São Paulo	2009	13.666
TOTAL		48.836

Fonte: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (BRASIL, 2008).

O quadro acima apresenta o somatório do contingente da pesquisa nacional com os números das pesquisas municipais realizadas em Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Recife. Um outro ponto é que, apesar de as informações do quadro 10 estarem expressas por cidades (nosso levantamento anterior tomou como referência os estados e as regiões brasileiras), mantém-se a equivalência entre o número de produções nos locais, pois se observa um maior contingente da PSR nas regiões Sul e Sudeste.

Uma dificuldade é a defasagem das informações oriundas da pesquisa do MDS, pois esses dados foram registrados no ano de 2008. No entanto, até o momento, não houve uma nova pesquisa, de abrangência nacional, que retrate a situação atual dessa população.

Nos anos de 2007/2008, foi realizada, na cidade de Porto Alegre, uma pesquisa intitulada “*Diversidade e Proteção Social: estudos quanti-qualitativos das populações de afrobrasileiros; coletivos indígenas; crianças, adolescentes e adultos em situação de rua; remanescentes de quilombos*” (GEHLEN, 2008). A pesquisa identificou 1.203 pessoas em situação de rua, sendo 81,8% do sexo masculino. Uma grande parcela do segmento em situação de rua está na faixa etária entre 25 e 34 anos (30%). Dessa população, metade é natural de Porto Alegre ou da região metropolitana (52%); os migrantes de outros municípios do Rio Grande do Sul são 35%, e os de outros estados são 6,9%.

Dentre os estudos selecionados, dois foram realizados na região Nordeste, um no estado do Ceará (PINTO, 2015) e outro no estado do Rio Grande do Norte (MATIAS; FRANCISCHINI, 2010). No que diz respeito ao estado de Alagoas, mais especificamente ao município de Maceió, local de nossa pesquisa, não foram localizadas produções em nosso levantamento.

Uma outra forma de observar as 20 (vinte) publicações selecionadas é organizando a sua distribuição numa linha de tempo, situando a quantidade de produções científicas sobre a PSR e sobre a assistência social por ano, conforme o quadro 11, abaixo:

Quadro 11 – Distribuição das produções científicas sobre PSR, por ano de publicação.

2004	2006	2007	2009	2012	2013	2014	2015	2016	TOTAL
1	3	1	1	5	1	1	6	1	20

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

As publicações selecionadas compreendem o período entre 2004 e 2016, sendo que os anos de 2006, 2012 e 2015 concentram um quantitativo mais expressivo. Em 2004, houve a aprovação da PNAS, na qual foram definidas as bases para o novo modelo de gestão em todo o território brasileiro. Entretanto, ressaltamos que não delimitamos o tempo nos critérios de busca das produções.

Na sequência, as áreas de conhecimento dos pesquisadores são analisadas, de acordo com o quadro 12, que apresenta a quantidade de produções por área.

Quadro 12 – Distribuição das produções científicas sobre PSR, por área de conhecimento.

ÁREA DO CONHECIMENTO	QUANTIDADE DE PRODUÇÕES
Serviço Social	7
Psicologia	6
Ciências Sociais	2
Enfermagem	2
Sociologia	2
Terapia Ocupacional	1
Total	20

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Podemos observar que o Serviço Social e a Psicologia são as áreas de conhecimento que apresentam maior número de publicações sobre PSR e assistência social, sendo também as categorias profissionais que passam a compor, obrigatoriamente, as equipes, através da Resolução nº 17 CNAS, de 20 de junho de 2011, que atualiza a NOB-RH/SUAS.

A fim de possibilitar o diálogo com as pesquisas acessadas, analisamos as aproximações entre elas, sendo possível agrupá-las em eixos temáticos, conforme segue:

- a) política de assistência social: implantação, avaliação e críticas;
- b) caracterização do fenômeno da PSR;

c) histórias de vida da PSR.

Para essa classificação, foram analisados os resumos e, em alguns casos, o texto integral das 20 (vinte) produções, para que as temáticas fossem identificadas, sistematizadas e organizadas. Fundamentados nas publicações pesquisadas, os eixos temáticos podem ser descritos como:

Eixo Temático 1 – Política de assistência social: implantação, avaliação e críticas: neste bloco, estão agrupadas as publicações que versam sobre a Política Pública de Assistência Social destinada à PSR, englobando situações que vão desde a sua implantação até avaliações e críticas a seu respeito.

Eixo Temático 2 – Caracterização do fenômeno da PSR: neste item, estão inclusas as publicações que registram os vínculos/origens do fenômeno, bem como as mudanças ocorridas no mundo que acarretam o crescimento da PSR.

Eixo Temático 3 – Histórias de vida da PSR: neste bloco, estão inclusos os trabalhos que descrevem a vida da PSR, bem como as estratégias e as táticas desenvolvidas para tornar a rua um lugar de moradia.

Quadro 13 – Distribuição das produções científicas sobre PSR, por eixo temático.

	EIXO TEMÁTICO	QUANT	AUTORES
1	Política de assistência social: implantação, avaliação e críticas	05	LAMY; OLIVEIRA (2013); LOPES; PINHEIRO; HECKERT (2016); PAULA (2012); PIZZATO (2012); SARMENTO (2015)
2	Caracterização do fenômeno da PSR	03	MATIAS; FRANCISCHINI (2010); SILVA, C. L. da (2012); PINTO (2015)
3	Histórias de vida da PSR	12	ANDRADE; COSTA; MARQUETTI (2014); ROSA; BRÊTAS (2015); CARAVACA-MORERA; PADILHA (2015); COSTA; MESQUITA; CAMPOS (2015); GOMES (2006); KASPER (2006); KUNZ; HECKERT; CARVALHO (2014); MATTOS (2006); MENDES (2007); ROSARIO (2015); SERRANO (2004); SILVA, T. L. da (2012).

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

4.3 Dialogia com a literatura

Baseadas na proposta de diálogo criado por Montuori (2005) e Walker (2015), buscamos aproximar-nos de uma revisão dialógica, desconstruindo as tradicionais revisões da literatura que apenas reproduzem o conteúdo dos textos. Esse exercício de construção dessa proposta de trabalho apresentada por esses autores foi significativa para nós e certamente irão nos acompanhar por todas as nossas pesquisas futuras.

4.3.1 Eixo Temático 01 – Política de assistência social: implantação, avaliação e críticas

Apresentamos, no quadro abaixo, os trabalhos que foram vinculados ao eixo temático Política de Assistência Social, situando-os quanto à autoria, título, tipo de produção e objetivos, para uma melhor compreensão dos documentos, seguindo com a discussão deles.

Quadro 14 – Produções científicas do eixo temático 1 – Política de Assistência Social: implantação, avaliação e críticas.

AUTORAS (ES)	TÍTULO DA PRODUÇÃO	TIPO DE PRODUÇÃO	OBJETIVOS
PAULA (2012)	<i>População em Situação de Rua: como é retratada pela política social e pela sociedade e os impactos na sua participação</i>	Dissertação	Investigar de que forma a população em situação de rua é apreendida pela política social e pela sociedade, e de que forma isso impacta em seu processo de participação.
PIZZATO (2012)	<i>“No olho da rua”: o serviço de atendimento social de rua em Porto Alegre – abordagem social de rua na sociedade contemporânea</i>	Dissertação	Analisar a trajetória do Serviço ASR, a fim de contribuir com subsídios e dar visibilidade ao processo de abordagem social na garantia de direitos da população em situação de rua.

LOPES; PINHEIRO; HECKERT (2016)	<i>Andarilhos: narrando histórias, apoiando políticas públicas para População em Situação de Rua</i>	Artigo	Compartilhar análises acerca da vida da população em situação de rua em Vitória (ES).
SARMENTO (2015)	<i>A assistência social à população em situação de rua: um estudo na cidade de Florianópolis/SC</i>	Tese	Compreender a percepção da PSR em Florianópolis acerca dos serviços de assistência social e verificar em que medida estes serviços correspondem ao que está previsto pelo Decreto nº 7.053/2009.
LAMY; OLIVEIRA (2013)	<i>População de rua no contexto da Política Pública de Assistência Social no município de Curitiba</i>	Artigo	Contextualizar o trabalho socioassistencial com a população adulta em situação de rua, que utiliza as vias públicas como espaços de moradia e/ou sobrevivência. São destacados aspectos de sua trajetória histórica e de gestão social no município de Curitiba.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

As discussões sobre a implantação, a avaliação e as críticas acerca das políticas sociais que visam ao enfrentamento da questão social são apresentadas por diversos autores (PAULA, 2012; PIZZATO, 2012; SARMENTO, 2015; LOPES; PINHEIRO; HECKERT, 2016; LAMY; OLIVEIRA, 2013).

A Constituição Brasileira de 1988 resultou de um amplo conjunto de disputas no campo social. Instaurou uma ampliação de políticas sociais de responsabilidade do Estado no atendimento aos direitos dos cidadãos. Nesse sentido, a Loas, a PNAS e o Suas vêm como

resultados do esforço e da luta por uma política pública, democrática e com serviços de qualidade (PAULA, 2012).

No ano de 2005, ocorreu um intenso processo de regulamentação das ações que vieram a consolidar um novo modelo de organização e gestão da PNAS, sob as diretrizes do MDS. Ocorreu também a alteração da LOAS, com a inclusão da obrigatoriedade da formulação de programas de amparo à população em situação de rua, por meio da Lei nº 11.258, de 30 de dezembro de 2005 (LAMY; OLIVEIRA, 2013).

Em 2009, tem-se como conquista a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua. Ela vem articular as políticas sociais, definindo princípios e diretrizes para o seu atendimento. Cresce, também, o número de estudos e pesquisas sobre a situação de rua, contribuindo para pôr em pauta discussões a respeito de sua caracterização e modo de vida, e propondo políticas que realmente contemplem suas necessidades.

Um dos serviços que faz parte dessa gama de ações/projetos, implementados com a elaboração dessas políticas, é o Serviço de Atendimento Social de Rua (ASR). Em seu estudo, Pizzato (2012) aponta que o processo de abordagem social de rua é pautado no acolhimento, na construção de vínculos, na escuta e no respeito à autonomia dos sujeitos. Esse serviço é importante, principalmente para aquelas pessoas que não apresentam condições físicas ou mentais (muitas vezes por conta do uso abusivo de substâncias psicoativas) para procurar os serviços.

Entre os obstáculos/dificuldades que os estudos discutem, estão: a gestão da política pública de assistência social; a intensificação da integralidade das ações e dos serviços; a busca da intersetorialidade com as demais políticas públicas praticadas pela administração municipal; a participação da rede socioassistencial; a descontinuidade das ações por ocasião de mudanças administrativas em sua condução, bem como retrocessos e retomadas gradativas (LAMY; OLIVEIRA, 2013; LOPES; PINHEIRO; HECKERT, 2016; SARMENTO, 2015).

Outros pontos de reflexão são discutidos no trabalho de Lopes, Pinheiro e Heckert (2016), dentre os quais podemos frisar: as políticas fragmentadas nos equipamentos públicos acessados pela população de rua; as ações do poder público, que pouco dialogam entre si e com formas de gestão da vida desse segmento populacional. Tais ações são permeadas por visões moralizadoras de seus modos de existência, alimentadas, em parte, por um grande desconhecimento das táticas que essa população cria para viver nas ruas.

Além das dificuldades de gestão mencionadas acima, as pesquisas ressaltam a discriminação social que a PSR recebe de uma forma geral. Os estudos de Pizzato (2012) e de Paula (2012) abordam essa discussão, mencionando que, muitas vezes, a PSR não é

considerada cidadã, tanto pela sociedade como pelas políticas públicas, inclusive na assistência social. Uma ação importante que pode ser usada para tentar minimizar tal situação é a divulgação da política de assistência social por parte do poder público e dos órgãos representativos. Essa divulgação/conscientização deve ser direcionada também para a PSR. Conforme aponta Pizzato (2012), em seu trabalho, os participantes mencionam que possuem pouco ou nenhum conhecimento da política de assistência social, compreendendo-a como uma ajuda/assistencialismo.

Ainda que tenha sido formulada uma política pública direcionada à população de rua, existe ainda uma lacuna entre o direito garantido e a sua efetivação, visto que, na prática, há uma discrepância entre a legislação, os serviços ofertados e as necessidades reais da PSR (PAULA, 2012; SARMENTO, 2015). Uma alternativa sugerida para buscar ações mais assertivas, que permitam compreender e analisar os modos de vida da população em situação de rua, é o diálogo com a própria PSR. Os estudos ressaltam a necessidade de os setores ligados à problemática da vida na rua adotarem um espaço de debate, acompanhamento e avaliação das políticas públicas elaboradas pelas esferas estaduais e municipais de governo, para atender às demandas da população em situação de rua (LOPES; PINHEIRO; HECKERT, 2016; PIZZATO, 2012).

4.3.2 Eixo Temático 02 – Caracterização do fenômeno da PSR

A caracterização do fenômeno da PSR é trazida em um artigo e em duas dissertações, descritas no quadro 15.

Quadro 15 – Produções científicas do eixo temático 2 – Caracterização do fenômeno PSR.

AUTORAS (ES)	TÍTULO DA PRODUÇÃO	TIPO DE PRODUÇÃO	OBJETIVOS
MATIAS; FRANCISCHINI (2010)	<i>Desafios da Etnografia com Jovens em Situação de Rua: A Entrada em Campo</i>	Artigo	Relatar o processo de entrada em campo de uma pesquisa etnográfica.

SILVA, C. L. da (2012)	<i>Estudos sobre População adulta em situação de rua: Campo para uma Comunidade Epistêmica?</i>	Dissertação	Identificar iniciativas de investigação e produção de conhecimentos sobre a população adulta em situação de rua, como indicação de uma comunidade epistêmica sobre a temática.
PINTO (2015)	<i>Fenômeno População em Situação de Rua à luz da questão social: percursos, vivências e estratégias em Maracanaú/CE</i>	Dissertação	Analisar a realidade da população em situação de rua nos diversos espaços urbanos da cidade de Maracanaú, situada na Região Metropolitana de Fortaleza.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

As discussões dessas pesquisas estão voltadas para a caracterização da PSR, dando visibilidade ao processo de exclusão, bem como aos serviços oferecidos a essa população nos espaços pesquisados. Enfatizam a associação do fenômeno com as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e com o processo de globalização vigente (SILVA, C. L. da, 2012; PINTO, 2015; MATIAS; FRANCISCHINI, 2010). Além disso, problematizam o fato de o fenômeno da população em situação de rua ser uma das expressões da questão social, resultado da relação desigual entre trabalho e capital que é inerente à sociedade capitalista, compreendendo a população em situação de rua como um fenômeno de múltiplas determinações (SILVA, C. L. da, 2012; PINTO, 2015).

4.3.3 Eixo Temático 03 – Histórias de vida da PSR

Neste eixo, estão agrupadas 07 dissertações, 01 tese e 04 artigos que discorrem sobre as histórias de vida da PSR, conforme descrito no quadro 16.

Quadro 16 – Produções científicas do eixo temático 3 - Histórias de Vida da PSR

AUTORAS (ES)	TÍTULO DA PRODUÇÃO	TIPO DE PRODUÇÃO	OBJETIVOS
ROSA; BRÊTAS (2015)	<i>A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil.</i>	Artigo	Trazer à reflexão situações de violência na vida de mulheres em condição de rua, na cidade de São Paulo, Brasil.
COSTA; MESQUITA; CAMPOS (2015)	<i>Moradores de rua, quem são eles? Um estudo sobre a população de rua atendida pela casa de sopa “Capitão Vendramini” de Três Corações.</i>	Artigo	Pretendeu-se dar voz e vez àqueles que a sociedade insiste em tornar invisíveis.
ANDRADE; COSTA; MARQUETTI (2014)	<i>A rua tem um ímã, acho que é a liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo</i>	Artigo	Trazer discussões acerca das estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos (SP).
KUNZ; HECKERT; CARVALHO (2014)	<i>Os modos de vida da população em situação de rua: narrativas de andanças nas ruas de Vitória/ES.</i>	Dissertação	Estudar os modos de vida da população em situação de rua que habita a cidade de Vitória/Espírito Santo.
MATTOS (2006)	<i>Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade</i>	Dissertação	Compreender o processo de saída das ruas sob a perspectiva de pessoas que vivenciaram a situação de rua.

<p>SERRANO (2004)</p>	<p><i>EU MENDIGO</i> <i>Alguns Discursos da</i> <i>Mendicância na cidade de</i> <i>São Paulo.</i></p>	<p>Dissertação</p>	<p>Investigar o discurso produzido por mendigos na cidade de São Paulo, bem como as relações que se estabelecem entre a prática da mendicância e as subjetividades que são positivadas nessa condição.</p>
<p>GOMES (2006)</p>	<p><i>GENTE – CARACOL</i> <i>A cidade contemporânea</i> <i>e o habitar as ruas</i></p>	<p>Dissertação</p>	<p>Investigar como se dá o processo de subjetivação das pessoas no espaço urbano da cidade contemporânea e, em especial, daquelas em situação de rua.</p>
<p>KASPER (2006)</p>	<p><i>Habitar a Rua</i></p>	<p>Tese</p>	<p>Seu enfoque está nas táticas mobilizadas para tornar a rua habitável, táticas que envolvem o questionamento prático das funcionalidades estabelecidas, tanto dos locais públicos ocupados quanto dos materiais descartados encontrados nas ruas da cidade.</p>
<p>MENDES (2007)</p>	<p><i>Os moradores de rua e</i> <i>suas trajetórias</i></p>	<p>Dissertação</p>	<p>Descrever e analisar como vivem os moradores de rua de Belo Horizonte, observando sobretudo a maneira como eles se relacionam entre si e as estratégias de vida por eles desenvolvidas, ou seja, sua sociabilidade.</p>

ROSARIO (2015)	<i>Análise das condições e modos de vida de mulheres em situação de rua em Porto Alegre – RS</i>	Dissertação	Problematizar o tema proposto, as condições e modos de vida de mulheres em situação de rua em Porto Alegre – RS. Tem como finalidade constituir um estudo das experiências e condicionantes sociais do contingente feminino, através do recorte de gênero.
CARAVACA-MORERA; PADILHA (2015)	<i>Entre batalhas e pedras: histórias de vida de moradores de rua, usuários de crack.</i>	Artigo	Descrever as experiências cotidianas dos moradores de rua e os significados atribuídos ao crack.
SILVA, T. L. da (2012)	<i>Família, Rua e Afeto: Etnografia dos vínculos familiares, sociais e afetivos de homens e mulheres em situação de rua.</i>	Dissertação	Problematizar as relações mantidas, criadas e atualizadas por homens e mulheres em situação de rua no centro de Pelotas/RS.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Ao analisarmos essas 12 (doze) produções, identificamos que elas trazem diversos aspectos das histórias de vida da PSR pesquisada, que foram organizados em 07 subtemas, detalhados a seguir. Posteriormente, são apresentadas as discussões empreendidas em cada um deles:

- a) Quem são eles? = trazem a caracterização da PSR;
- b) Motivos de irer viver nas ruas = abordam os motivos que os levam às ruas;
- c) Dinheiro e renda = analisam a estratégia utilizada para conseguir dinheiro;
- d) Violência = apontam situações de violência sofrida antes e/ou depois da vida nas ruas;
- e) Rede de assistência social = abordam a avaliação da PSR sobre os serviços ofertados pela Política de Assistência Social;
- f) Dia a dia nas ruas = retratam a rotina da vida na rua;

- g) Uso de substâncias lícitas e ilícitas = apresentam discussões sobre a dependência química.

4.3.3.1 Quem são?

A população de rua é composta por pessoas das mais diversas origens, algumas vindas de cidades e regiões diferentes do país, outras naturais da própria cidade. Algumas passam a vida se deslocando, outras se fixam em uma cidade e podem passar a maior parte da vida sem se afastar de uma determinada praça, rua ou viaduto. Algumas estão nas ruas desde a infância ou a adolescência, outras foram para a rua depois de adultas ou mesmo depois de velhas (MENDES, 2007). Estas são, quase que exclusivamente, provenientes das camadas mais pobres da população (MENDES, 2007). Geralmente, são pessoas de baixa escolaridade e qualificação profissional, cujos vínculos estabelecidos com o mundo do trabalho, como observa Tostes (2000 *apud* MENDES, 2007), já eram frágeis mesmo antes de se encontrarem na rua.

Dentro do contingente de pessoas que utilizam o espaço público como forma de sobrevivência, encontram-se as mulheres. O foco nas histórias das mulheres que vivem nas ruas está presente em duas pesquisas. Uma delas está direcionada a contar a experiência de mulheres que estão nas ruas a partir de vários aspectos, tais como os cuidados com a saúde, a violência contra a mulher, as políticas públicas, entre outros (ROSARIO, 2015). O outro estudo aborda a violência sofrida no contexto doméstico e familiar, a renda insuficiente para garantir o próprio sustento e o dos filhos, bem como a ruptura dos vínculos sociais (ROSA; BRÊTAS, 2015).

A saída das ruas é problematizada em um estudo cujo objetivo é compreender esse processo de saída, sob a perspectiva de pessoas que vivenciaram a situação de rua. O estudo observa que as pessoas em situação de rua que conquistaram a saída das ruas construíram, em um processo de autonomia, novas formas de viver o cotidiano e de se relacionar com as instituições que sustentam a vida social. Isso implica a adoção de uma postura mais participativa, visando à autodeterminação de seus destinos (MATTOS, 2006).

4.3.3.2 Motivos de irer viver nas ruas

Conhecer os motivos que levaram uma pessoa à situação de rua implica compreender sua história de vida, pois muitos dos conflitos familiares ou inserções precárias no mercado de trabalho possuem raízes profundas na infância e na adolescência (MATTOS, 2006). São

diversas as razões que fazem as pessoas irem para as ruas: em alguns casos, por opção; em outros, por falta de opção (ANDRADE; COSTA; MARQUETTI, 2014).

O uso de drogas lícitas ou ilícitas é um dos fatores apontados em algumas das publicações como o motivo da ida para as ruas (COSTA; MESQUITA; CAMPOS, 2015; MATTOS, 2006; KUNZ; HECKERT; CARVALHO, 2014; ROSA; BRÊTAS, 2015; ROSARIO, 2015). No estudo de Rosa e Brêtas (2015), os efeitos relacionados à dependência, tais como a deterioração dos vínculos familiares, o comprometimento das responsabilidades em relação ao trabalho, o estudo e o cuidado com os filhos, entre outros, são citados como o motivo disparador da ida para as ruas.

Motivações como a perda de entes queridos, a saída do sistema prisional, o vínculo familiar fragilizado ou interrompido e a expressão de maneiras de viver que destoam dos padrões morais estabelecidos podem também ser motivos que os levam a buscar as ruas como moradia (KUNZ; HECKERT; CARVALHO, 2014; MATTOS, 2006; MENDES, 2007; ROSARIO, 2015; SILVA, C. L. da, 2012). Os conflitos domésticos, assim como os conflitos com a vizinhança, são geralmente mencionados como motivo de afastamento da família. As causas do conflito geralmente giram em torno da orientação sexual do morador de rua, do alcoolismo, do consumo ou do tráfico de drogas, do envolvimento em assaltos ou outros crimes, da violência ou abuso sexual por parte de algum parente próximo – pai, irmão, padrasto, entre outros (MENDES, 2007; ROSARIO, 2015; SILVA, C. L. da, 2012).

Outro aspecto importante, discutido no estudo de Mattos (2006), é o trabalho infantil como motivo da ida para as ruas. Crianças/adolescentes oriundos de famílias carentes contribuem, desde cedo, para o orçamento familiar. Outras vezes, a ida para as ruas com o objetivo de conseguir algum dinheiro está atrelada à fuga de agressões domésticas ou de outros desentendimentos. Ocorre que essa inserção precoce tem suas consequências: na maioria das vezes, a criança/adolescente não consegue conciliar trabalho e escola, abandonando esta última. Tal fenômeno é considerado como causa do alto índice de analfabetismo ou semianalfabetismo entre a população em situação de rua, se comparada com a população domiciliada. Um outro ponto são os efeitos da baixa escolaridade no mercado de trabalho (MATTOS, 2006).

O trabalho, ou melhor, a falta dele, é tida como o fator responsável pela chegada à rua e pela permanência nessa condição. É através dele, também, que os sujeitos esperam poder sair da rua. O desemprego, ainda que seja um aspecto relevante da vida dos moradores de rua, não é exclusividade dos migrantes, como também não pode ser considerado o fator

preponderante para que as pessoas abandonem suas famílias para viver nas ruas (MENDES, 2007; SERRANO, 2004).

4.3.3.3 Dinheiro e renda

Com relação ao dinheiro e à renda, no estudo de Andrade, Costa e Marquetti (2014), essa temática é discutida como uma dificuldade comum para a maior parte da PSR. Alguns relatam que, em momentos anteriores, o trabalho como catador de recicláveis dava para garantir algum sustento, mas, atualmente, não vem dando mais.

O percentual de pessoas em situação de rua que trabalha na economia informal é muito significativo. As principais atividades executadas pela PSR para conseguir renda, segundo os estudos selecionados, foram: o trabalho de flanelinha, a construção civil, a mendicância e a prostituição, porém é na cata de material reciclável que se encontra o maior número de trabalhadores em situação de rua (KUNZ; HECKERT; CARVALHO, 2014; MENDES 2007; KASPER, 2006).

4.3.3.4 Violência

A temática da violência encontra-se presente em algumas das publicações (ROSA; BRÊTAS, 2015; CARAVACA-MORERA; PADILHA, 2015; ROSARIO, 2015). No estudo de Rosa e Brêtas (2015), cujo objetivo é trazer à reflexão situações de violência na vida de mulheres em condição de rua, a violência figurou, nos discursos, como tema transversal e de grande impacto na deterioração das relações sociais que contribuíram para o ingresso na vida nas ruas. Muitos foram os relatos de violência praticada pelos próprios parceiros. Essas mulheres adquiriram certa tolerância às formas não físicas de violência. Quando questionadas a respeito das violências que sofreram, nas ruas ou fora delas, relataram, quase sempre, situações de agressão física e/ou sexual. No decorrer de suas falas, inúmeras situações de violência psicológica, verbal e algumas negligências são relatadas como fatos de menor importância, mesmo sendo responsáveis por grande sofrimento.

Além da violência física, conforme mostrado acima, no estudo de Serrano (2004) também é citada a discriminação social, pois os sujeitos dizem que são discriminados pela polícia, mas também pelo restante da população.

4.3.3.5 Rede de assistência social

Por estarem em situação de violação de direitos, as pessoas em situação de rua são caracterizadas como em situação de risco social, motivo pelo qual contam com o apoio dos

serviços de média e alta complexidade da proteção social especial. Há uma parcela que avalia, muito positivamente, os serviços/projetos ofertados à PSR através das políticas públicas, mas há outra que os avalia de forma negativa. Geralmente, sentem dificuldades relativas à rotina rígida dos locais, bem como à estrutura física e insuficiente para atender à demanda (ANDRADE; COSTA; MARQUETTI, 2014; ROSA; BRÊTAS, 2015; KUNZ; HECKERT; CARVALHO, 2014; SERRANO, 2004; MENDES, 2007).

4.3.3.6 Dia a dia nas ruas

Descrever a experiência de vida nas ruas da PSR, a maneira como esses sujeitos se relacionam entre si, as estratégias de vida por eles desenvolvidas para tornar a rua um local de moradia, as características da vida para quem se encontra nessa situação, são tarefas desafiadoras e apresentadas em diversos estudos (ROSA; BRÊTAS, 2015; COSTA; MESQUITA; CAMPOS, 2015; ANDRADE; COSTA; MARQUETTI, 2014; KUNZ; HECKERT; CARVALHO, 2014; MATTOS, 2006; KASPER, 2006; MENDES, 2007; SERRANO, 2004; ROSARIO, 2015; CARAVACA-MORERA; PADILHA, 2015; SILVA, C. L. da, 2012). Morar na rua requer a reinvenção de espaços e objetos em seu cotidiano de vida, driblando proibições e limites, ressignificando objetos, lugares e usos, bem como produzindo desenhos variados no tecido urbano (KUNZ; HECKERT; CARVALHO, 2014).

Para a realização das atividades do cotidiano, tais como o descanso, os cuidados com a higiene pessoal, as necessidades fisiológicas, a alimentação, entre outras, a PSR vai buscando soluções alternativas. Em seu estudo, Andrade, Costa e Marquetti (2014) apresentam estratégias usadas pela PSR para driblar algumas dificuldades, tais como: dormir acompanhado para sentir-se mais protegido; usar banheiros públicos ou de estabelecimentos comerciais para as necessidades fisiológicas; pedir ou, quando consegue, trabalhar para alimentar-se. Para a prática sexual, esperar até certo horário de pouca movimentação nas ruas, fazer cabanas de papelão, ir a um terreno baldio, entre outras possibilidades (ANDRADE; COSTA; MARQUETTI, 2014).

Os serviços/projetos ofertados pela assistência social também são utilizados como estratégias para a realização das atividades básicas do cotidiano. Os citados nos estudos foram: Centro POP / Creas, albergues municipais e restaurantes populares (KUNZ; HECKERT; CARVALHO, 2014).

Cozinhar nas ruas é outra alternativa muito utilizada para garantir as refeições. Os produtos para o cozimento são “mangueados⁷” em supermercados, açougues, peixarias, padarias e feiras livres (KUNZ; HECKERT; CARVALHO, 2014).

4.3.3.7 Uso de substâncias lícitas e ilícitas

No tocante ao uso de substâncias ilícitas, Rosa e Brêtas (2015) enfatizam que as usuárias de *crack* e as habitantes da Cracolândia são as mais expostas e vulneráveis às violências, uma vez que usar *crack* nas ruas era mais que uma dependência química, era a incorporação de modos de vida específicos. Elas encontravam-se inseridas em contextos complexos de tráfico de drogas, disputas por territórios, estratégias lícitas ou ilícitas para conseguir dinheiro e manter a dependência, além da prostituição, com descuido do corpo e da saúde.

O consumo de drogas é uma das marcas mais presentes no discurso da população em situação de rua. É apresentado como parte da rotina de vida, desde que acordam até a hora em que vão dormir (SERRANO, 2004; CARAVACA-MORERA; PADILHA, 2015; MENDES, 2007; ROSARIO, 2015; SILVA, C. L. da, 2012). O *crack* é citado como o motivo de iniciarem a construção da vida na rua. Existe o reconhecimento de que a relação com a droga é evidentemente patológica, ela está sempre presente no seu cotidiano como elemento primordial para a permanência dentro desse espaço. O contato constante com o *crack* fez com que sonhos, motivações, aspirações e projetos de vida se transformassem em fumaça e ilusão, convertendo-se a droga em um executor que os tortura diariamente (CARAVACA-MORERA; PADILHA, 2015).

O uso do álcool se faz presente nos estudos selecionados (COSTA; MESQUITA; CAMPOS, 2015; KASPER, 2006; MENDES, 2007; ROSARIO, 2015; SILVA, C. L. da, 2012). Segundo a experiência descrita em sua tese de doutorado, Kasper (2006) enfatiza que o beber é uma atividade coletiva, pois a regra é: aquele que tem dinheiro compra a bebida; todos compartilham.

As considerações tecidas neste capítulo não têm a pretensão de concluir e/ou esgotar todas as discussões produzidas nas 20 (vinte) publicações, mas provocar reflexões e

⁷ Segundo Kunz, Heckert e Carvalho (2014, p. 19) manguear é: “o ato de entrar na mente das pessoas. Conta-se uma história ou situação que possa sensibilizar e, assim, convencer o outro a fazer uma doação, normalmente as solicitações são em dinheiro”.

interloquções entre tais pesquisas e as informações construídas neste estudo, que estão formuladas com mais profundidade no capítulo 06.

5 POSICIONAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo, trazemos os principais pressupostos do referencial teórico que orienta a produção deste estudo, que é o das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos. Inicialmente, apresentamos os fundamentos do Construcionismo Social, norteador do referencial teórico-metodológico. Explicitamos o caminho metodológico trilhado para compreender as afetações que motivaram a escrita deste trabalho.

5.1 Construcionismo Social

O construcionismo apresenta-se como uma crítica à modernidade (século XVII) e como um movimento que traz, em suas concepções, influências da Filosofia da Linguagem, sobretudo em sua oposição à Filosofia da Consciência, marco importante da era moderna, centrada na razão e nas ideias. Dessa forma, é uma perspectiva que se opõe às vertentes representacionistas e ajuda a delinear novas formas de investigação, a partir de um ponto de vista pragmático da linguagem. Para o construcionismo, a linguagem é uma forma de ação no mundo, é uma prática.

Kenneth Gergen é um dos autores precursores dessa discussão na Psicologia. Em 1985, Gergen publicou, na *American Psychology*, um texto intitulado *O Movimento Construcionista Social na Psicologia Moderna*, que se tornou um clássico introdutório ao construcionismo na área.

Epistemologicamente, o construcionismo faz parte das teorias pós-estruturalistas. Como o próprio nome diz, desenvolve-se como uma crítica, ou mudança de paradigma, sucedendo o movimento denominado estruturalismo. Este, de inspiração mecanicista, supõe que a realidade pode ser apreendida, desde que se compreenda a lógica e a essência de suas estruturas (SPINK, M. J., 2000, 2004).

Essa perspectiva propõe o constante estranhamento e questionamento das “verdades”, defendendo o abandono e a quebra de paradigmas fundados nos pressupostos da modernidade, como a representação do conhecimento, a retórica da verdade, a neutralidade e o endeusamento do conhecimento científico. Ressignificar a objetividade da ciência implica uma postura reflexiva, tanto sobre o processo de construção do conhecimento, como, também, sobre as suas consequências para as pessoas, o que resulta numa reflexão ética (SPINK, M. J., 2000, 2004).

Um dos postulados consiste no questionamento das verdades acatadas. “Provavelmente, essa fórmula, esse princípio básico do construcionismo, é o mais

característico: uma constante problematização das ideias e dos conceitos, inclusive daqueles que quase não podemos imaginar distantes de como nos foram ensinados” (IÑIGUEZ, 2002, p. 128).

Outra característica é a consideração de que todo conhecimento é datado historicamente, produto social e cultural, uma vez que

[...] qualquer conhecimento, da natureza que for, sempre deve ser visto como o resultado de um contexto histórico e cultural, deve-se analisar sua eficácia, função e utilidade no contexto, em vez de entendê-lo como um conhecimento universal (IÑIGUEZ, 2002, p. 129).

Além disso, o construcionismo entende que todo conhecimento é uma construção coletiva, o que gera uma das principais críticas direcionadas à corrente: a que diz que esse postulado negaria a realidade, e que tal relativismo produziria a máxima “como tudo é construção social, tudo vale”.

Um antecedente muito importante para o Construcionismo Social foi o *giro linguístico*. Essa foi uma expressão utilizada, com bastante frequência, de 1970 a 1980, época que correspondeu a um momento histórico de virada, cuja atenção, no campo da Filosofia e das Ciências Humanas e Sociais, voltou-se para o papel desempenhado pela linguagem “na formação dos fenômenos que ela costuma estudar” (IBÁÑEZ, 2004, p. 19).

O giro linguístico provocou uma mudança profunda nas concepções de mundo, nas formas de interpretação das ciências e na própria concepção da natureza da linguagem e do conhecimento, visto que promoveu um rompimento com a tradição secular focada no “mundo das ideias”, um mundo interior e privado, difundido por Descartes, deslocando a atenção para o estudo dos enunciados linguísticos. Isso significa uma profunda modificação em nossa concepção da linguagem, pois esta deixa de ser considerada um simples meio para traduzir ou expressar, de melhor ou pior forma, nossas ideias, e passa a ser considerada um instrumento para exercitar nosso pensamento e constituir nossas ideias (IBÁÑEZ, 2004).

Apesar de ser um marco no campo da Filosofia, o giro linguístico não se configurou como um fato específico, mas “um fenômeno que vai se formando progressivamente e que adota várias modalidades ao longo do seu desenvolvimento” (IBÁÑEZ, 2004, p. 25). A proposta, no giro linguístico, é a da valorização dos discursos, que são linguagem em ação. Essa virada linguística “[...] introduziu um debate na filosofia da ciência, questionando o uso da linguagem formal e a desconsideração da linguagem cotidiana, pela ciência, para a descrição dos processos sociais” (RIBEIRO, 2011, p. 31).

O construcionismo não tem uma única definição, e não há um consenso entre estudiosos sobre suas características. O construcionismo não se constitui como uma epistemologia, porque ele questiona os próprios fundamentos desta. Antes, porém, “ele constitui um referencial que procura entender o mundo como socialmente construído, o que repercute também na sua forma de produzir conhecimento” (RIBEIRO, 2011, p. 33) e, ademais, é um referencial que não se vincula apenas à Psicologia, mas também a outras áreas do conhecimento.

Uma das críticas ao Construcionismo Social consiste em que esse postulado nega a realidade e produz relativismo. Concordamos com Spink, M. J. (2004, p. 28), ao responder sobre tal crítica:

O relativismo suscita a necessidade da reflexão sobre os efeitos daquilo que a gente produz; suscita, portanto, uma reflexão ética. O mérito de acatar tão abertamente uma postura relativista face aos fatos sociais é que ela abre o debate; força a reflexão sobre os efeitos de nossas práticas em pesquisa.

Na perspectiva do construcionismo, o conhecimento é “[...] algo que construímos juntos por meio de nossas práticas sociais e não algo que apreendo do mundo” (SPINK, M. J., 2010, p. 9). Dessa forma, como se constrói o mundo, constrói-se o conhecimento.

5.2 A pesquisa na perspectiva construcionista

A pesquisa construcionista está focada nas maneiras pelas quais as pessoas produzem sentidos sobre o mundo e como se posicionam (ou são posicionadas) nas relações sociais estabelecidas no cotidiano. Abrem-se as possibilidades para o estranhamento daquilo que foi essencializado como natural e instituído como familiar. Essa perspectiva é uma crítica à ortodoxia em ciência e ao *status quo*, ou seja, ela parte da defesa de que um fenômeno social, seja ele qual for, não precisaria ter existido ou ser como é, pois não é determinado pela natureza das coisas, não é algo inevitável (GERGEN, 2009).

Gergen (2009, p. 301), tratando do assunto, afirma que “a pesquisa construcionista social ocupa-se, principalmente, de explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam, ou, de alguma forma, dão conta do mundo em que vivem”. Defende que os próprios termos usados para entender e explicar o mundo são artefatos sociais, são construções sociais históricas, o que indica que o processo de compreensão do mundo se dá como um resultante da interação humana. Assim, a pesquisa construcionista é entendida como uma prática social, de natureza processual, transversalizada por questões de poder, morais, políticas, teóricas e culturais. O trabalho de campo, então, pauta-se, na perspectiva de Peter Spink (2003),

enquanto multiplicidade de fazeres, em que pessoas, argumentos, anotações e materialidades inerentes ao encontro fazem parte da conversa.

Dessa forma, podemos inferir que os processos sociais são extremamente importantes nesse referencial. A análise dos repertórios linguísticos é uma das propostas metodológicas utilizadas para analisar tais processos.

Essa forma de compreensão do mundo e do modo de fazer pesquisa propõe uma importante reflexão, pois desloca a explicação de fenômenos psicológicos do interior do ser humano, ou da análise pormenorizada de seu comportamento observável, para o universo das relações sociais. Aqui, não se busca prever comportamentos (pois se acredita que eles não obedecem a regularidades), tampouco localizar algo, na mente humana, que justifique ou explique atitudes. O construcionismo compreende que não há verdade objetiva, mas conhecimentos construídos historicamente e socialmente.

A ética, na pesquisa com base no construcionismo, é compreendida como uma “ética dialógica”, na qual se deve evitar qualquer referencial externo, o que implica a reflexividade e uma responsabilidade que extrapola a ética prescritiva. Trata-se de uma ética pautada no reconhecimento dos processos de interanimação dialógica na produção dos sentidos (SPINK, M. J., 2000).

Na pesquisa psicológica com base no Construcionismo Social, é importante a reflexão histórica, processual, localizada culturalmente, e não a busca por leis gerais, propriedades universais, verdades absolutas.

Nessa perspectiva, o pesquisador assume um papel ativo, permeado de implicações éticas relevantes. Posiciona-se de forma reflexiva quanto aos efeitos que suas escolhas e ações produzem, e não como um mero observador que intenciona revelar a realidade. A subjetividade do pesquisador apresenta-se como um elemento a mais no processo da pesquisa. O construcionismo alia objetividade e intersubjetividade como processos complexos, interligados e dialógicos (BATISTA; BERNARDES; MENEGON, 2014).

Com base nesses ideais conceituais, desenvolvemos este estudo, não com o intuito de desvelar verdades absolutas, ou mesmo de “descobrir o certo ou o errado”, mas com a intenção de compreender alguns fenômenos presentes no contexto pesquisado, situado, no caso específico, nas táticas e vivências de pessoas que se encontram vivendo nas ruas de Maceió.

5.3 As práticas discursivas e a produção de sentidos

Destacamos, neste tópico, o referencial teórico das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos, fundamentação que utilizamos para nortear a compreensão das estratégias utilizadas pela PSR para viver nas ruas, bem como a articulação desta com a política de assistência social, as quais se constituem pelos repertórios linguísticos, que são o foco de análise da abordagem teórica aqui apresentada.

O estudo das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano, baseado na perspectiva construcionista social, enfatiza os processos dialógicos e os acontecimentos no fluxo dos momentos e na construção das realidades que compõem a cotidianidade. A concepção de linguagem que é adotada está centrada na linguagem em uso. Privilegia o estudo da linguagem enquanto elemento constituinte de práticas sociais na investigação da produção do conhecimento, invertendo a lógica de focar apenas a mente individual, pois a linguagem é considerada uma atividade compartilhada e não isolada, sendo compreendida também como prática social (SPINK, M. J.; MEDRADO, 2013).

Spink, M. J. e Medrado (2013, p. 26) definem práticas discursivas como:

(...) linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. As práticas discursivas têm como elementos constitutivos: a dinâmica, ou seja, os enunciados orientados por vozes; as formas, que são os speech genres; e os conteúdos, que são os repertórios interpretativos.

O foco central de análise, na abordagem construcionista, são as práticas discursivas. São ações, seleções, escolhas, linguagens, contextos, enfim, uma variedade de produções sociais das quais são expressão (SPINK, M. J.; FREZZA, 2013). O termo “práticas discursivas” é uma expressão utilizada para demarcar e distinguir o foco de interesse das pesquisas voltadas para o papel da linguagem na interação social, conforme relatado anteriormente (SPINK, M. J.; MEDRADO; MÉLLO, 2014). São consideradas como meios privilegiados para compreender a produção de sentidos no cotidiano.

Para o referencial das práticas discursivas, sentido é:

[...] uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (SPINK, M. J.; MEDRADO, 2013, p. 22).

A compreensão da produção de sentidos se dá através da análise das práticas discursivas (narrativas, argumentações, conversas, entre outras) e dos repertórios linguísticos

(palavras, vocábulos, expressões, metáforas, por exemplo) presentes nelas (SPINK, M. J., 2004).

Fundamentando-se nas práticas discursivas, busca-se apreender como os discursos são cristalizados no tempo, gerando formas de nos posicionar que correspondem aos momentos ativos da linguagem, aos momentos de resignificação, de ruptura, de produção de sentido, nos quais convivem tanto a permanência quanto a ruptura (SPINK, M. J.; MEDRADO, 2013).

5.4 O caminho trilhado

Para alcançar o objetivo de compreender o cotidiano de pessoas em situação de rua, suas estratégias para sobreviver nas ruas de Maceió e sua relação com a política pública de assistência social destinada a essa população, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 4 (quatro) usuários do Centro POP, sendo dois participantes do sexo masculino e dois do feminino. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Ufal (CEP/Ufal), em 28 de Agosto de 2018, conforme parecer nº 2.814.854.

As entrevistas foram feitas no Centro POP por dois motivos: primeiro, pelo fato de o local destinar-se ao atendimento especializado da PSR, conforme explicitado; o segundo motivo é o fato de o serviço ser o meu local de trabalho.

Realizamos entrevistas individuais, pois essa modalidade pode oferecer um roteiro inicial que norteia o diálogo, permitindo a inclusão de questões e elucidações no decorrer da conversa. A escolha da entrevista esteve baseada na compreensão de que esta se apresenta como uma abordagem relacional por excelência, conforme abordam Menegon e Spink, M. J. (2000, p. 63-64): “[...] a expressão e produção de práticas discursivas aí situadas devem ser compreendidas também como fruto dessa interação, ou seja, os integrantes, incluindo o pesquisador, são pessoas ativas no processo de produção de sentidos”.

Ao abordarmos a entrevista como prática discursiva, estamos, sobretudo, compreendendo-a como uma ação, uma inter-ação. A negociação é a marca desse tipo de relação. Pinheiro (2000, p. 186) aprofunda tal negociação, explicando que

Numa conversa o locutor posiciona-se e posiciona o outro, ou seja, quando falamos, selecionamos o tom, as figuras, os trechos de histórias, os personagens que correspondem ao posicionamento assumido diante de outro que é posicionado por ele. As posições não são irrevogáveis, mas continuamente negociadas.

O roteiro foi elaborado com referência aos objetivos propostos, como também à revisão da literatura apresentada. Durante as entrevistas, os áudios foram gravados para

posterior transcrição e análise. Realizamos as entrevistas nos meses de agosto e setembro de 2018. Duas foram realizadas no Centro POP 1 e duas no Centro POP 2.

5.4.1 Os participantes

A escolha dos participantes foi realizada com o apoio das equipes técnicas dos Centros POP I e II, após a apresentação do projeto em conversa entre a pesquisadora e a equipe do serviço, facilitando, assim, a indicação dos usuários que seriam convidados.

Os critérios utilizados para a escolha dos participantes foram:

- a) fazer parte da população em situação de rua;
- b) ser maior de 18 anos;
- c) ser usuário do Centro POP, sem restrições de tempo de uso do serviço;
- d) estar em situação de rua há, no mínimo, 6 (seis) meses.

O único critério de exclusão estabelecido foi em relação às pessoas que utilizam as ruas apenas como suporte (exemplo: trabalho), mas não vivem nas ruas.

Conforme preceitua a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 (que dispõe sobre as orientações de projetos de pesquisa nas áreas de ciências humanas e sociais), para todos os participantes da pesquisa foram explicados os objetivos do estudo e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Visando a uma maior transparência e entendimento, o TCLE foi lido para o participante, e as possíveis dúvidas foram esclarecidas. Em seguida, o participante assinou o termo e recebeu uma via.

O quadro 17 apresenta informações gerais sobre os participantes.

Quadro 17 – Apresentação geral dos participantes.

NOME	IDADE	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	TEMPO DE VIVÊNCIA NAS RUAS
José	31 anos	Maceió/AL	3ª série do ensino fundamental	16 anos
Maria	24 anos	São Paulo/SP	8ª série do ensino fundamental	7 anos
João	34 anos	Aracaju/SE	Ensino médio completo	6 anos
Raquel	41 anos	Maceió/AL	5ª série do ensino fundamental	Mais de 4 anos

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Comparando as informações traçadas pela pesquisa realizada pelo MDS (BRASIL, 2008) com o perfil identificado neste estudo, podemos refletir sobre os seguintes pontos:

- a) todos os participantes estão inclusos na faixa etária predominante, conforme descrito na pesquisa realizada pelo MDS;
- b) a baixa escolarização também está em consonância com o perfil traçado pelo MDS. Neste estudo, nenhum participante estava frequentando a escola regular no momento da entrevista, e 3 (três) dos 4 (quatro) participantes, pararam de estudar até o ensino fundamental;
- c) em relação ao tempo de vivência nas ruas, a totalidade dos participantes está há mais de dois anos nessa condição, e nenhum deles encontrava-se pernoitando nos serviços de acolhimento;
- d) sobre a procedência, 2 (dois) entrevistados mencionaram possuir o comportamento conhecido como “trecheiro”, dado superior ao apontado na pesquisa realizada pelo MDS.

Antes de iniciar as entrevistas, voltei a frequentar semanalmente o Centro POP, para resgatar o vínculo com o serviço/usuários, visto que, no período de janeiro a julho de 2018, estive afastada das atividades, em virtude da dedicação ao mestrado. Com os quatro participantes escolhidos para este estudo, eu não havia tido contato profissional anterior à realização das entrevistas, apenas reconhecimento visual.

Após a indicação dos possíveis participantes, fui ler as fichas/prontuários de cada um, para ter maior compreensão das suas histórias de vida, o que facilitaria o diálogo com eles. Na abordagem inicial, para o convite à nossa conversa, fui muito bem recebida por todos. Aceitaram de imediato e me contaram suas histórias de vida espontaneamente.

Importante destacar que buscamos nos relacionar com os participantes do estudo embasadas na ética dialógica (SPINK, M. J., 2000), distanciando-nos de rotulações, naturalizações e prescrições de valores morais ou regras.

O ato de entrevistar essas pessoas não é uma atividade nova para mim, pois trabalho com eles há aproximadamente 2 anos, mas escutá-los sempre me desperta uma série de sentimentos, e dessa vez não foi diferente. Durante as conversas, sempre me sensibilizo com as dificuldades que enfrentam, diariamente, e com o sofrimento que denunciam. Também percebi, nas histórias relatadas, outros sentimentos/comportamentos em comum entre os participantes, tais como persistência e esperança. A persistência pela capacidade que demonstram ter para continuar vivendo, e por criarem estratégias que lhes permitem

conseguir coisas das quais necessitam e/ou almejam. A esperança, pois, apesar das adversidades, o sonho e a esperança de dias melhores se fazem presente. Como veremos adiante, esses e outros sentimentos fazem parte do discurso dos participantes deste estudo.

Foi possível, também, sentir, no decorrer das entrevistas, que as narrativas estavam permeadas por emoções, mágoas, sonhos e lágrimas por parte dos atores, sobretudo porque são expressões das histórias de vida de cada um.

Conforme mencionado, elaboramos um roteiro para ser um guia durante a realização das entrevistas (cf. apêndice A), mas nosso diálogo ultrapassou as expectativas e conversamos, em média, durante 50 minutos com cada participante, respeitando a demanda trazida por cada um, mesmo que aquele conteúdo “fugisse” um pouco dos objetivos propostos para este estudo. O encerramento se deu após um acordo com o participante, somado ao meu entendimento de que os aspectos da pesquisa já tinham sido abordados e que a conversa poderia ser finalizada. Coloquei-me sempre à disposição para dar continuidade, caso o participante desejasse falar mais alguma coisa.

Para facilitar a compreensão das histórias de vida aqui relatadas, elaboramos um resumo das entrevistas, que serão apresentadas a seguir.

5.4.1.1 José

A primeira entrevista foi realizada com o José, no Centro POP 1. Quando o abordei e perguntei se ele teria disponibilidade para conversarmos, ele prontamente aceitou. José tem 31 anos de idade, é natural de Maceió, Alagoas, estudou até a 3ª série do ensino fundamental e encontra-se em situação de rua há 16 anos. Nesse período em que vive nas ruas, alternou momentos entre casas de amigos e instituições públicas, como os albergues. Sua família também é de Maceió. Quando revelou para a família sua homossexualidade, não foi aceito pela mãe e, principalmente, pelo padrasto, fato esse que gerou muitos conflitos familiares e, para findar essa situação, ele optou por sair de casa. Diz possuir um relativo contato com sua mãe, mas sente rancor, pelo fato de ela ter escolhido viver com seu padrasto e não ficar do seu lado. Possui cinco irmãos, mas tem relacionamento apenas com uma irmã e, esporadicamente, frequenta sua casa. Sente-se desprezado pela família por não ter ninguém ao seu lado. Há um tempo, sua mãe tentou reconciliar a relação entre ele e seu padrasto, sem êxito, pois José não o perdoa. Possui dois amigos que o apoiam e o incentivam, e que estão sempre por perto. Esse fato o conforta e supre um pouco a ausência da família. No seu dia a dia, frequenta o POP, a

Casa de Ranquines⁸, fica em praças, praia e participa das atividades referentes ao MNPR (Movimento Nacional da População de Rua). Hoje, possui um cargo de vice-presidência do usuário do Suas, atividade que o motiva muito. Sempre dorme na Praça da Cadeia. Há dois meses, terminou um relacionamento amoroso, devido ao uso excessivo de drogas por parte do companheiro. Não exerce nenhuma atividade remunerada, e diz que o valor que ele recebe do Bolsa Família (R\$ 89,00) é o suficiente para sobreviver. Geralmente, com esse valor, compra produtos de higiene pessoal. Durante os fins de semana e feriados, os serviços não funcionam, então ele pede alimentação nos restaurantes, toma banho e utiliza os banheiros das praças públicas. Prefere estar sempre em grupo, pois se sente bem conversando com os amigos. Utiliza o Centro POP 1 para a alimentação, banho e para participar de algumas atividades. Frequenta o serviço há mais de dois anos, alternando períodos entre o Centro POP 1 e o 2. Procurou o Centro POP, a princípio, em virtude da necessidade de alimentação e banho. Pediu sugestões de cursos profissionalizantes para que os usuários possam ter sua própria renda, no entanto, não conseguiu sugerir nenhum curso no momento. Com o apoio do Centro POP, conseguiu resgatar seus documentos pessoais, fazer o cadastro do Bolsa Família e inscrever-se no programa Minha Casa, Minha Vida. Está esperando sua casa para então sair das ruas. Às vezes, nos fins de semana, bebe cachaça e cheira cola. Diz que só usa quando está com muita coisa na cabeça. Afirma ter sofrido violência, na rua, por três vezes: uma sem motivo e outras duas em virtude de desavenças com outros moradores. Tem receio das dificuldades da rua, tem medo de dormir e não acordar. Seus projetos para o futuro são: ter sua casa, ter uma pessoa certa para viver e continuar as atividades do MNPR. Sempre participa de diversas atividades do movimento e já chegou, inclusive, a viajar para outros estados. Gosta de discutir sobre políticas públicas. No momento, está fazendo o curso Como Falar Bem em Público. Conseguiu o curso através de uma assistente social do Centro POP. Já passou pelo Albergue Municipal, pelo Serviço de Abordagem na Rua e pela equipe do consultório na rua. No momento, diz não precisar de nada, apenas mostra-se ansioso para conseguir logo a sua casa.

⁸ Casa de Ranquines: A Associação Católica São Vicente de Paulo, com o nome fantasia Fraternidade Casa de Ranquines, associação evangelizadora e de assistência, é uma entidade sem fins lucrativos, com sede na Ladeira da Catedral, nº 107, Farol, em Maceió. Realiza serviço de acolhimento institucional a idosos(as) nas duas unidades (Benedito Bentes e Centro), serviço de convivência com crianças e famílias no Projeto Cantinho da Graça, no Benedito Bentes I (reforço escolar, evangelização, recreação, atividades lúdico-pedagógicas e alimentação para 60 crianças em situação de vulnerabilidade social) e a distribuição de 200 refeições diárias para a população de rua. Disponível em: <http://nfcidada.sefaz.al.gov.br/instituicoes/casa-de-ranquines/>. Acesso em: 22 mar. 2019.

5.4.1.2 João

A segunda entrevista foi com o João, realizada no Centro POP 2. João tem 34 anos de idade, é natural de Aracaju, Sergipe, concluiu o ensino médio e vive nas ruas há 6 anos. Está em Maceió há 4 meses, porém, essa é a segunda vez que vem à cidade. Da outra vez, ficou por 2 anos. Diz que já viajou por 31 municípios. Sai andando mundo afora. É garçom formado e já trabalhou em grandes hotéis. Busca um emprego para sair dessa condição, porém perdeu seus documentos pessoais. Procurou a Defensoria Pública para resolver essa pendência e está aguardando. Adora cantar e, às vezes, tem vontade de procurar as emissoras de televisão/rádio para contar sua história e tentar uma oportunidade como cantor. Diz que quer trabalhar em qualquer coisa. Sua família encontra-se em Aracaju. Teve complicações devido ao uso de drogas. Brigou com seu padrasto e deu umas facadas nele. Ele sobreviveu. O motivo da briga foi o fato de o seu padrasto agredir fisicamente sua mãe. Foi deserdado e expulso de casa por sua mãe. Não tem nenhum contato com ela. Diz que, anteriormente, tinha uma boa condição financeira. O irmão também era usuário de drogas e acabou falecendo, em decorrência de uma overdose. Sua mãe não foi ao enterro do seu irmão. Já foi casado três vezes e possui três filhos. Não pode retornar a Aracaju, pois tem complicações com traficantes, mas, às vezes, passa por lá para ver os filhos. Tem contato esporádico com um irmão, mas tem dificuldades de relacionamento com ele também. Pretende ficar morando em Maceió ou em Recife. Tem um relacionamento amoroso há dois meses. Ela também se encontra em situação de rua. Ambos eram usuários de *crack* e estão há aproximadamente dois meses sem fazer uso da droga. Estão buscando apoio religioso para vencer essa batalha contra o vício. João diz que estava fisicamente debilitado, muito magro. Seu dia a dia é acordar, ir ao POP nos dois horários, frequentar praças e praticar mendicância, nas ruas, para sobreviver e poder alimentar-se. Nos fins de semana, pede comida nas casas e em restaurantes. Também há uma igreja que o ajuda e oferece café da manhã. Para a higiene pessoal, utiliza uma torneira que existe numa praça próxima. Sempre dorme no mesmo lugar, no bairro do Farol, embaixo da marquise de um prédio empresarial: lá, dormem ele, sua companheira e dois amigos. Esses dois amigos, também os conheceu nas ruas. Prefere esse lugar às praças, onde há muita gente e onde ocorrem roubos/furtos entre os próprios moradores de rua. Está nesse local há uns três meses. Antes, dormia na praia e ficava próximo aos pescadores. Afirma sentir-se desprezado nas ruas, pois, anteriormente, tinha uma vida melhor, com melhores condições financeiras. Sente o olhar das pessoas criticando-o na rua. Recebia o Bolsa Família, mas perdeu o benefício devido à falta dos documentos pessoais para sacar o valor no banco. Acha que não

deveria existir esse benefício, pois em sua opinião, ele facilita o uso de drogas por parte dos moradores de rua. Ficou recebendo durante aproximadamente seis meses. Apesar da situação em que se encontra, hoje se sente melhor, pois está com sua companheira e sem fazer uso de drogas. Acredita que Deus o libertou do vício. Anteriormente, passava o dia inteiro fazendo uso de drogas, e todo dinheiro que conseguia usava para esse fim. Já ficou quase um ano sem usar drogas e teve recaída. Afirma ter parado de beber também, porém, no último fim de semana, teve uma recaída. Para o futuro, deseja arrumar um emprego, rever os filhos e sair dessa vida. Deu entrada num programa social de habitação, em Aracaju, mas nunca acompanhou o andamento. Sempre que chega a uma cidade, procura saber se ela possui Centro POP e/ou albergue. Em Maceió, um amigo lhe falou do Centro POP, e disse que estava frequentando o POP 1 e o 2 ao mesmo tempo. Procura os serviços para alimentação, banho e, se estiver sem companheira, para pernoitar. Os documentos pessoais, conseguiu resgatar através do POP. Agora, está aguardando a Defensoria Pública, visando à outra via da certidão de nascimento. Já recebeu apoio do albergue e das equipes do consultório na rua. Para o albergue, sugere critérios mais definidos e rigorosos, como uma análise daqueles que querem, realmente, mudar de situação. Faz tratamento no Caps AD⁹ e toma medicação controlada. Tem dificuldade para dormir, porque a cabeça está sempre com muitos pensamentos, mas também porque tem medo de que aconteça algo com ele na rua. Expressa, durante toda a entrevista, a vontade de cantar profissionalmente.

5.4.1.3 Raquel

A terceira entrevista foi realizada com Raquel, no Centro POP 2. Raquel tem 41 anos de idade, estudou até a 5ª série do ensino fundamental e vive nas ruas há mais de 4 anos. Afirma estar nessa condição devido ao uso excessivo de *crack*. Refere-se ao *crack* como “droga maldita, nojenta, imunda”. Há cerca de um mês, não usa mais. Nunca usou outras drogas, apenas o *crack*. Estava debilitada fisicamente, muito magra. Achava que as pessoas

⁹ O Caps AD é um serviço específico para o cuidado, atenção integral e continuada às pessoas com necessidades em decorrência do uso de álcool, *crack* e outras drogas. A equipe profissional – composta por médico psiquiatra, clínico geral, psicólogos, entre outros –, realiza o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços comunitários. Atende os usuários em seus momentos de crise e oferece acolhimento noturno por um período de quinze dias, no máximo. Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/2016/08/caps-ad-amplia-atendimentos-a-familiares-de-usuarios/>. Acesso em: 22 mar. 2019.

tinham medo dela. Agora, se sente outra pessoa. Gosta de estar sempre limpa, maquiada, pois isso gera uma boa impressão. Acredita que usou *crack* por cerca de 13 anos. Pediu ajuda a Deus para manter-se firme no propósito de uma vida sem drogas. Também não usa mais cigarro, nem bebida alcoólica. Afirma não sentir nenhuma vontade de consumi-los. Tem um bom relacionamento familiar. Sua mãe mora no interior do estado. Refere-se à mãe com muito carinho. Em alguns períodos, foi morar com ela: nesses momentos, cessava o uso do *crack*, porém, não resistia ao vício. Possui irmãos. Tem bom relacionamento com todos. Possui sete filhos. Diz que criou todos. Já possui netos. A filha mais nova tem 13 anos e mora com sua mãe. Não se sente bem vivendo nas ruas, principalmente pelo fato de ter uma família, um local para ir. Sua família tem boas condições financeiras. Está aguardando o companheiro resolver as pendências dos seus documentos para irem viver, juntos, numa casa. Está nesse relacionamento há dois meses. Ele busca um emprego para ter condições de ir morar numa casa. Sente-se muito feliz com esse companheiro. Ele também está na mesma batalha que ela contra o vício das drogas. Ambos buscam apoio espiritual para resistir às tentações diárias. No seu dia a dia, frequenta o Centro POP (o que faz há mais de 4 anos) para alimentação, banho, cuidado com os pertences pessoais, para assistir à televisão e participar das atividades promovidas pelo serviço. Diz ser bem tratada por todos. Já frequentou o POP 1, mas prefere o 2 por conta da localização. Chegou ao POP através de um amigo que lhe indicou. Não foi usuária do albergue, pois não ouviu bons comentários sobre ele. O fato de não dormir com seu companheiro a afasta de lá. Foi atendida diversas vezes pelas equipes de abordagem social e do consultório na rua. Preocupa-se com sua saúde e faz exames periodicamente. Nunca procurou tratamento para o uso do *crack*. Busca sua fé para ter forças para libertar-se do vício. Nos dias em que não funciona o Centro POP, fica nas praças e sai pedindo alimentação nos restaurantes e casas. Dorme nas proximidades do Centro POP, na marquise de um prédio empresarial: dormem ela, o companheiro e dois amigos. Gosta desse local por ser tranquilo. Procuram sempre deixar o local limpo. Os vigias da redondeza os conhecem. Escolhe bem o local para suprir suas necessidades fisiológicas, procurando manter o ambiente limpo e agradável. Toma banho em uma torneira que fica numa praça. Lá, também lava suas roupas e as de seu companheiro. Não possuem muitos pertences, pois não têm local para deixá-los. Sempre os levam para todos os locais que frequentam. Raquel diz receber muitas coisas das pessoas que passam na rua, como alimentos, roupas, lençóis, toalhas etc. Relata a situação de um rapaz que foi a um supermercado e comprou para eles queijo, presunto, pães e refrigerante. Trabalha como flanelinha. Recebia o benefício do Bolsa Família, mas, recentemente, passou tudo para seus filhos. Já trabalhou de muitas formas,

como babá, cuidadora de idosos, cozinheira e auxiliar de serviços gerais. Relata uma situação de violência sofrida, quando foi sequestrada por aproximadamente 15 dias, espancada e violentada sexualmente. Ficou sem comer e sem beber. Após várias tentativas, conseguiu fugir. Buscou apoio em uma delegacia nas proximidades do local e, com os policiais, saiu em uma viatura tentando localizar o agressor, que foi encontrado e preso. Posteriormente, ele foi à casa da mãe dela. Seu irmão o viu e o matou com um tiro na boca. Raquel demonstra felicidade, diz que nada a incomoda, nada a atrapalha. No momento, aguarda essa documentação para mudar de vida. Tem planos de viver com esse companheiro até ficar velhinha e de ir morar perto de sua mãe, para ajudá-la. Gostaria de ir ver sua mãe e sua filha. Deseja uma casa para ir viver com seu companheiro. Sugeriu oportunidades de trabalho para as pessoas que estão em situação de rua.

5.4.1.4 Maria

A quarta entrevista foi realizada com Maria, no Centro POP 1. Maria tem 24 anos de idade, é natural de São Paulo (capital), estudou até a 8ª série do ensino fundamental e vive nas ruas há cerca de sete anos. Em Maceió, vive há um mês, pois, anteriormente, estava no Recife. Considera-se mochileira, pois gosta de conhecer lugares. Veio para Maceió buscando conseguir a documentação do seu companheiro com mais brevidade. É a segunda vez que frequenta Maceió. Daqui, pretende ir para Brasília. Sua família encontra-se em Limeira, São Paulo. Seus pais são falecidos. Teve pouco contato com seu pai. Sua mãe faleceu de lúpus, aos 41 anos de idade, quando ela tinha 14 anos. Após a morte da mãe, ficou morando com o tio e com o irmão. O irmão é nove anos mais velho que ela. Saiu de casa em virtude das agressões sofridas do irmão. Diz que ele tentou matá-la por diversas vezes. Foi morar na rua e, lá, conheceu um rapaz e foi viver com ele. Desse relacionamento, teve uma filha. Terminou após descobrir a traição dele e voltou a morar na rua. Sua filha, hoje com 7 anos, mora com o pai, pois ela não acha justo uma criança passar pela situação de viver nas ruas. Possui pouco contato com ela. Tem outro filho, de 2 anos de idade, que também mora com o pai, no Rio de Janeiro. Diz que o tio tem medo do seu irmão. Ele é usuário de drogas e, após a morte da mãe, a situação ficou insustentável. Presenciou agressões dele para com a própria mãe. Quando ela era criança e sua mãe estava internada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), ele dizia: “sua mãe vai morrer e a culpa é sua”. Achava que ele fazia tudo aquilo com ela por ciúmes, pelo fato de ela ser a mais nova e ter mais atenção, mais cuidado. Diante disso tudo, Maria considera-se mais feliz hoje, morando nas ruas, do que quando vivia com seu tio e seu irmão. Em parte, gosta de viver nas ruas. Gosta de viajar, de conhecer lugares e pessoas novas. Não

gosta de dormir nas ruas. Hoje, tem uma barraca para dormir, o que torna a situação melhor. Está dormindo no bairro do Farol e não sabe explicar bem o local. Dormem ela e dois amigos. Diariamente, frequenta a Casa de Ranquines e o Centro POP para alimentação, banho e cuidado dos pertences. Frequenta, também, a Biblioteca Pública para acesso à internet. Fica em praças do centro da cidade. Ficou no albergue e também foi atendida pela equipe do consultório na rua. Está satisfeita com os serviços/projetos que frequenta ou frequentou. Nos fins de semana/feriados, é mais complicado, pois precisa arrumar comida, já que os serviços não funcionam. Pede nos restaurantes, nas portas das casas ou em outros locais mais convenientes. Recebe o Bolsa Família e usa o dinheiro também para alimentação, pois prefere pagar a pedir nas ruas. Acha muito humilhante ter que pedir. Já houve pessoas que falaram: “vá trabalhar, sua vagabunda!”. No momento, não tem nenhum relacionamento amoroso, havia acabado há dois dias. Estava com ele há dois meses. O término foi devido às diferenças de pensamento/comportamento. Ele gostava muito de ficar dormindo pelo dia, mais parado; ela, por sua vez, estava sempre se movimentado, buscando algo para alimentação, banho etc. Ele está na rua há pouco tempo, por isso não entende bem como funciona. Usou drogas durante dois anos, logo após a morte de sua mãe. No primeiro dia em que estava na rua, uma menina lhe ofereceu *crack* e ficou insistindo para que ela usasse. Conseguiu parar por vontade própria e buscou apoio espiritual. Tem muito medo de ter uma recaída. Procura não se envolver em brigas. Nunca sofreu nenhum tipo de violência nas ruas, pois, pela experiência, sabe identificar os locais que deve ou não frequentar, evitando, assim, os mais perigosos. Percebe os olhares das pessoas para os moradores de rua, sente o preconceito sofrido só pelo fato de morar na rua. Segundo ela, os moradores de rua são estigmatizados como drogados, vagabundos etc. Não sabe dizer por que ela sempre volta para as ruas. Já houve várias oportunidades e, quando acontece uma situação, ela volta para a rua. Em Maceió, teve um relacionamento com um rapaz que tinha uma filha. Foi morar com ele, porém não aguentou a forma como a criança estava sendo educada, por isso voltou a morar nas ruas. Pretende voltar a estudar, abrir uma lanchonete e ter os filhos consigo. Gostaria de uma passagem para ir para Brasília. Ouviu falar muito bem de lá. Considera-se uma pessoa livre e gosta de ser assim. Não sugeriu nenhum programa/projeto para a PSR.

5.5 Análise das informações

Os repertórios produzidos durante as entrevistas foram formatados e analisados, qualitativamente, por meio dos mapas dialógicos. Estes permitem dar visibilidade à interanimação dialógica, aos repertórios linguísticos, às rupturas no processo de produção, às

disputas e negociações de sentidos, às relações de saber-poder e aos jogos de posicionamento (NASCIMENTO; TAVANTI; PEREIRA, 2014). A escolha de tal ferramenta está diretamente ligada ao referencial teórico-metodológico norteador da pesquisa.

Mapa dialógico é compreendido como:

Instrumento a ser usado na análise; constitui um dos passos iniciais da análise e pode auxiliar pesquisadores/as em uma aproximação com o material, na organização dos discursos e no norteamento da discussão. É aqui entendido como parte de um “ferramental” que, no sentido dicionarizado, é um “[...] conjunto de meios pelos quais se pode realizar, perfazer ou alcançar algo; instrumento”. Ele nos possibilita dar visibilidade à interanimação dialógica aos repertórios interpretativos, a rupturas, ao processo de produção, a disputas e negociações de sentidos, a relações de saber-poder e a jogos de posicionamento (NASCIMENTO; TAVANTI; PEREIRA, 2014, p. 78).

Para a construção dos mapas, foram realizados os seguintes passos: inicialmente, fizemos a transcrição integral (TI) das quatro entrevistas e colocamos a numeração das linhas no texto transcrito, visto que, posteriormente, essas numerações fariam parte dos mapas dialógicos e da discussão dos resultados.

O segundo passo foi a transcrição sequencial (TS), feita a partir da identificação das falas e vozes presentes nas entrevistas. Nesse momento, foi possível perceber a quem a fala é endereçada e quais os repertórios linguísticos usados para falar sobre determinado assunto. Não se trata de uma transcrição completa do texto, mas da identificação de sobre o que versa a discussão e como ela acontece (NASCIMENTO; TAVANTI; PEREIRA, 2014). Realizamos a TS para as quatro entrevistas. Estas foram realizadas a partir da leitura da TI. Após a realização da TS, analisamos os repertórios que emergiram nas entrevistas e, assim, foi possível definir os eixos temáticos dos mapas.

O terceiro passo foi a definição desses eixos, organizados, com base nos objetivos deste estudo, pelos repertórios aos quais queremos dar visibilidade na nossa análise, e em diálogo com os temas identificados na revisão da literatura apresentada anteriormente.

O quarto momento foi a construção dos mapas dialógicos. Para tal, construímos um quadro, deslocando partes do texto para as colunas/eixos temáticos que definimos. Trata-se de um quadro com linhas e colunas organizado pelos temas identificados na TS. Abaixo, o quadro 18 demonstra essa categorização.

Quadro 18 – Demonstrativo dos mapas dialógicos.

APOIO	HISTÓRIA	PERSPECTIVA	REL.COM	RELAÇÃO	RELAÇÃO
--------------	-----------------	--------------------	----------------	----------------	----------------

ESPIRITUAL	DE VIDA	PARA O FUTURO	A POLÍT. PÚBLICA	COM A RUA	COM AS DROGAS
	Pesquisadora L – 11: Em Maceió há quanto tempo?				
	Maria L – 12: 1 mês. O tempo que eu estou aqui no POP.				

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Como se pode observar no quadro 18, classificamos os repertórios produzidos durante as entrevistas em seis eixos temáticos: (a) apoio espiritual; (b) história de vida; (c) perspectiva para o futuro; (d) relação com a política pública; (e) relação com a rua e (f) relação com as drogas.

Construímos um mapa para cada uma das quatro entrevistas e, em todos os quatro mapas, foram utilizados esses eixos temáticos. Assim, *Quem Fala* pode ser identificado, em cada mapa, através dos nomes dos participantes da entrevista. *Sobre O Que Fala* encontra-se em outra coluna e corresponde ao que é expresso por cada participante no momento da entrevista, que são as colunas dos eixos temáticos. As falas que preenchem as linhas foram extraídas das entrevistas. Nos mapas, também são identificadas as linhas em que se encontram as falas, às quais estamos nos referindo, conforme é possível visualizar no quadro 18.

A partir dos mapas, inicia-se o processo de identificação dos repertórios utilizados para falar sobre as estratégias, as táticas e as articulações utilizadas pela PSR. É necessário compreender a dinâmica e a polissemia das práticas discursivas. Utilizamos a unidade básica de análise do discurso chamada de *repertórios linguísticos*. Os repertórios possuem por funções:

Enfatizar que se trata de circulação de unidades de construção das práticas discursivas: os termos, as descrições, os lugares comuns e as figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades da produção de sentidos. Sendo elementos centrais nesse processo, um passo fundamental da análise (e que pode ser o seu foco) é identificar os repertórios em uso e seus efeitos na maneira como nos posicionamos e posicionamos nossos/as interlocutores/as. Além disso, analisá-los nos permite perceber como versões de realidade foram produzidas (SPINK, M. J., 2004, p. 23).

Aragaki, Piani e Spink, M. J. (2014, p. 229) dizem que “os repertórios, portanto, compõem as práticas discursivas (assim como os enunciados e os gêneros de linguagem), colaborando na produção de sentidos a respeito de determinado assunto”. Seus principais objetivos de uso na pesquisa, conforme os autores, são:

- a) identificar e entender as múltiplas maneiras de falar sobre um tema e as tradições discursivas que lhes deram origem;
- b) possibilitar acesso a palavras-chave para recuperação de artigos e outros documentos, criando um glossário para o estudo de uma temática em bancos e bases de dados (periódicos científicos, jornais, revistas, sites etc.);
- c) criar uma linha argumentativa a respeito da trajetória de um conceito ou tema em uma área específica, assim como de sua migração para outras áreas do saber;
- d) compreender como repertórios contribuem na construção de fatos e de distintas versões de realidade; e
- e) entender os posicionamentos e as relações de poder presentes em um tema e/ou campo específico (científico ou não) e as controvérsias daí decorrentes (ARAGAKI; PIANI; SPINK, M. J., 2014, p. 231).

Após a análise dos repertórios, buscamos compreender os cotidianos das pessoas em situação de rua, suas estratégias para sobreviver nas ruas de Maceió e suas relações com a política de assistência social, ao darmos visibilidade aos sentidos produzidos sobre os eixos temáticos, por meio da análise das unidades de construção utilizadas na linguagem em uso.

6 VIVER NA RUA: DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Neste capítulo, mergulhamos nos resultados e discussões produzidos durante a construção do trabalho. Retratamos, a partir dos repertórios utilizados pelos protagonistas, os percursos, as vivências, as estratégias e as articulações com a política de assistência social. Como estamos situadas na seara das pesquisas qualitativas, não temos pretensão de generalizar nossas análises, pois estas são localizadas e singulares. Focamos nas histórias de vida, para a compreensão da proposta deste estudo.

As discussões são apresentadas de forma articulada, entre o que a literatura tem apontado e os repertórios linguísticos identificados nas falas dos protagonistas, que foram associados aos eixos temáticos definidos no momento da construção dos mapas dialógicos, conforme apresentado anteriormente. Destacamos que os eixos definidos não são categorias excludentes, mas eles se complementam e dialogam um com o outro, visto que todos se constituem mutuamente. Na dinâmica da vivência do cotidiano, é impossível separar cada um dos tópicos, pois os temas abordados, que apenas separamos metodologicamente, aparecem simultaneamente e de forma imbricada.

6.1 Apoio Espiritual

Os repertórios utilizados pelos participantes sobre apoio espiritual apresentam o sentido de uma força divina, da qual emana proteção para as adversidades do dia a dia nas ruas. Na entrevista, não formulamos um questionamento/pergunta direta sobre essa temática, porém ela se fez presente em três das quatro entrevistas, diferenciando-se na intensidade com que era verbalizada, conforme apresentamos nos trechos seguintes:

Maria (L 196-200): [...] Eu não vou mentir a senhora não, eu tenho medo de recair, eu não posso dizer a senhora eu nunca mais vou usar por que a gente não sabe o dia de amanhã. A cada dia eu peço a Deus ... Deus não me deixe usar isso aí ... quando eu vejo que dá aquela vontade, eu começo a pedir a Deus, começo a entrar nas minhas orações, não aceito, eu repreendo essas coisas na minha vida.

Raquel (L 31-38): [...] Eu pedi tanto a Deus tia, pedi tanta força no meu coração. Eu me levantei 2h da manhã e fui até às 3h da manhã de joelho. Digo Jesus eu não quero essa vida mais pra mim. Tô cansando dessa vida. Me tire dessa vida imediatamente meu Pai Santo ... eu quero mudar, eu quero, eu quero. Eu era evangélica tia, 10 anos batizada no espírito santo, nas águas, aí de repente me encontro numa vida triste dessas. E de lá pra cá Deus fez assim comigo tia, me tirou do fundo do calabouço, eu não estou nem sentindo mais falta disso ... sinto mais não falta.

João (L 189-192): [...] Hoje eu estou mais em paz. Antigamente, era pegar em dinheiro e ir ali pra baixo usar droga. Ficava o dia todo ... uma coisa horrível. Creio

que Deus tirou totalmente de mim, pois não tenho vontade. Eu vejo os outros usando agora, me oferecendo e eu digo: eu não quero isso, nem pintado de ouro. Eu sei o que ela fez na minha vida.

Nas falas transcritas, podemos identificar o uso da fé/apoio religioso como estratégia para a desvinculação do vício das drogas. Nesses casos, todos foram usuários de *crack* e estavam em processo de reabilitação. Podemos observar o uso de repertórios relativos às drogas que produzem sentidos negativos, conforme o relato de Raquel (L 20-21): “[...] É essa imunda. Eu não era assim não tia, eu estou bonita agora. A senhora tá me vendo uma mulher agora”.

6.2 Histórias de vida

Situamos, neste item, os repertórios produzidos pelos participantes quando nos falam sobre suas histórias de vida, o que os levou à vida nas ruas e por que continuam nessa condição, bem como sua relação familiar e/ou amorosa.

Na entrevista, houve perguntas direcionadas a essas temáticas, o que levou os sujeitos à produção de versões das histórias de vida com riqueza e diversidade de detalhes, construindo uma biografia e resgatando fatos ocorridos desde a infância até a idade adulta.

Os relatos sobre os motivos que os levaram a morar nas ruas trazem as seguintes situações:

Maria (L 42): Aí meu irmão judiava muito de mim, daí eu saí de casa.

Pesquisadora (L 43): Judiava como?

Maria (L 44): Ele batia. Ele já tentou me matar diversas vezes e por conta disso eu saí de casa.

Pesquisadora (L 63): Seu irmão tem algum transtorno ou outra coisa?

Maria (L 64-66): Drogas. E ele quando está sem droga fica muito agressivo, meu tio tem medo dele, faz as vontades dele. Meu tio trabalha, é aposentado, tem casa de aluguel, mas faz as vontades do meu irmão com medo de apanhar, não coloca na rua porque tem dó.

Raquel (L 18): Por causa dessa droga maldita, nojenta.

Pesquisadora (L 19): *Crack*?

Raquel (L 20): É essa imunda.

João (L 29-33): Minha família ... a gente tinha tudo lá em Aracaju. Eu tive uma complicação por causa de droga, briguei com meu padrasto ... acabei dando umas facadas nele e minha mãe me deserdou ... mandou eu sair e me virar. Daí eu passei um tempo na banda e começaram amizades demais comecei a usar esse tal de *crack* acabando minha vida. Meu irmão estava usando também. Só depois de praticamente 6 anos que meu irmão morreu foi que eu resolvi parar. Meu irmão morreu nos meus braços de overdose.

José: Problemas familiar (L 12). Com minha mãe e meu padrasto (L 16). Porque eu tinha acabado de assumir que sou LGBT ... aí minha mãe não falou nada. Quem

ficou falando Bxxxx foi meu padrasto (L 18-19). Não ela ficou meio assim ... aí depois meu padrasto ficou falando Bxxxx dentro de casa aí eu peguei pra não ter confusão fui pra rua (L 22-23).

Quando falamos sobre pessoas, sabemos que há particularidades na condição de várias delas, e que cada uma tem um ou vários motivos para viver nas ruas. Há também problemas que são comuns entre elas, que são expressões da exclusão social à qual estão submetidas. Nas histórias contadas aqui, o uso abusivo das drogas, pelo próprio participante ou por familiar, foi um fator de destaque e está presente em três dos quatro relatos. A informação é condizente com a pesquisa realizada pelo MDS, que aponta os principais motivos que levaram os entrevistados a morar nas ruas: esses motivos estão relacionados a problemas com drogas e alcoolismo (35%), desemprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%) (BRASIL, 2008).

De acordo com Sen¹⁰ (2009), a exclusão social afeta diretamente o exercício das liberdades, tolhendo direitos básicos como o acesso à moradia, à educação, ao trabalho digno e ao bem-estar. Desprovido de reconhecimento social, no sentido da inclusão e do pertencimento, o homem perde a liberdade de agir e de tomar decisões, deixa de ter livres escolhas.

A PSR é submetida às circunstâncias que a realidade das ruas lhe impõe. Ora é retratada como vítima, ora como aquela que infringe a ordem social, conforme detalharemos adiante.

No tocante à relação familiar, nas narrativas, as lembranças das famílias são expressas por repertórios em que identificamos sentimentos de mágoas, decepções, bem como sentimentos contraditórios, pois ora existe o desejo de retornar para a família, ora a felicidade se faz presente, apesar da condição de vida nas ruas.

Maria (L 85-88): Eu falo pra senhora que, não pela parte da minha mãe, por que eu amava minha mãe e eu amo até hoje, mas assim com relação a essa parte aí de sofrimento eu acho que, independente de eu tá na rua, eu estou mais feliz hoje do que eu estava naquela época porque meu irmão ele judiava de mim, judiava da minha mãe e judia até hoje do meu tio, entendeu?

¹⁰ Segundo Sen (2009), as liberdades representam ou simbolizam os direitos do homem. O homem terá liberdade quando puder exercer, efetivamente, seus direitos de cidadão. Qualquer tipo de restrição ilegítima aos direitos do homem interfere no seu direito de liberdade. Dessa forma, fala-se em liberdades substantivas quando há a concretização dos direitos do homem, alçando-o a uma condição de agente participativo. As liberdades substantivas representam a possibilidade de o homem atuar e de ser reconhecido como cidadão; podendo agir ou não agir por seu livre arbítrio, não por força de restrições ilegítimas aos seus direitos.

Raquel (L 54-56): Ela [a mãe]: ‘minha filha venha embora’. Eu dizia: ‘mãezinha chegou o seu dinheiro?’ ‘Chegou tudo minha fia, só não chegou você’. ‘Oh mãezinha perdoe mas eu fiquei aqui’. Aí ela já chora pelo telefone, triste, trás deu [atrás de mim]... Mas eu creio tia, que dessa vez agora eu vou conseguir!

João (L 98-100): [...]Quando eu sinto saudades dos meus filhos eu passo por lá. O bairro é meio distante da minha complicação¹¹ aí eu consigo passar, olhar e ver como eles estão. Minha mãe dá as coisas a eles. Minha mãe é promotora aposentada.

José (L 27-29): depois de um tempo [que ele estava na rua], minha mãe começou a me procurar, aí pediu pra eu voltar pra casa. Aí eu disse que não iria voltar. Ela disse que meu padrasto queria falar comigo e eu disse que não queria conversar com ele.

Estar em situação de rua não significa, necessariamente, que houve rompimento definitivo dos vínculos familiares. Em alguns dos casos apresentados neste estudo, os familiares sofrem com a ausência e a condição de vida daquele que está em situação de rua, conforme os relatos de Raquel e de José, transcritos acima. As relações familiares rompidas figuram na memória dos interlocutores, evocadas como um passado distante ou difícil de ser retomado, revivido, reatado, como nos casos de Maria e de João.

A formação de agrupamentos de pessoas em situação de rua, ou mesmo de significativos vínculos de amizade, é outra estratégia utilizada pela PSR para sobreviver nas ruas. Esses laços de amizade são considerados semelhantes às relações familiares. Os agrupamentos sociais constituem-se como uma necessidade afetiva, psicológica, fisiológica e social. Segundo Escorel (1999), a característica básica dos agrupamentos constituídos nas ruas são as relações temporárias e baseadas na territorialidade dos espaços urbanos.

Nas quatro histórias aqui contadas, os participantes relatam que estão vivendo e preferem estar com grupos de amigos e/ou manter vínculos amorosos. Os repertórios sinalizam a importância das relações construídas nos espaços urbanos, demonstrando serem positivas.

Maria (L 112-113): Eu durmo na minha barraca e os meninos cada um no seu papelão. Todos me respeitam e eu respeito os meninos.

Pesquisadora (L 162): Como você conheceu este pessoal?

¹¹ João relata, nos seguintes trechos da entrevista, a referida complicação: “[...] Particularmente eu não posso voltar mesmo pra Sergipe porque eu acabei roubando, roubando até amigos, bicicletas de amigos. Tem uns dois policiais lá que são amigos meu que eu acabei roubando as bicicletas deles, troquei por droga e ele disse que no dia que eu aparecesse lá ia arrancar minha cabeça. Já não posso voltar (L 62-65).

João (L 163-165): Aqui na rua também. Conheci o Bruno que tá aqui no POP e o João conheci na rua. Aí a gente acabou pegando uma amizade.

Pesquisadora (L 89): Geralmente, você fica mais sozinho ou em grupo com seus amigos/companheiros?

José (L 90): Em grupo.

Pesquisadora (L 91): Por quê?

José (L 92): eu gosto mais de ficar conversando com os meninos.

Raquel (L 147-150): Parece que mais uns três mais a gente que dorme. Tudo legais. São tudo unidos. Nós não briga, não faz bronqueira lá, nada disso lá tem. Aí tem um deles lá que gosta de usar maconha eu já disse a ele, se ele quiser usar negócio de maconha ele vá pra lá, aqui não, pra não manchar o canto que a gente veve e eles obedecem. Aí eles vão, eles saem e vão pra outro canto.

Dos participantes, Raquel e João declararam manter relações afetivas há aproximadamente dois meses. Os demais estão solteiros. Aqueles que estão sozinhos expressam o desejo de conseguir, no futuro, um relacionamento satisfatório, no caso de José. Já Maria relata algumas histórias amorosas conflituosas vividas no passado, e como ela se sente em relações controladoras.

Maria (L 299-303): Não, não aceito não. Esse meu ex mesmo, ah não fala com fulano não porque fulano tá dando em cima de você ... Aí que eu falava com fulano! Porque poxa, eu gosto muito de ter minhas amizades, eu tenho amizade com mulheres e com homens, do mesmo jeito que meu parceiro também pode ter amizades com homens e com mulheres, a única coisa que eu exijo é o respeito, entendeu? Se não tiver respeito pra mim não serve. Se tiver respeito, pode conversar com quem quiser ... só isso.

João e Raquel expressaram o desejo anterior de encontrar um relacionamento duradouro, e relatam como estão felizes.

João (L 118-120): Mas ela chegou pra mim, por causa de uma coisa que eu dei a ela, antes quando eu ia lá pra usar droga com ela ... um pingente da Maria, eu dei um terço na mão dela ... aí ela veio até mim e disse que me amava.

Raquel (L 75-80): Eu tava com outro, né tia. Ele ia direto lá embaixo atrás de mim, ele me dava dinheiro, ele me dava presentes. Eu tava com outro homem e não ia desrespeitar o outro, isso é feio né tia!? Arrumar problema, os dois ia se matar. Aí chegou o tempo que eu não vivia mais com o outro que eu tava, aí eu cheguei, aí eu pedi a Deus: Senhor ele tá solteiro aquele homem será? Eu tava amando ele em segredo, gostando dele em segredo. Aí eu pedi a Deus: Senhor me ajude meu Deus onde ele tá, ele tá sozinho ou tá com alguém? Se ele tiver só bem, se ele não tiver eu não quero não.

José, quando questionado sobre seus projetos para o futuro, relata: "... ficar no meu cantinho, ficar com uma pessoa certa" (L 156).

Em estudos realizados, pressupunha-se que as mulheres em situação de rua iniciavam um relacionamento no intuito de ter alguém que as protegesse. No entanto, foi constatado que elas buscavam amizades e relacionavam-se sexualmente apenas quando se sentiam atraídas, quando eram conquistadas ou conquistavam, quando sentiam desejo (ROSA; BRÊTAS, 2015). Em consonância com essa pesquisa, nas histórias aqui relatadas, as participantes deste estudo não afirmaram se envolver amorosamente visando à proteção.

Os relatos expressam as trajetórias de vida dessas pessoas, que foram muitas vezes marcadas por relações conturbadas nas famílias, histórias de preconceito e falta de acesso às condições mínimas de sobrevivência.

6.3 Perspectiva para o futuro

Quanto aos questionamentos sobre os projetos para o futuro, está presente, em todas as narrativas, o repertório que traz a expectativa de sair das ruas, como também: o sonho de conseguir um emprego; ter o próprio negócio; ter uma casa própria; viver o resto da vida com o/a atual companheiro/a; e reencontrar familiares.

João (L 206-208): Voltar a trabalhar. Voltar a adquirir minha família outra vez e sair dessa vida maldita que não é para ninguém não ... isso não é para gente não ... isso é para lixo ... quem quer ser lixo. Deus não quer isso pra gente.

Raquel (L 281): Ah tia, eu penso coisas boas né, quero viver com ele até ficar velhinha. (L 283-285): Sempre respeitando ele, porque o certo da mulher é respeitar o homem, então eu só penso coisas boas tia pra mim, ter a minha casa, ter ... ir pra perto da minha mãezinha, pra ajudar ela né, porque eu amo ela.

Maria (L 254): Eu tenho! Quero voltar a estudar.

Pesquisadora (L 255): Que mais?

Maria (L 256): Trabalhar, abrir minha lanchonete, quero meus filhos comigo.

José participa do MNPR, e um dos seus desejos é continuar trabalhando em prol do movimento. Na oportunidade, ele estava fazendo um curso de oratória. Em virtude da sua atuação no movimento, teve oportunidade de viajar para participar de eventos em outras cidades. Diz gostar de discutir sobre políticas públicas.

Maria possui sentimentos ambivalentes com relação à rua. Define-se como mochileira e, para ela, ficar andando de cidade em cidade, para conhecer outros lugares e pessoas, é o lado bom de viver nas ruas.

Maria (L 100-103): Eu não gosto muito não, mas em partes eu gosto. Eu gosto da parte de viajar, eu gosto de viajar muito, eu me denomino mochileira entendeu ... e a parte de viajar é muito bom porque cada lugar que a gente chega conhece pessoas

novas, lugares novos, mas o fato de tá dormindo na rua, apesar que agora eu arrumei uma barraca.

Maria (L 289): Estou pensando em ir pra Brasília.

Pesquisadora (L 290): Por que Brasília?

Maria (L 291-292): Porque todo mundo fala muito bem de lá ... muita gente! Tipo 100 pessoas fala bem e duas fala mal. E a curiosidade também de conhecer lá.

Neste estudo, todos os participantes citaram projetos para o futuro, situação diferente da apontada por Gomes (2006) em seu estudo, que chama a atenção para a forma de vida ligada inteiramente ao tempo presente, no momento, no aqui e agora:

A posição de receptividade, de achaque, de pedinte, chega mais forte e traz consigo a anulação do desejo enquanto mola de criação de possibilidades de vida. Vida aqui entendida como valor, bem necessário para se continuar vivendo. Mas a maior parte do tempo é vivida no hoje, no tempo do agora, e o depois se vê quando ele chegar (GOMES, 2006, p. 91).

Problematizamos, em relação a esses repertórios, o local da realização da pesquisa, a pesquisadora e a escolha dos participantes. Os Centros POP, onde ocorreram as entrevistas são serviços vinculados à política de assistência social, que tem por objetivo propiciar o resgate da cidadania e da autonomia. A entrevistadora/pesquisadora é uma das profissionais do serviço, e, apesar de não ter tido contato anterior com eles e elas até aquele momento, circula no ambiente. E os usuários foram escolhidos a dedo pelas profissionais. Podemos perguntar: a quem estão direcionados esses discursos? Será que eles não reproduziram o discurso esperado?

O trabalho foi um tema muito frequente na entrevista com o João. Ele cita o desejo de conseguir um emprego como o objetivo principal em sua vida. Ele conta que já cantou em bares pelo Brasil e tem o sonho de voltar a cantar. Diz que aceita trabalhar em qualquer coisa. Deposita, no trabalho, a expectativa para mudanças na sua vida.

Pesquisadora (L 309): Você me falou que tem esse sonho de cantar.

João (L 310): Quero cantar na televisão.

Pesquisadora (L 311): Você já tentou?

João (L 312-314): Ainda não. Às vezes me dá coragem, às vezes uma coisa me diz que eu não vou conseguir ser nada. Difícil ... fico nessa dúvida. Todo mundo diz se eu for eu vou conseguir ... mas tem que ter uma vontade mesmo de si próprio. Eu preciso de um violão ... não tem jeito não.

As falas expressam alguns sonhos/projetos que, na opinião dos protagonistas, são expectativas de um futuro mais digno. Os obstáculos para a realização passam por: a) dificuldades de reinserção no mercado de trabalho; b) superação da vergonha do fracasso vivenciado como individual; e c) falta de perspectivas. Tais obstáculos fazem com que,

muitas vezes, situações provisórias tornem-se um novo modo de viver, marcado por processos contraditórios de conformismo e de resistência.

Outro questionamento é sobre a relação entre futuro e viver nas ruas, que, muitas vezes, pode parecer antagônica. Como pensar em futuro morando nas ruas? Já consideramos que o direito da PSR está garantido por lei, mas não será exatamente a negação de tais direitos que configura a exceção?

As contribuições de Agamben (2007) sobre a tanatopolítica da vida nua¹² apontam para a seguinte problematização: o Estado tem interesse em que parcelas marginalizadas da sociedade se configurem como vida nua e permaneçam em situação de abandono, expostas à morte. Nessa perspectiva, podemos afirmar que o que está vigorando é uma estratégia de governo não mais centrada na política, muito menos na biopolítica¹³ – que envolveria estratégias para fomentar a vida da população –, mas na tanatopolítica, ou seja, o que ocorre é uma produção de morte (SCISLESKI, 2010; WAISELFISZ, 2011).

Nesse contexto de inclusão e de exclusão, tais considerações foram problematizadas, para refletirmos sobre o quão complexo é lidar com parcelas da sociedade que são desqualificadas por não seguirem o caminho habitual esperado.

6.4 Relação com a política pública

Conforme mencionado, as políticas públicas são de responsabilidade do governo federal, dos estados e dos municípios brasileiros. Na PNPR (2008), há uma série de determinações, como a capacitação dos profissionais, a oferta de serviços de assistência social, a inclusão da PSR na intermediação de empregos, a criação de alternativas de moradia, entre outras.

Nas entrevistas, perguntamos sobre os serviços oferecidos pela Política Pública de Assistência Social, com o objetivo de compreender a relação que os participantes estabelecem

¹² Segundo o filósofo Giorgio Agamben (2007), a vida nua, ou *zoé*, foi incluída no ordenamento político-jurídico para depois ser excluída pelo princípio da exceção soberana. O autor italiano resgata a ideia grega de *zoé*, que é um termo extraído principalmente da obra de Aristóteles. A *zoé* pode ser definida como sendo a vida natural, de todos os seres vivos, não concernente à vida enquadrada nos requisitos da bios, já que a bios se refere à vida qualificada do cidadão grego. A *zoé* tem como exemplo a vida da mulher, do escravo, do meteco, das crianças, enfim, daqueles que não participam das decisões na pólis.

¹³ Ver FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. Ver especialmente a discussão sobre biopolítica e biopoder na “Aula de 17 de março de 1976”.

com ela. A seguir, apresentamos o que eles/elas nos falam sobre como os serviços da assistência social participam do cotidiano, como são avaliados e que outras ações são sugeridas.

Maria (L 117-118): Sim. Aí eu venho aqui e tomo o café daqui pra reforçar, o dia que tiver lavo roupa, tomo banho todos os dias, depois vou pra biblioteca.

Raquel (L 114-115): A gente vem pra cá tomar banho. Comi. Não sei se é isso que a senhora quer saber ... só sei que eu tô falando.

João (L 221-222): Neste tempo que eu estou na rua. Toda cidade que eu vou procuro ou o POP ou o Albergue. Se eu tiver sozinho procuro o Albergue. (L 244-248): Sozinho, na rua não tinha conhecimento de nada. Antigamente eu não sabia pedir nada e pra eu não passar fome eu procurei. Aí me disseram tem um órgão que ajuda vocês que estão na rua, pessoas de rua que passava e via minha situação. Aí eu comecei a procurar e eu achei ótimo porque é uma ajuda é um modo de você não querer morar. Muitos querem viver disto aqui. Eu não pretendo viver aqui deste jeito. Eu sei que não é desumano é humano o que eles fazem pela gente.

José (L 174): Oxe tem muito tempo. Comecei no de lá de cima e depois vim pra cá. Tem uns 2 anos.

A contribuição do Centro POP no cotidiano pode ser também dimensionada, nos relatos dos participantes, ao falarem das dificuldades enfrentadas nos fins de semana/feriados, quando o centro não funciona.

Maria (L 129-130): Já é um pouquinho mais complicado, porque não tem Centro POP, não tem Casa de Ranquines. Durante o dia a gente tem que dá o jeito da gente pra arrumar comida.

Raquel (L 120-123): Quando encerra o último dia do POP que é o final de semana, aí a gente fica, vai pra praça, vai pra outra praça, tem uns restaurantes que a gente pega comida.

De acordo com as falas dos protagonistas deste estudo, o Centro POP é utilizado no dia a dia dessa população, e funciona como uma estratégia para suprir suas necessidades básicas para a sobrevivência nas ruas. Geralmente, ele é acessado para alimentação, higienização pessoal e dos pertences e para o atendimento técnico, que corresponde à facilitação do acesso aos serviços e às demais políticas públicas, mediante encaminhamentos, articulações, contatos telefônicos, visitas institucionais e participação em reuniões, como alguns relatos indicam.

João (L 252-253): Os documentos, eles ajudam pra caramba aqui. Se você precisar tirar uma identidade, de uma declaração pra algo.

Pesquisadora (L 116): Como você conseguiu o Bolsa Família?

José (L 117): Aqui no POP. Peguei o encaminhamento e fui.

Pesquisadora (L 118): Então você tem todos os seus documentos?

José (L 119): Sim, eu tenho.

Pesquisadora (L 120): Como você conseguiu tirar seus documentos?

José (L 121): Peguei o encaminhamento no POP e fui na defensoria pública.

Pesquisadora (L 146): Você se inscreveu foi no Minha Casa, Minha Vida?

José (L 147): Foi. Me inscrevi pelo POP também.

O albergue municipal é um outro serviço bastante acessado pela PSR. Dos quatro participantes deste estudo, três passaram, em algum momento, por lá. No entanto, todos, atualmente, optaram por dormir nas ruas, pelos seguintes motivos: a necessidade de dormir junto com o/a companheiro/a; a necessidade de estar junto dos amigos; e o hábito de dormir muitos anos no mesmo local.

Essas informações estão em consonância com a pesquisa do MDS, segundo a qual 46,5% dos entrevistados preferem dormir na rua, enquanto 43,8% manifestam intenção por dormir em albergues. As principais razões apontadas para a preferência pela rua são: a falta de liberdade nos albergues (44,35%), seguida do horário de entrada, saída e demais rotinas (27,1%) e, em terceiro lugar, o fato de ser proibido, em tais locais, o uso de álcool e de drogas (21,4%) (BRASIL, 2008).

Maria (L 276): O albergue em si é bom ... eu não tenho nada o que dizer não.

João (L 255): O Albergue. Também tem os albergues que são particular. Fiquei uns 4 meses lá.

Raquel (L 310): Não. Nunca passei pelo albergue tia.

Pesquisadora (L 311): Foi. Por quê?

Raquel (L 312-313): Assim, porque eu nunca quis tia. Eu ouvi dizer que lá é chato tia. Lá a pessoa não pode ficar perto do seu esposo.

João sugere, para o albergue, mais rigor e critério na seleção dos usuários do serviço:

João (L 276-282): Estes albergues que tem ... deveria ter mais pra ajudar aquelas pessoas que querem ser ajudadas. Eles deveriam também olhar realmente ... eu sei que todo mundo é ser humano, mas tem pessoas ali ... tem pessoas que realmente entram pra sair disso e tem pessoas que vem para atrapalhar. Então deveria ser mais visto isso aí, analisado se a pessoa realmente quer. Se a pessoa aprontou ela tem que ter um retroativo, tem que passar um tempo sem tá ali dentro. Aí a pessoa briga, faz o que faz, passa 15 dias e depois vem pior ainda. Aí quer bagaçar tudo. Acaba com quem quer ser ajudado e com ele próprio.

Os albergues foram um assunto frequente nas conversas tecidas com as pessoas de rua, sobretudo sob o ângulo da recusa e de suas razões. Um motivo constante foi a disciplina imposta aos usuários, com horários, “fila para tudo”, controle; em suma, tudo aquilo que

caracteriza as instituições disciplinares. Outro argumento se referia aos frequentadores habituais dos albergues, qualificados de ladrões ou vagabundos, pessoas de convivência perigosa (KASPER, 2006).

O Bolsa Família, popularmente chamado de “bolsa”, é um benefício socioassistencial que faz parte do rol dos benefícios ofertados pelo governo federal. Todos os participantes deste estudo já foram contemplados com esse auxílio. No momento, dois estão fazendo uso. Quando questionados sobre o programa, afirmaram:

Maria (L 209): Já tem 2 anos. Já tive que atualizar já. Era 124,00 e passou pra 130,00, mas aí eu tirei minha filha.

João (L 169-171): Eu recebo o bolsa, mas por causa desse documento que eu perdi ... eu já tinha esquecido do bolsa, não queria nem mais receber assim, com raiva, fiquei com raiva deste dinheiro, na verdade não deveria ter.

Pesquisadora (L 172): Por quê?

João (L 173): É muito fácil para os moradores de rua usar droga ... adquirir qualquer coisa.

José (L 105): Era R\$ 87,00 aí passou para R\$ 89,00.

Pesquisadora (L 106): E com este dinheiro você consegue fazer o quê?

José (L 107): Comprar minhas coisas de higiene, minhas coisas pessoal.

Raquel (L 175): Não. Até um pouco eu recebia o Bolsa Família dos meus filhos, mas passei tudo pra eles.

O comentário de João faz-nos refletir sobre o uso desse benefício pela PSR, já que, financeiramente, ele não contribui efetivamente para a saída das ruas, pois o valor recebido, por exemplo, não viabiliza o pagamento do aluguel de um espaço para morar. Em seu estudo, Barbosa (2017) relata o depoimento de um dos participantes, que se refere ao programa com conotações semelhantes à de João, chamando-o de “bolsa noia” (BARBOSA, 2017, p. 61). Realiza reflexões sobre o momento de construção das políticas públicas, da distância entre os elaboradores e seus executores, não considerando os recortes e a própria natureza.

Retomando as discussões de Agamben (2007) e de Foucault (2005), e refletindo sobre a concessão do Bolsa Família, este não estaria retroalimentando o controle e o dispositivo de captura dessa população? Dispositivo esse que se ocupa com a vida (biopolítica), mas que também produz ativamente a morte (tanatopolítica) (BARBOSA, 2017).

Em seu estudo, Lisboa (2013) também reflete sobre a ênfase que a política de assistência social imprime nos programas de transferência de renda para a PSR, como o Bolsa Família, visto que, para ela, essas ações podem ser interessantes a curto prazo, já que possuem efeitos imediatos na melhoria da qualidade de vida dessas pessoas, porém “não possuem o

poder de transformar a estrutura de desigualdade social, mantendo-os na posição de pobres tutelados pelo Estado” (LISBOA, 2013, p. 166).

Quanto às sugestões de programas/projetos, tivemos as seguintes contribuições:

Quadro 19 – Sugestões de programas/projetos para a PSR.

MARIA	JOSÉ	JOÃO	RAQUEL
<p>“Não, no momento eu não tenho nada pra dizer sobre isso. Deixe eu quietinha mesmo” (L 305).</p> <p>“Não tenho nada pra dizer não! Tá tudo muito bem, tá tudo muito bom” (L 321).</p>	<p>“Aqui no POP algum curso para renda ... ter sua própria renda” (L 216).</p>	<p>João: Tem o auxílio. Eu nunca dei entrada (L 270).</p> <p>Pesquisadora: Qual auxílio? O auxílio moradia? (L 271)</p> <p>João: Sim (L 272)</p>	<p>“Um trabalho, um serviço” (L 334).</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

De uma forma geral, os participantes tiveram dificuldade para responder a essa pergunta. Maria, conforme transcrito no quadro 19, não quis responder e pediu para “deixá-la quieta”, que estava “tudo bom”. Por mais que tentasse modificar a pergunta para ajudá-los a entender, as respostas foram evasivas. Pudemos refletir sobre essa situação, situando novamente o contexto em que ocorreram as entrevistas, a entrevistadora/pesquisadora e a relação que estabelecem com esse serviço, que supre as suas necessidades básicas. Sugerir algo pode, talvez, ter o sentido de criticar o serviço do qual eles dependem para sobreviver.

A mesma implicação descrita acima pode ter ocorrido no questionamento sobre a satisfação do serviço prestado pelo Centro POP, que foi avaliado de forma positiva, não sendo citado nenhum ponto de melhoria.

Outros serviços também foram mencionados, como a abordagem social, o Caps AD e o consultório na rua, conforme os relatos:

Pesquisadora (L 198): Que mais você conhece?

José (L 199): Só o albergue e a abordagem social.

Pesquisadora (L 200): Você já utilizou alguns destes outros serviços?

José (L 201): A abordagem já.

Pesquisadora (L 202): Foi por qual motivo a abordagem?

José (L 203): Pra me levar pra algum evento.

Pesquisadora (L 204): E quando você tava na rua a abordagem chegou a falar com você?

José (L 205): Sim, chegou.

Pesquisadora (L 206): E como foi?

José (L 207): Normalmente, conversou, perguntou sobre mim.

João (L 288-289): Já passei pelo Caps AD, tenho registro lá. Até era ontem pra ir buscar meus remédios, tinha consulta também. Esqueci!

Pesquisadora (L 317): A abordagem social já falou com você? Que fica na rua e aborda.

Raquel (L 318): Já fiz muitos exames, dão camisinhas.

Pesquisadora (L 319): Deve ser o pessoal do consultório na rua.

Raquel (L 320-321): Isso. Eles me ajudam muito com os exames. Eu me cuido bastante. A minha saúde é uma saúde de ferro tia. Pra visto que eu usei muita droga tia ...

Pesquisadora (L 270): Já usou algum outro serviço da prefeitura?

Maria (L 271): Sim! Consultório na rua, já fiquei no albergue da D. Jeane.

Pesquisadora (L 272): Quando usou o consultório, foi por qual motivo?

Maria (L 273): Acho que eu pedi a eles um remédio pra dor de cabeça. Só isso.

Sobre as necessidades do momento, relataram:

Maria (L 287): No momento moça, a minha passagem pra ir embora.

João (L 267): Os documentos.

José (L 211): Agora nenhuma.

Raquel (L 327-329): Pra mim ver minha mãe, abraçar minha mãe, e ver minha filha, que meu marido vá embora comigo, que esse documento sai o mais rápido possível pra nós ir simhora, quero uma casa pra mim viver com ele, é isso.

Observando as “necessidades” elencadas, estas estão relacionadas com os projetos para o futuro que foram citados no eixo *Perspectivas para o futuro*.

A relação estabelecida entre a PSR e a Política de Assistência Social, discutida neste eixo, ressalta a importância da efetivação das articulações entre as políticas públicas, no intuito de atender à complexidade do fenômeno da população de rua, para então poder ofertar possibilidades de construção de novos projetos de vida. Barbosa (2017) ressalta que a complexidade inerente à situação de rua “exige uma rede também complexa de acolhimento, que integre a Saúde, a Assistência Social, a Habitação, o Trabalho e Renda, a Educação, enfim, todas as dimensões que envolvem a vida desta população e que denotariam um acolhimento integral do caso” (BARBOSA, 2017, p. 70).

6.5 Relação com a rua

Morar nas ruas não é uma condição fácil para uma grande parte das pessoas. Lida-se com uma série de situações inoportunas, tais como a violência, a falta de higiene, a escassez de alimentos, a precariedade e o abandono de uma vida digna. Estar em situação de rua

significa também “adquirir outros referenciais de vida social” (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 1994, p. 96). A rua pode ser espaço de prazer e de dor, de novas descobertas, de encontros e desencontros. Dessa forma, faz-se necessário criar táticas e estratégias para sobreviver diante dessas adversidades. Aqui, será contada a relação da PSR com as ruas, o dia a dia vivido por ela.

Conforme descrito no tópico que versa sobre a relação com a Política Pública de Assistência Social, a PSR utiliza os serviços ofertados para suprir algumas necessidades básicas, tais como alimentação e higienização. Também utiliza instituições de caridade, como a Casa Ranquines, como suporte no dia a dia. Nos dias em que estes serviços/instituições não funcionam, busca alternativas como, por exemplo, pontos na cidade nos quais seja possível improvisar a higienização. Torneiras em postos de combustível, em praças ou chafarizes são utilizados para banho, como também para lavagem de utensílios e roupas. Além disso, pratica mendicância, visando à alimentação ou o suprimento de outras necessidades, conforme os relatos a seguir:

Maria: Quando é de tarde, às vezes a gente fica numa praça conversando, às vezes cada um vai fazer outra coisa, aí quando for de cinco/seis horas a gente se encontra lá na praça Deodoro pra pegar alimento pra gente comer de noite e aí a gente vai dormir (L 126-127). Durante o dia a gente tem que dar o jeito da gente pra arrumar comida (L 129-130). Eu vou pedir nas portas dos restaurantes que tiver aberto (L 132). Na rua também, na porta das casas. O que for mais fácil no momento, o que tiver mais propício no momento (L 134). Eu tenho o Bolsa Família também. Hoje é dia de pegar dinheiro do Bolsa Família. Como hoje é dia de semana eu vou comer aqui. Se fosse final de semana eu iria comprar alguma coisa pra comer. Pra evitar de pedir. Porque se eu tiver alguma forma de evitar pedir eu prefiro (L 136-138).

Raquel: [...] tem casas que chega e diz venha cá e dá comida a gente ... e assim a gente vai levando. Menos droga ... a gente não convive mais com esse tipo de coisa (L 120-123). Tem uma casa de padres ali embaixo que também dá comida. A gente vai pra lá assim às vezes no dia a gente vai, depois a gente retorna pra gente entrar aqui ... e assim a gente vai fazendo a nossa vidinha (L 129-131). À noite eu durmo aqui tia nesse preidão ... eu durmo com ele. Os vigias daí gostam muito da gente, nós deixa tudo limpinho, a gente não faz nojeira ... a obrigação da gente quando a gente quer fazer ... xixi é normal, ele leva eu pro cantinho assim coloco o papelzinho assim eu faço xixi, agora outra coisa eu faço numa bolsa e jogo no lixo (L 133-136). Ali tem uma praça, que tem umas árvores bem bonitas, tem uma torneira enorme. Aí nós toma banho à vontade. Nós somos assim tudo limpinho ... lavo minhas roupas, roupas do marido (L 138-139).

João: Sempre tem um lanchinho, alguma coisa pra adquirir e pedir né já que eu não tenho dinheiro mesmo ... então às vezes também a gente é muito desprezado pelas pessoas. Eu já ando diferente dos outros eu ando mais arrumado, explico minha situação que eu estou na rua (L 17-19). Na sexta tem um café da manhã que a mãe da igreja faz, não sei se a senhora viu, perto do hotel Mercure, quase em frente ... aí dia de sexta-feira pela manhã ela faz lá, tem a camisa da ação que ela faz que é Vaso Novo, faz a oração da missa, tem o café, aí ela libera. E dia de domingo a gente vai pra igreja dela, tem o café da manhã (L 138-141).

José: Ah é muita coisa ... me sinto muito desprezado (L 48). Desprezado na rua pela família. Não tenho família do meu lado (L 50). Peço nos restaurantes (L 97). Banheiro do centro e banho na torneira (L 99).

Os depoimentos sinalizam as dificuldades encontradas pela PSR durante os dias em que não contam com o atendimento dos serviços públicos e/ou instituições de caridade. Foram descritas algumas rotinas, estratégias e vivências utilizadas nesses períodos, no tocante às necessidades básicas. As Orientações Técnicas desenvolvidas pelo MDS (2011), que tem por finalidade orientar a gestão do Centro POP, preconizam que:

O Centro POP deverá funcionar, ou seja, estar aberto para atendimento ao público, necessariamente nos dias úteis, no mínimo 5 (cinco) dias por semana, durante 8 (oito) horas diárias, garantida a presença, nesse período, de equipe profissional essencial ao bom funcionamento da Unidade (BRASIL, 2011, p. 51).

No entanto, as necessidades básicas de alimentação, por exemplo, elementares a todo ser humano, ocorrem diariamente, inclusive nos fins de semana e feriados. Cabe aqui a problematização: Quem o serviço atende? Para quem é feita a política? A situação de extrema vulnerabilidade fica até mesmo mais latente nos dias não úteis. Essa perspectiva abre possibilidade de análise de várias questões, retomando a reflexão de Barbosa (2017) sobre o argumento de Foucault (2005) acerca da população e da biopolítica. Há distintas camadas de aplicação das políticas públicas:

A primeira é a distância entre elaboradores de políticas públicas (policymakers) e seus executores. Os níveis de elaboração são formados, normalmente, por técnicos da área, que tem nível superior de instrução e são especialistas nos assuntos. Todavia, nem sempre eles conhecem a realidade prática ou o chão de concretização dessas políticas públicas. Na outra ponta, nas ramificações mais capilares, há os executores de políticas públicas [...] (BARBOSA, 2017, p. 187).

Um outro ponto é a escolha do local para dormir. Geralmente, dormem no mesmo local, todos os dias. A opção do local depende da preferência de cada um. José prefere um local com mais pessoas, já João opta por um local mais reservado.

Pesquisadora (L 149): Você sempre dorme no mesmo local?

João (L 150): No mesmo local sempre. Aqui embaixo da marquise deste prédio.

Pesquisadora (L 151): Por algum motivo específico você escolheu este local?

João (L 152-157): Foi. Muitas praças aí já passei e vi muitas pessoas dormindo. Tem aquele caso da pessoa dizer: ah é uma alma sebosa, gosta de roubar as coisas dos outros ... então eu testei próprio isso ... fui dormir e quando acordei não tinha mais nada... minhas roupas foram tudo embora. Fiquei só com a muda de roupa. Saí de casa em casa me humilhando pra pedir uma muda de roupa. Aí foi que algumas pessoas da igreja vieram e me deram roupas. Muita gente ajuda eu e minha esposa aí

e dois amigos. Cada um tem seu colchãozinho. A pessoa vem dá uma sopa, sinto que eles sentem pena da gente.

Não juntar muitos objetos é uma tática para a mobilidade nas ruas. Sacolas e mochilas são utilizadas para transportar objetos pessoais. Raquel fala que morador de rua não pode ter muitos pertences, pois não tem local para guardá-los. Ela e seu companheiro João optam por não ter muitas coisas e, assim, podem levá-las para todos os locais.

Pesquisadora (L 140): E as coisinhas de vocês ficam aonde?

Raquel (L 141-143): A gente sempre anda com elas tia, eu tenho uma bolsa de costas, ele tem a dele e bota assim ... tem outra bolsinha que a gente leva os nossos lençol só. Porque assim, quem vive na rua não pode ter muita coisa e não chove não ali onde a gente fica. Não molha de jeito nenhum. E o vigia gosta muito da gente.

De onde vem o dinheiro? Geralmente, vem de trabalhos que exigem pouca ou nenhuma escolaridade e especialização. É assim que a PSR garante alguma renda. Em uma pesquisa realizada sobre a PSR no Rio de Janeiro, Sarah Escorel (2000) focaliza as formas de obtenção de rendimentos e constata que:

Podem ser assinalados três grandes grupos de atividades realizadas com vistas à obtenção de rendimentos: catadores, atividades vinculadas à mercantilização do medo ou propriamente à criminalidade e a mendicância. Porém, as atividades da maior parte dos moradores de rua têm a intermitência como característica principal; são atividades que precisam ser buscadas diariamente: dependendo das circunstâncias, das solicitações ou das oportunidades, o morador de rua pode estar guardando carros hoje, carregando e descarregando caminhões de feira amanhã, encartando jornais ou catando latas. A atividade de biscateiro, o 'faz tudo' que respondia às pequenas e variadas solicitações de consertos domésticos, foi substituída pelo 'faz qualquer coisa', solicitada ou não. São as 'virações', qualquer atividade (ao seu alcance) que possa se reverter em dinheiro, alimentos ou outros donativos. Como dificilmente conseguem auferir rendimentos necessários à sua reprodução (mesmo levando em conta o rebaixamento dos custos em função de sua moradia nas ruas), devem associar atividades variadas com a obtenção de auxílios (monetários ou não) de particulares ou de instituições (ESCOREL, 2000, p. 163).

As atividades, como coloca Escorel, geralmente são conciliadas: catam latinhas, vigiam carros e praticam mendicância ao mesmo tempo, por exemplo.

A prática de mendicância esteve presente em todos os relatos dos participantes deste estudo, informação divergente do dado apontado pela pesquisa do MDS, segundo a qual 70,9% dos pesquisados exerciam alguma atividade remunerada, e apenas 15,7% deles pediam dinheiro como principal meio para a sobrevivência (BRASIL, 2008). Raquel e João também trabalham como flanelinhas. José e Maria não exercem nenhuma atividade laboral. Afirmam que o dinheiro recebido pelo Bolsa Família, o apoio dos serviços/instituições e a mendicância suprem a carência.

Raquel (L 170-173): É final de semana é parado aqui. Um pouco parado. Aqui fica um monte de carro que tem uma faculdade. Aí eu digo boa noite! Deixe o carro aí que eu olho. Tá certo. Aí quando ele sai ele me dá. Me dá R\$ 1,00, R\$ 2,00 ... assim eu vou ajuntando, meu esposo também é assim que ele me dá umas coisinhas e eu também.

Maria demonstrou ficar muito incomodada quando ela precisa pedir, sinalizando já ter sofrido atos de violência moral, em algumas vezes.

Maria (L 140-141): Porque em partes é humilhante, porque já teve pessoas que ‘vá trabalhar, sua vagabunda, vá fazer ponto, vá fazer programa’. Aí querendo, ou não, tem que responder da mesma forma entendeu ... eu não gosto.

Segundo Mendes (2007), a mendicância, apesar de muito frequente, não deve ser generalizada ou tratada de forma homogênea.

O ato de mendigar nem sempre é realizado de forma humilhante – e o que é humilhação para uns não o é para outros. A mendicância se apresenta também investida de malandragem – o termo *manguear*, utilizado pelos moradores de rua, é próprio desse tipo de ação – e investida de violência – que se expressa no ato de *achacar*, coagir uma pessoa a dar o dinheiro amedrontando-a, às vezes somente pela imposição de sua presença, às vezes ameaçando-a de agressão (MENDES, 2007, p. 99).

A violência física esteve presente nos discursos de José e de Raquel. Ambos relataram situações de violência vividas.

Raquel: Oh tia eu já sofri. Um caba me pegou e me raptou, me levou pra longe. Ele me estuprou e tudo (L 185). Acho que sim tia. Eu nunca tinha visto ele, nunca vi ele na minha vida. Ele chegou perto de mim e deu boa tarde, eu disse boa tarde ... toda a vida eu fui assim, saber falar com as pessoas. Aí ele olhou assim pra mim e disse boa tarde, qual o seu nome? Aí eu disse. Você é muito bonita, eu disse muito obrigada. Aí ele disse: vamos ali mais eu, comprar ali uma pipoca, uma coisa e outra. Eu disse: vamo. Você quer conhecer ali uma casa de uma colega minha? Mas ela mora ali em tal canto, só um pouquinho longe, mas ela é legal, depois eu lhe trago. Aí eu entrei no carro dele e fui mais ele (L 190-195). Cheguei lá nessa casa, ele me amarrou, amarrou minha boca, minhas mãos, meus braços, aí começou a bater em mim e me violentar. Teve uma hora que ele tirou o pano da minha boca, aí eu perguntei a ele por que ele tava fazendo isso comigo, porque eu não devia nada a ele, por que isso? ... “Porque você é muito bonita e eu quero você, eu sou psicopata e eu gosto de matar, estuprar mulher”. Aí, ele tapou a minha boca. Eu chorava muito tia, muito sangue avoava de mim (L 197-201).

José (L 125): Fui espancado, quebraram o meu braço, cortaram minha orelha.

Pesquisadora (L 126): Como foi que ocorreu este espancamento?

José (L 127): Eu não sei ...a gente tava dormindo eu e a Fabiana e começaram a espancar a gente.

No período de 2010 a 2012, foi notificado um crescimento no tocante ao número de assassinatos de moradores de rua de Maceió. Em sua dissertação, Silva (2013, p. 106) problematiza que tais acontecimentos revelam um jogo de poder que responsabiliza a própria população de rua por suas mortes, “[...] naturaliza-lhes como inerentes à vida que levavam, criando uma zona de irresponsabilidade generalizada”.

Ao serem jogados às ruas, lugares que expõem suas vidas à sorte de ações por parte de quaisquer um, estes sujeitos apenas resistem, e na tentativa de continuarem vivos levam a vida que podem, apesar de mantê-la numa irregularidade que alimenta e sustenta uma certa lógica de governo que não cessa em condená-la como um mal para cidades (SILVA, 2013, p. 106).

Foi a partir desses assassinatos de moradores de rua que esta questão da vulnerabilidade ficou evidente, tornando necessária uma atuação que vise à garantia de direitos. Ao mesmo tempo, a ambiguidade relacionada às formas de viver é ativada pelos discursos do direito criminal, “[...] diante da possibilidade de um assassinio e das condições ‘não-dignas’ em que vivem, o ‘resgate’ de suas humanidades e dignidades, corroídas pela história de exclusão em que foram inscritos como sujeitos, torna-se necessária” (SILVA, 2013, p. 127).

Quando indagados sobre como eles se sentem nas ruas, em alguns afloram sentimentos ligados à carência familiar. Maria fala de sentimentos ambivalentes, pois ora relata momentos prazerosos, ora relata as dificuldades enfrentadas.

Maria (L 100-103): Eu não gosto muito não, mas em partes eu gosto. Eu gosto da parte de viajar, eu gosto de viajar muito, eu me denomino mochileira entendeu ... e a parte de viajar é muito bom porque cada lugar que a gente chega conhece pessoas novas, lugares novos, mas o fato de tá dormindo na rua, apesar que agora eu arrumei uma barraca.

Raquel (L 69-70): Tia eu me sinto mal. Não vou mentir pra senhora. Não é legal né tia ... eu tenho casa, eu tenho tudo e viver na rua.

João (L 110-116): Um pouco desprezado. Pela vida que eu tinha antigamente, fui um cidadão, sou um cidadão ... mas muita gente despreza ... eu sinto isso no meu coração. Algumas pessoas ajudam, perguntam, às vezes como o pessoal da Gazeta veio, fez entrevista comigo e eu contei minha vida ... então a gente se sente humilhado, nunca passei por isso assim, meio complicado, difícil de entender porque todo momento a gente pede a Deus que abra uma porta, mas assim se a pessoa andar na direção de Deus eu creio que vá ... a gente vai sair dessa. Eu estou com uma companheira, se ela usar droga de novo, ela usava também ... eu consegui tirar ela.

Perguntamos sobre as dificuldades enfrentadas diariamente. Um repertório presente no discurso de Maria foi o preconceito, citando algumas situações que a incomodaram muito.

Maria (L 223-230): Ah eu vejo mais o preconceito. É porque assim, tem pessoas que passa e olha pra gente, só porque a gente tá na rua aponta o dedo e fala ah porque é um drogado, ah porque é isso, ah porque é aquilo. Outro dia a gente tomou um enquadre, todo mundo que tava na Praça Deodoro, esperando comunidade por causa de um que tava cheirando cola ali próximo ao Tribunal de Justiça e os policiais falaram não quero ninguém aqui se tiver um, usando droga, todo mundo que tiver próximo vai pra delegacia também. Tipo eu não faço uso de droga nenhuma, eu só faço uso do cigarro mesmo, nem beber eu não bebo, eu acho que tá errado isso daí, por que que vai me levar se eu não faço parte disto e muitos ali que eu sei que fazem uso de droga, mas não fazem ali pertinho pra respeitar e vai ser levado ali por que tá entendendo?

Maria (L 234-236): Aí meu ex quando tava comigo ele machucou a mão por causa que ele tava brincando com o cachorro, aí todo mundo já diz: ah brigou com quem? Já pensa que foi uma briga. Também acho errado, só porque tá na rua tem que tá brigando?

Raquel e João demonstraram mais aceitação da condição atual, conforme os relatos abaixo:

Raquel (L 273): Legal. Eu acho ótimo. Nada me incomoda, nada me atrapalha.

João: Pelo menos eu me sinto feliz. Estou com minha companheira do lado. Diariamente a gente pega comida vai pra praça, descansa um pouco (L 188-189). Hoje eu estou mais em paz. Antigamente, era pegar em dinheiro e ir ali pra baixo usar droga. Ficava o dia todo ... uma coisa horrível (L 189-190).

José expressa, em seu repertório, o medo de viver nas ruas: “Rapaz ... a pessoa tá arriscado a tudo. A dormir e não acordar ... arriscado a tudo” (L 143). Nesse contexto, a rua incorpora uma série de sentidos utilizados pela PSR para descrevê-la. Observa-se o uso de metáforas, afetos, exemplos do cotidiano, denotando a multiplicidade de emoções ali produzidas.

Na pergunta sobre o que os faz continuar nas ruas, foi trazida uma gama de situações, conforme depoimentos abaixo.

Maria (L 240-241): Não sei ... porque aqui mesmo em Maceió já morei em duas casas aqui e eu fui pra rua de novo. Em Recife tive casa e fui pra rua. Em Limoeiro tive casa e fui pra rua.

João (L 210): A situação financeira. Se não fosse isso já estaria dentro de uma casa.

José (L 145): Às vezes eu penso em ir simhora esperando só minha casa sair.

Raquel (L 275-278): É como eu expliquei pra senhora, essa benção minha aí ... eu não vou embora sem ele. Aí quando chegar esse documento dele, que eu tenho fé em Deus que vai chegar neste mês, o registro dele, a gente vai embora. E ele também tia, ele vai arrumar um serviço pra ele, ele é garçom ... ele lhe explicou tudo o que ele faz né?

Para as políticas públicas, o tempo de permanência nas ruas é um aspecto extremamente desafiador. Acolher pessoas que estão há uma semana na rua requer iniciativas e estratégias diversas das utilizadas no caso daquelas que já estão na rua há 10 anos, por exemplo. Neste estudo, identificamos, em algumas situações, a alternância entre a situação de rua, a moradia convencional e a vivência em abrigos. Em todas as falas, o desejo de sair das ruas se fez presente, mesmo para Maria, que expressa sentimentos ambivalentes sobre sua vivência no espaço público.

Pinto (2015), em seu estudo, contribui para essa reflexão, ressaltando que:

O maior tempo de permanência nas ruas contribui para que os indivíduos ou famílias fiquem expostos às mais profundas violações de direitos nos espaços urbanos, contribuindo para um maior adoecimento, descrédito e desesperança na possibilidade em construir novas possibilidades de vida. Além disso, não podemos esquecer que a população em situação de rua também envelhece agravando as condições de vida (PINTO, 2015, p. 125).

A rua tem, no seu universo, um conjunto diferenciado de pessoas, que, vivendo em seus agrupamentos e comunidades, conseguem compartilhar conhecimentos, interesses e saberes fantásticos. Retratar, neste tópico, a luta diária pela sobrevivência, sendo cada dia um dia. São vidas e devem ser respeitadas, sem julgamentos morais sobre suas escolhas.

6.6 Relação com as drogas

O convívio com as drogas perpassa as histórias dos participantes deste estudo. Maria, Raquel e João fizeram uso principalmente do *crack* e estão buscando bani-lo de suas vidas. Nos relatos a seguir, estão trechos das entrevistas que expressam a relação com as drogas.

Maria (L 188-192): No dia mesmo que eu saí pra rua eu parei, já era mais de meia noite, eu fui perguntar a hora uma menina que tava na frente de casa, aí ela: - “acende aqui meu *crack*”, - “eu não, nem sei como é isso ... e não quero saber não”. Ela ficou insistindo, insistindo ... de tanta insistência eu falei – “tá bom, vamo lá”. Ela botou a lata na minha boca e acendeu o isqueiro pra mim fumar, tentação do inimigo né ... aí foi quando eu fumei e gostei ... fiquei usando 2 anos.

Raquel (L 40-41): Quase um mês. E não estou nem aí pra ela e nem quero mais. Nem fumar eu fumo mais. Eu tenho nojo de cigarro. Quando tem alguém fumando na minha frente eu digo: “vixe que fedor”.

João (L 62-65): Particularmente eu não posso voltar mesmo pra Sergipe, porque eu acabei roubando, roubando até amigos, bicicletas de amigos. Tem uns dois policiais lá que são amigos meu, que eu acabei roubando as bicicletas deles, troquei por droga e ele disse que no dia que eu aparecesse lá, ia arrancar minha cabeça. Já não posso voltar.

Em seu discurso, José relata, com menos intensidade, a relação com as drogas na sua história de vida, conforme trecho transcrito abaixo:

Pesquisadora (L 108): José, você tem algum tipo de vício?

José (L 109): De vez em quando eu cheiro cola.

Pesquisadora (L 110): Mais algum outro?

José (L 111): Cachaça.

Pesquisadora (L 112): Com qual frequência?

José (L 113): Final de semana.

Raquel e João afirmam que o motivo de eles irem viver nas ruas foi o consumo das drogas. Maria e José relatam outras motivações, conforme explicitado no eixo *Histórias de vida*.

Raquel (L 350-352): Fumei tia. Quando eu ia usar ela, tem que fazer a cinza ... aí quando eu dava o primeiro vapor, aí vinha a vontade de eu dar um trago no cigarro. Quando eu não tava usando, eu não sentia vontade de fumar cigarro nenhum tia. Diga se não era a nojenta que tava me puxando ... pro fundo do poço.

João (L 189-190): Hoje eu estou mais em paz. Antigamente, era pegar em dinheiro e ir ali pra baixo usar droga. Ficava o dia todo ... uma coisa horrível.

Em seu estudo, Caravaca-Morera e Padilha (2015) relatam os sentimentos antagônicos vividos por quem experiencia as situações de rua e o uso de drogas:

A rua e o crack são metáforas dicotômicas que não possuem um significado restrito. A rua e o crack são plurais e singulares, são vida e são morte, são liberdade e escravidão, são conceitos existenciais e subjetivos que dependem da percepção contextual e da pessoa que olha para eles nesse momento e nesse lugar. Suas definições e construções linguísticas vão além do incômodo (CARAVACA-MORERA; PADILHA, 2015, p. 63).

As múltiplas funções na vida cotidiana dos usuários de drogas também são enfatizadas por Silva C. L. da (2012) em seu estudo. Faz-se necessário conhecer a relação que cada pessoa mantém com a substância que utiliza, para assim compreender o lugar que esta ocupa, a sua função e/ou sentido em sua vida. No nosso estudo, os repertórios produzidos sobre as drogas, pelos entrevistados, têm o sentido de um inimigo a ser combatido, pois os participantes posicionam-se na busca de outros sentidos para suas vidas (SILVA, C. L. da, 2012).

Em alguns momentos das suas histórias, o consumo de drogas ocorreu como parte da rotina, desde o acordar até a hora de dormir.

João (L 126-128): Todo não, eu também comia ... eu tava já querendo sair ... antigamente eu no começo, não sobrava nada ... eu cheguei a pesar 53kg ... hoje eu peso 87kg ... diferença muito grande. Eu tava quase morrendo, meu irmão tava assim também.

As histórias de recaídas são contadas por João e Raquel: “Já fiquei quase 1ano sem usar e voltei” (João, L 195); “Quando eu ia pra casa mais ela eu já passei já tia anos, isso em casa, dois anos sem usar. Bença né!?” (Raquel, L 51-52). João afirma que o uso de drogas já foi utilizado como estratégia para amenizar as decepções, a falta de expectativas, a saudade, as tristezas, a solidão, enfim, as agruras dos sofrimentos de sua vida: “Quando eu penso na minha família ... que eu vejo que ela mim deixou na mão e eu fazia de tudo” (João, L 197).

Quando questionados sobre tratamento para a dependência, por exemplo, João cita o Caps AD e o uso de medicações como suporte. Maria e Raquel, por seu turno, buscam na fé o apoio para evitar recaídas, conforme descrito no eixo *Apoio espiritual*.

João: Já passei pelo Caps AD, tenho registro lá. Até era ontem pra ir buscar meus remédios, tinha consulta também. Esqueci (L 288-289). Antes em Aracaju tava tomando um azulzinho que era pra ansiedade e pra dormir. Até hoje eu não durmo, não sei o que é dormir, mesmo não usando a droga eu estou sem dormir. Às vezes eu fico preocupado com ela também. Eu só ressono qualquer zuadinha eu me acordo e sento. Eu não sei o que é dormir (L 291-294).

Neste estudo, não temos o objetivo de entrar na discussão sobre o uso de drogas pela população de rua. Contamos histórias de vida dessas pessoas, e a relação com as drogas se faz presente. A multifatorialidade da dependência de drogas, como o *crack* e a vida nas ruas, demandam que ambas as situações sejam compreendidas nas diversas dimensões envolvidas: pessoal, física, psicológica, social, econômica, familiar, além das questões legais e da qualidade de vida.

As situações da vida, que levam homens e mulheres a viverem nas ruas, nos direcionam a uma reflexão, qual seja: mesmo diante das condições de vida degradantes, essas pessoas buscam outros sentidos e reconstróem seus percursos, buscando estratégias para ressignificar suas vidas. Podemos ver, nas histórias contadas, o reflexo de políticas públicas que governam para a morte, e não para a vida, quando permitem a não implementação e a violação dos direitos dessas pessoas (AGAMBEN, 2007).

7 CONSIDERAÇÕES E CAMINHOS A PERCORRER

Este trabalho teve o objetivo geral de compreender o cotidiano de pessoas em situação de rua, suas táticas e estratégias para sobreviver nas ruas de Maceió, bem como sua relação com a Política da Assistência Social voltada a essa população. Para tal, norteamo-nos na perspectiva da produção de conhecimento do Construcionismo Social, fundamentada no referencial teórico-metodológico das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos.

Elaborar as considerações finais teria o mesmo sentido de finalizar o resultado de uma pesquisa, porém esse não é o nosso objetivo. O que almejamos não é concluir a pesquisa, tampouco finalizá-la, posto que, provavelmente, agora tenhamos mais indagações do que certezas. São conclusões inconclusas, que pretendem iniciar um diálogo no próprio movimento de finalização de outro. Se conseguirmos afetar algumas pessoas, nosso trabalho já terá sido recompensador.

Conforme mencionado no início deste estudo, as inquietações que motivaram a escrita surgiram no exercício da minha atuação profissional no Centro POP. Essa história começou no dia em que fui designada para trabalhar lá e escutei de alguns profissionais: “Você sabe quem é o público de lá? São pessoas de rua”. Esses são receios que fazem parte do cotidiano de uma grande parcela da sociedade. Não é uma crítica aos profissionais que se recusam a trabalhar com esse público, pois compreendo e vivencio a carência de preparo técnico, desde a formação acadêmica até a atualização no exercício profissional. Apenas compartilho do pensamento de que o desconhecido pode causar repulsa para algumas pessoas. Por isso, a importância de produzir conhecimento sobre essa realidade. São estigmas que estão presentes em todos os momentos, e construir este estudo me possibilitou ressignificar muitos estereótipos. Escutar as histórias de vida dessas pessoas causou sentidos em mim, que culminaram na necessidade de estudar e de escrever sobre essa temática.

Na condição de pesquisadora e de profissional da assistência social, e refletindo sobre as implicações políticas advindas dessa pesquisa, indago: para quem e para que este estudo foi desenvolvido? Tentando responder, acredito que retratar o cotidiano de pessoas que se encontram em situação de rua pode auxiliar na execução de ações que contemplem a realidade vivida por elas. Essa população é extremamente heterogênea, complexa e multifatorial, e propiciar momentos de discussão pode contribuir para a compreensão dessas vidas.

Existem muitos trabalhos que estudam a população de rua, em diversas áreas do conhecimento. Também já discutimos sobre o desafio que é a situação de rua. Podemos, assim, dizer que esta pesquisa possui a estratégia de contribuir, tornando mais conhecido o

mundo de quem vive nas ruas, muitas vezes silenciado e desconhecido por grande parte da população, até mesmo por grande parte de gestores de políticas públicas.

Fazendo o caminho de volta, refletindo sobre o percurso trilhado nesses dois anos, pude sentir o quão difícil é sair da posição de profissional e vestir a camisa de pesquisadora. Escutei e participei de diversas discussões sobre essa transição de locais, no grupo de pesquisa Prosa, mas confesso que vivenciá-la foi e está sendo bem desafiador. A todo momento, esses papéis estão imbricados e, certamente, existe a interferência de ambos na construção da dissertação. Ressalto que os *insights* oriundos dos momentos de supervisão com a orientadora foram essenciais para que algumas problematizações fossem repensadas.

Foi possível sentir a defasagem das informações oficiais disponibilizadas através de pesquisas que trazem o perfil da população de rua. A última pesquisa nacional foi realizada em 2007/2008 pelo MDS. Certamente, algumas características já sofreram alterações. Vale lembrar que Maceió não possui um mapeamento da sua PSR, e as poucas informações apresentadas neste estudo são oriundas dos relatórios elaborados pelas equipes da abordagem social e do Centro POP. Sem uma pesquisa oficial, a caracterização da população de rua de Maceió fica à mercê de dados nacionais, que podem ser divergentes da nossa realidade.

Nas histórias aqui contadas, foi possível ver, condensados, diversos modos de se relacionar com as ruas e distintas estratégias de sobrevivência e de uso dos recursos institucionais. Também houve situações convergentes, como a pobreza, as experiências de violência, a dependência de substâncias psicoativas e as rupturas dos vínculos familiares e sociais, citando alguns fatores que estiverem presentes neste estudo. Essa mescla de situações e de relacionamentos com as ruas torna a tarefa de compreender esse fenômeno um grande desafio. Partindo dessa premissa, a de que são múltiplos os fatores para a ida/saída das ruas, e de que estes podem estar inter-relacionados uns com os outros, ressaltamos a necessidade de ações intersetoriais que envolvam e responsabilizem as demais políticas públicas, visto que são ações voltadas para um cotidiano desafiador, diverso e extremamente complexo.

Conforme citamos, os estudos de Foucault (2005) sobre Estado/biopolítica e de Agamben (2007) sobre a tanatopolítica – que, de uma forma bem simplista, pode ser definida como “a política que gere a morte” (BARBOSA, 2017, p. 180) – são outras possibilidades de análise e de problematização do fenômeno da população de rua. Em virtude da delimitação de tempo, propomos o avanço dessas discussões em novas propostas de estudo, que possam olhar para a PSR sob tais perspectivas.

Essa população demanda ser compreendida, levando-se em consideração aspectos éticos, ontológicos e que tenham a plasticidade de sensibilizar-se com as vontades de cada

um, respeitando as especificidades que se colocam em função da condição de rua. Cuidar da população de rua coloca-nos desafios profissionais diários. Talvez com um trabalho sistemático e compartilhado, seja possível potencializar e concretizar qualquer ação. Essa articulação poderá favorecer a autonomia e o fortalecimento e/ou o desenvolvimento das potencialidades dessas pessoas, bem como o seu verdadeiro acesso aos direitos sociais.

Com relação às estratégias utilizadas para tornar a rua um local de moradia, nas falas, foi possível identificar algumas formas alternativas adotadas, como o banho em torneiras, a prática da mendicância e o uso dos equipamentos públicos como suporte. São estratégias utilizadas para suprir, principalmente, as necessidades básicas de alimentação, sono e higiene pessoal.

Mencionamos, no decorrer do texto desta dissertação, os avanços obtidos com a promulgação das leis/decretos que passaram a estruturar, direcionar e fiscalizar políticas públicas para essa população, estabelecendo serviços, projetos de responsabilidade dos estados e municípios. Sabemos que existe um longo caminho a percorrer. No Brasil, não se observa uma situação de plenitude de direitos para nenhum cidadão, inclusive, e principalmente, para a população em situação de rua, cuja realidade não é diferente. Os avanços apresentados mostram que é possível caminhar em busca de oportunidades mais equitativas para a sociedade, e que a efetivação de políticas públicas pode mudar a situação de vida dessas pessoas.

Traçamos também, o objetivo de compreender a articulação que a PSR faz com a política de assistência social, sendo, nesse aspecto, importante nos determos em algumas análises.

Tratando do Centro POP, este é utilizado como estratégia para a vida nas ruas e, nos dias em que não funciona, torna-se um fator limitador para os seus usuários. Confesso que, enquanto profissional da assistência social, não havia parado para refletir sobre o funcionamento do Centro POP, e sobre o quão necessário é, para seus usuários, ter um local para alimentação e higienização. E retomo a discussão de Foucault (2005) sobre as camadas de aplicação das políticas: se o serviço atende pessoas que estão na rua, por que ter restrições em relação aos dias de funcionamento? E, nos demais dias, como essas pessoas devem fazer para se alimentar? É preciso procurar dirimir a distância entre formuladores e executores das políticas públicas.

Um outro aspecto observado foi no tocante à sua principal utilidade referida pelos participantes, que citaram buscar o serviço basicamente para atender às necessidades de alimentação, de higiene e, em alguns momentos, de encaminhamento para a regularização da

documentação civil ou de outras necessidades. Comparando-se com os objetivos estabelecidos pela política para o Centro POP, que deve buscar proporcionar “vivências que favoreçam o alcance da autonomia, estimulando, além disso, a mobilização e a participação social dos usuários de acordo com a política” (BRASIL, 2011), podemos presumir uma atuação restrita. Os participantes tiveram dificuldades para citar ações que possam ser ofertadas pelo Centro POP, provavelmente em virtude do contexto da realização deste estudo, que ocorreu no próprio Centro POP e com uma profissional do serviço. As sugestões estiveram relacionadas a cursos profissionalizantes, geração de emprego/renda e habitação.

Com relação ao albergue, chama a atenção o fato de nenhum participante, no momento da realização das entrevistas, fazer uso do serviço, optando por dormir nas ruas. Falando agora como técnica do Centro POP, escuto queixas no tocante à superlotação, às regras de funcionamento e à seleção dos usuários. Maceió possui 1 (um) albergue unissex para adultos, com capacidade aproximada para 50 (cinquenta) pessoas e, todos os dias, atendemos, no Centro POP, vários usuários em busca de uma vaga. Fica a difícil tarefa para os profissionais escolherem quem poderá fazer parte do serviço. João, em seu relato, dá sugestões para o funcionamento do albergue.

Expressaram também contatos com outros serviços, tais como as equipes da abordagem social, o consultório na rua e o tratamento no Caps AD. Nesse rol de serviços elencados, consultório na rua e Caps AD fazem parte da alçada da política da saúde, fato esse que ressalta a necessidade da articulação entre as políticas públicas. Cada política tem um limite de atuação, e cabe ao profissional, quando esgotar suas possibilidades, acionar os demais serviços da rede socioassistencial. Coloco, aqui, o desafio para nós, profissionais da Psicologia, de buscarmos os caminhos para a concretização, nos nossos locais de atuação, da articulação entre as políticas públicas, independentemente do contexto em que estejamos inseridos.

Este estudo nos oportunizou um grande aprendizado de vida, lições diárias de reinvenção e de superação. Manter relações com a PSR aponta, incansavelmente, para o desafio da intersetorialidade da assistência social com as demais políticas públicas, vistos os inúmeros desafios cotidianos expressos nessa condição de vida.

Como sugestões de futuras pesquisas, no sentido de continuar a construção do conhecimento sobre a realidade da população de rua, além de estudos embasados nas perspectivas de Foucault e de Agamben, conforme citamos, sugerimos estudos com os profissionais que atendem esse público, para buscar entender a possibilidade do funcionamento da intersetorialidade e da interlocução entre os serviços. Uma outra vertente

seriam os estudos etnográficos com a PSR, para ampliar a compreensão da vivência na própria rua.

E, por fim, um fato que nos tocou e produziu diversas reflexões, sendo uma lição de vida, foi que, mesmo em face de todo o cenário vivido pelos participantes da pesquisa, eles e elas não hesitaram em expressar seus desejos e sonhos de construir novos projetos e de possuir o direito à cidadania. Conforme as narrativas, o trabalho, o acesso à moradia, o desejo de constituir uma família e sair das ruas são alguns dos principais sonhos/desafios que devem ser superados pela PSR, mas também por nós que, de alguma forma, fazemos parte dessas histórias de vida.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. Tradução: Iraci D. Poleti. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ANDRADE, Luana Padilha; COSTA, Samira Lima da; MARQUETTI, Fernanda Cristina. A rua tem um ímã, acho que é a liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1248-1261, 2014.

ARAGAKI, Sérgio Seiji; PIANI, Pedro Paulo; SPINK, Mary Jane. Uso de repertórios linguísticos em pesquisas. *In*: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO, M. P. (org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p. 247-272.

BARBOSA, Aline Ramos. **Vida nua**: biopolítica na gestão da população de rua. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

BATISTA, N. C. S; BERNARDES, J.; MENEGON, V. S. M. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. *In*: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO, M. P. (org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão n^{os} 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais n^{os} 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo n^o 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL. **Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993**. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Brasília, DF: 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742.htm. Acesso em: 22 mar. 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua**: relatório. Brasília, DF: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação; Secretaria Nacional de Assistência Social, 2006.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social** – NOB/SUAS. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas**: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua: Centro POP. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Renda e Cidadania; Secretaria Nacional de Assistência Social, 2011.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua**. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação; Meta Instituto de Pesquisa de Opinião, 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social**: PNAS/2004. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2004.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua**. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**. Brasília, DF: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão de Informação; Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2013.
BRASIL. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, 2010.

BUARQUE, C. Olhar a (da) rua. *In*: BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua: nômades, excluídos, viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso; PADILHA, Maria Itayra. Entre batalhas e pedras: histórias de vida de moradores de rua, usuários de crack. **Hacia la promoción de la salud**, v. 20, n. 1, p. 49-66, jan./jun. 2015.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Luiza Elena da; MESQUITA, Vânia Maria de; CAMPOS, Ana Paula. Moradores de rua, quem são eles? Um estudo sobre a população de rua atendida pela casa da sopa “Capitão Vendramini” de Três Corações. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 13, n. 2, p. 285-297, jul./dez. 2015.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ESCOREL, Sarah. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. *In*: BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua: nômades, excluídos, viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GEHLEN, Ivaldo (coord.). **Diversidade e proteção social: estudos quanti-qualitativos das populações de Porto Alegre: afro-brasileiros, crianças, adolescentes e adultos em situação de rua: coletivos indígenas, remanescentes de quilombos**. Porto Alegre: Centhury, 2008.

GERGEN, K. Movimento do construcionismo social na psicologia moderna. Tradução: Ercy José Soares Filho. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 299-325, jan./jul. 2009.

GOMES, R. C. M. de. **Gente-caracol: a cidade contemporânea e o habitar as ruas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

IBÁÑEZ, T. **Municipiones para disidentes**. Barcelona: Gedisa, 2001.

IBÁÑEZ, T. O “giro linguístico”. In: IÑIGUEZ, L. (org.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

IÑIGUEZ, Lupicínio. Construcionismo social e Psicologia Social. In: MARTINS, João B.; HAMMOUTI, Nour-Din El; IÑIGUEZ, Lupicínio. **Temas em análise institucional e em construcionismo social**. São Carlos: Rima; Fundação Araucária, 2002.

KASPER, C. P. **Habitar a rua**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

KUNZ, Gilderlândia Silva; HECKERT, Ana Lucia; CARVALHO, Silvia Vasconcelos. Modos de vida da população em situação de rua: inventando táticas nas ruas de Vitória/ES. **Fractal: Revista de Psicologia**, Vitória, v. 26, n. 3, p. 919-942, set./dez. 2014.

LAMY, M. de F. H.; OLIVEIRA, T. S. M. de. A população de rua no contexto da política pública de Assistência Social no município de Curitiba. **Caderno Gestão Pública**, v. 3, n. 2, p. 60-83, 2013.

LISBOA, M. S. **Os loucos de rua e as redes de saúde mental: os desafios do cuidado no território e a armadilha da institucionalização**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

LOPES, Lucas de Souza; PINHEIRO, Diego Arthur Lima; HECKERT, Ana Lucia Coelho. Andarilhos: Narrando histórias, apoiando políticas públicas para população em situação de rua. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2016.

LYRA, J.; MEDRADO, B. Entrevistas e outros textos: compartilhando estratégias de análise qualitativa. In: LANG, C. E. *et al* (org.). **Metodologias: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas**. Maceió: Edufal, 2015, p. 61-83.

MATIAS, H. J. D; FRANCISCHINI, R. Desafios da etnografia com jovens em situação de rua: a entrada em campo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, n.2, p. 243-252, 2010.

MATTOS, R. M. **Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.

MÉLLO, R. P. *et al.* Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 26-32, dez. 2007.

MENDES, M. V. B. **Os moradores de rua e suas trajetórias**: um estudo sobre os territórios existenciais da população de rua de Belo Horizonte. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MENEGON, V. M.; SPINK, M. J. P. A pesquisa como prática discursiva. *In*: SPINK, M. J. P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000.

MONTUORI, A. Literature review as creative inquiry: reframing scholarship as a creative process. **Journal of Transformative Education**, v.3, n.4, p. 374-393, 2005.

NASCIMENTO, V. L. V.; TAVANTI, R. M.; PEREIRA, C. C. Q. O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas. *In*: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO, M. P. (org.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p. 248-270.

PAULA, D. N. do. **População em situação de rua**: como é retratada pela política social e pela sociedade e os impactos na sua participação. 2012. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PINHEIRO, O. de G. Entrevista: uma prática discursiva. *In*: SPINK, M. J. P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000.

PINTO, R. M. P. **Fenômeno população em situação de rua à luz da questão social**: percursos, vivências e estratégias em Maracanaú/CE. 2015. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

PIZZATO, R. M. S. **“No olho da rua”**: o serviço de atendimento social de rua em Porto Alegre – abordagem social de rua na sociedade contemporânea. 2012. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PLANO Intersetorial de Monitoramento e Acompanhamento da Política Municipal de Atenção à População em Situação de Rua em Maceió 2015-2017. Maceió: Secretaria Municipal de Assistência Social, 2015.

PLANO Intersetorial de Monitoramento e Acompanhamento da Política Municipal de Atendimento à População em Situação de Rua em Maceió 2018-2020. Maceió: Secretaria Municipal de Assistência Social, 2018.

PRATES, Flávio Cruz; PRATES, Jane Cruz; MACHADO, Simone Araújo. Populações em situação de rua: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. **Revista Temporalis**, Brasília, ano 11, n. 22, p. 191-215, jul./dez. 2011.

RIBEIRO, M. A. T. **Sentidos da pesca e a pesca dos sentidos**: um estudo psicossocial para compreensão do sumiço dos peixes da pesca de curral em Ipioca – Maceió – AL. Maceió: Edufal, 2011.

RIBEIRO, M. A. T.; MARTINS, M. H. M.; LIMA, J. M. A pesquisa em banco de dados: como fazer? *In*: LANG, C. E.; BERNARDES, J. S.; RIBEIRO, M. A. T.; ZANOTTI, S. V. (org.). **Metodologias**: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas. Maceió: Edufal, 2015.

ROSA, A. da S.; BRÊTAS, A. C. P.. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface: Comunicação, saúde, educação**, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 275-285, 2015.

ROSARIO, G. O. do. **Análise das condições e modos de vida de mulheres em situação de rua em Porto Alegre – RS**. 2015. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SARMENTO, R. S. Moraes de. **A Assistência Social à população em situação de rua**: um estudo na cidade de Florianópolis/SC. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SCISLESKI, A. C. C. **Governando vidas matáveis**: as relações entre a saúde e a justiça dirigidas a adolescentes em conflito com a lei. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade**. 8 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SERRANO, C. E. G. **Eu mendigo**: alguns discursos da mendicância na cidade de São Paulo. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SILVA, C. S. da. **Estudos sobre população adulta em situação de rua**: campo para uma comunidade epistêmica? 2012. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, T. L. da. **Família, rua e afeto**: etnografia dos vínculos familiares, sociais e afetivos de homens e mulheres em situação de rua. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SILVA, Wanderson Vilton Nunes da. **Entre ruas que subjetivam, registros do governo da vida e da morte na cidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

SPINK, M. J. **A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação**: linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SPINK, M. J. P. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**, Porto Alegre, v. 31, n.1, p. 7-22, jan./jul. 2000.

SPINK, M. J. P. *et al.* **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

SPINK, M. J.; FREZZA, R. M. Produção de sentido no cotidiano: a perspectiva da psicologia social. *In*: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In*: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B.; MÉLLO, R. P. Vinte e cinco anos nos rastros, trilhas e riscos de produções acadêmicas situadas. *In*: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO, M. P. (org.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, dez. 2003.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. São Paulo: Hucitec, 1994.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2011. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf. Acesso em: 22 mar. 2019.

WALKER, S. Literature reviews: generative and transformative textual conversations. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 16, n. 3, art. 5, set. 2015.

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

(1) Apresentação: Nome / Idade / Sexo / Naturalidade / Escolaridade

(2) Táticas e estratégias para a sobrevivência nas ruas

- Vive na rua há quanto tempo?
- O que te levou a ir viver nas ruas?
- Como se sente na rua?
- Como é seu dia a dia na rua?
- Em quais lugares você circula no seu dia a dia?
- Você fica num local fixo? Como é o local onde você fica? E por que você escolheu este local?
- Você fica em grupo ou sozinho? Por quê?
- Como você faz para conseguir realizar suas necessidades do dia a dia (comer, dormir, ir ao banheiro)?
- Você faz alguma atividade para ganhar dinheiro? Qual?
- Você recebe algum benefício do governo? Se sim, qual?
- Já sofreu algum tipo de violência nas ruas? Qual?
- Qual tipo de dificuldade você enfrenta diariamente?
- O que te faz continuar vivendo nas ruas?
- Quais são seus projetos futuros?

(3) A política de assistência social

- Há quanto tempo você usa o serviço Centro POP?
- Como você chegou ao Centro POP?
- Você buscou o atendimento do Centro POP por qual motivo?
- Você conhece os demais serviços/projetos oferecidos pela assistência social à PSR (albergue, abordagem social etc.)? Se sim, quais?
- Você utiliza ou já utilizou algum desses serviços? Se utiliza, qual serviço? Por que utiliza?
- Quais serviços você sabe que existem e não usa? Por quê?
- De que tipo de ajuda você acha que precisa neste momento?
- Você acha que algum projeto/serviço deveria ser ofertado pela assistência social?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO SEQUENCIAL – ENT. COM JOSÉ

QUEM FALA	SOBRE O QUE FALA	TEMA
Pesquisadora	Pergunta o motivo da vivência nas ruas.	História de vida
José	Diz que teve problemas familiares.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo ocorreram esses problemas.	
José	Diz que desde os 15 anos de idade.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta com quem foi o conflito familiar.	Relação familiar
José	Responde que foi com a mãe e com o padrasto.	Relação familiar
Pesquisadora	Pede para falar o que esse problema familiar gerou.	Relação familiar
José	Fala que assumiu para a família sua opção sexual, mas o padrasto não aceitou.	Relação familiar Sexualidade
Pesquisadora	Pergunta se a mãe aceitou a opção sexual dele.	Sexualidade
José	Diz que sua mãe também não aceitou bem.	Sexualidade
Pesquisadora	Pergunta o local para o qual ele foi após ter saído de casa.	Relação com a rua
José	Diz que foi para a casa de um amigo, a princípio, mas depois foi para a rua.	Amizade Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se, em algum momento, ele voltou para casa.	Relação familiar
José	Diz que, após um tempo, sua mãe foi procurá-lo pedindo para que ele voltasse.	Relação familiar
José	Diz que a mãe disse que o padrasto queria falar com ele.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta se permanece o relacionamento da sua mãe com seu padrasto.	Relação familiar
José	Responde que sim.	

José	Diz que o que mais o chateou foi o fato de ela preferir ficar com o padrasto a ficar com os filhos.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta se ele tem irmãos.	Relação familiar
José	Responde que possui cinco irmãos.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta se são mais jovens ou mais velhos que ele.	Relação familiar
José	Responde que são mais velhos.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta sobre o apoio dos irmãos para com ele.	Relação familiar
José	Fala que só uma irmã o ajuda.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta como é o contato com essa irmã.	Relação familiar
José	Fala que frequenta a casa dela, mas que morar junto não daria certo.	Relação familiar
Pesquisadora	Pede para falar como se sente vivendo nas ruas.	Relação com a rua
José	Diz que se sente desprezado.	Relação com a rua
Pesquisadora	Solicita mais informações sobre esse sentimento.	Relação com a rua
José	Fala que se sente desprezado pela família, que não tem ninguém ao seu lado e que, quando precisa de algo, recorre aos amigos.	Relação familiar Amizade
Pesquisadora	Pergunta o tipo de apoio que os amigos lhe dão.	Amizade
José	Fala que a ajuda é o apoio.	Amizade
Pesquisadora	Pede para falar sobre o dia a dia na rua.	Relação com a rua
José	Fala que fica andando, alternando entre a ida ao POP, a rua, a casa dos irmãos ou a participação nos eventos do movimento de rua.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta onde ele dorme geralmente.	Relação com a rua
José	Diz que na Praça da Cadeia.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se acompanhado ou sozinho.	Relação com a rua

José	Afirma ter muita gente lá.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se sempre dorme lá.	Relação com a rua
José	Afirma que sim.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta o motivo da escolha desse local para dormir.	Relação com a rua
José	Diz que sempre ficou nesse mesmo lugar, e que lá ele tinha um companheiro.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se ele está em algum relacionamento amoroso no momento.	Relacionamento amoroso
José	Diz que estava, mas terminou há uns dois meses.	Relacionamento amoroso
José	Afirma que ele preferiu as drogas.	Relação com as drogas
José	Diz que também fica na praia durante o dia.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se ele faz alguma atividade na praia.	Relação com a rua
José	Diz que fica apenas sentado lá.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta o motivo de ir ao POP pela manhã.	Relação com a política pública
José	Diz que pra tomar banho e café.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta a rotina após a saída do POP.	Relação com a rua
José	Diz que fica nas proximidades do POP, na praia ou em eventos.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre o almoço.	Relação com a rua
José	Diz que almoça todos os dias na Casa de Ranquines, durante a semana.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta sobre a preferência pela convivência em grupo (amigos) ou sozinho.	Relação com a rua Amizade
José	Afirma que prefere ficar em grupo, pois gosta de ficar conversando com os amigos.	Relação com a rua Amizade

Pesquisadora	Retoma o assunto da rotina nas ruas, perguntando sobre o almoço nos fins de semana, já que os serviços não funcionam.	Relação com a rua
José	Diz que pede nos restaurantes.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre o uso do banheiro e o banho.	Relação com a rua
José	Afirma utilizar o banheiro do centro e tomar banho em torneira.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre a realização de atividade remuneratória para conseguir dinheiro.	Relação com a rua
José	Afirma não exercer nenhuma atividade para conseguir dinheiro.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta como ele consegue renda.	Relação com a rua
José	Afirma que, com o valor que ele recebe do Bolsa Família, que é de R\$ 89,00, consegue sobreviver.	Relação com a política pública
José	Afirma que, com esse valor, compra produtos de higiene pessoal.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre a existência de algum tipo de vício.	Relação com as drogas
José	Diz que, às vezes, cheira cola e bebe cachaça.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta sobre a frequência de uso dessas substâncias.	Relação com as drogas
José	Afirma que, geralmente, utiliza nos fins de semana.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Retoma o assunto do Bolsa Família, para saber há quanto tempo recebe o benefício.	Relação com a política pública
José	Acredita que o recebe há uns cinco meses.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta sobre o procedimento para conseguir o Bolsa Família.	Relação com a política pública
José	Afirma que pegou o encaminhamento, no Centro POP, e foi até o local onde fez a inscrição.	Relação com a política pública

Pesquisadora	Pergunta sobre a documentação civil.	Relação com a política pública
José	Afirma possuir todos os documentos.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta qual o procedimento realizado para conseguir os documentos.	Relação com a política pública
José	Afirma que pegou os encaminhamentos, no Centro POP, e foi à Defensoria Pública para solicitar.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta sobre violência nas ruas.	Violência Relação com a rua
José	Afirma ter sofrido várias agressões físicas na rua.	Violência Relação com a rua
Pesquisadora	Pede para relatar essas agressões.	Violência Relação com a rua
José	Descreve cenas de violência física vividas nas ruas.	Violência Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre dificuldades encontradas diariamente.	Relação com a rua
José	Afirma possuir várias dificuldades na rua, pois corre vários riscos, até o de dormir e não acordar.	Relação com a rua Violência
Pesquisadora	Pergunta o que o faz continuar vivendo na rua.	Relação com a rua
José	Diz que pretende ir embora quando conseguir sua casa.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta sobre o trâmite para conseguir a casa.	Relação com a política pública
José	Afirma ter se inscrito no programa “Minha casa, minha vida”, também através do Centro POP.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se retoma a convivência com a família, se há possibilidade de reconciliação.	Relação familiar
José	Afirma não ter nenhum familiar que possa ajudá-lo.	Relação familiar

Pesquisadora	Pergunta sobre projetos/planos para o futuro.	Perspectiva para o futuro
José	Descreve os planos para o futuro. Fala da casa, de encontrar alguém para viver e da caminhada com o movimento.	Perspectiva para o futuro
Pesquisadora	Pergunta sobre o tempo de permanência no movimento.	Relação com a política pública
José	Relata que está há quase um ano e descreve os benefícios de participar do grupo.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta como surgiu o interesse em participar do movimento.	Relação com a política pública
José	Diz que ingressou com o objetivo de discutir políticas públicas.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se algum colega o incentivou a participar do movimento.	Relação com a política pública
José	Afirma que sim.	Relação com a política pública
José	Afirma que hoje ocupa o cargo de vice-presidente do usuário do Suas.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta sobre o tempo que utiliza o Centro POP.	Relação com a política pública
José	Acredita que por volta de dois anos.	Relação com a política pública
José	Afirma ter ficado sabendo do serviço através de “mãe Célia” e do ex-companheiro.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta sobre o conhecimento dos demais serviços/programas ofertados à PSR pela assistência social.	Relação com a política pública
José	Descreve alguns programas/projetos com os quais teve contato, no decorrer dos anos na rua (albergue, abordagem social e Centro POP).	Relação com a política pública
José	Relata as situações em que utilizou esses serviços/programas.	Relação com a política pública

Pesquisadora	Pergunta de que tipo de ajuda está precisando no momento.	Relação com a política pública
José	Diz que não precisa de nada no momento.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pede sugestões de programas/serviços destinados à PSR.	Relação com a política pública
José	Sugere cursos destinados à geração de emprego e renda.	Relação com a política pública
José	Relata a experiência de um curso que queria muito fazer e conseguiu.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta como conseguiu o curso.	
José	Relata que foi através de um assistente social do POP.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pede sugestões de cursos profissionalizantes.	Relação com a política pública
José	Afirma não saber identificar.	
Pesquisadora	Retoma a questão da subsistência, perguntando se ele realmente não exerce nenhuma atividade na rua para conseguir renda.	Relação com a rua
José	Afirma que, às vezes, toma conta de carro, mas o dinheiro que ele recebe do Bolsa Família é suficiente.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre possíveis fatores estressantes na rua.	Relação com a rua
José	Diz que a rotina na rua, sem ter para onde ir.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre assistência médica.	Relação com a rua
José	Afirma ser acompanhado pela equipe do consultório na rua, e que apenas uma vez precisou deles.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Retoma a relação com a mãe, questionando o contato.	Relação familiar
José	Afirma possuir contato, pois telefona ou ela o visita na praça. Sempre que pode, ela o ajuda financeiramente.	Relação familiar

Pesquisadora	Pergunta a profissão da mãe.	
José	Diarista.	
Pesquisadora	Pergunta se quer acrescentar algo.	Encerramento
José	Afirma que não.	Encerramento
Pesquisadora	Faz as considerações finais e o agradecimento.	Encerramento

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO SEQUENCIAL – ENT. COM JOÃO

QUEM FALA	SOBRE O QUE FALA	TEMA
Pesquisadora	Pergunta o local em que ele fica em Maceió.	Relação com a rua
João	Relata o local em que geralmente ele fica na rua.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se ele possui relacionamento amoroso.	Relacionamento amoroso
João	Responde que sim.	Relacionamento amoroso
Pesquisadora	Pergunta a experiência profissional dele.	História de vida
João	Relata as experiências profissionais.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo está em Maceió.	História de vida
João	Explica sua trajetória em Maceió e sua rotina como trecheiro.	História de vida Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre a família.	Relação familiar
João	Relata as situações que acarretaram o rompimento familiar.	Relação familiar História de vida
Pesquisadora	Pede para ele detalhar a briga com o padrasto.	Relação familiar História de vida
João	Explica a briga com o padrasto e como começou a usar drogas.	Relação familiar Relação com as drogas
Pesquisadora	Pede para relatar a morte do irmão.	Morte História de vida Relação com as drogas
João	Relata a morte do irmão, o uso excessivo de drogas e o rompimento da relação com a mãe.	Morte Relação com as drogas Relação familiar História de vida
João	Começa a contar sua história de vida. Fala da relação com a música.	História de vida

João	Retoma o uso excessivo de drogas.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta se ele pretende se estabelecer em alguma cidade.	Perspectiva para o futuro
João	Afirma que pretende residir em Maceió ou Recife e conseguir trabalho como cantor ou na hotelaria.	Perspectiva para o futuro História de vida
João	Fala da dificuldade que está enfrentando para conseguir emprego, devido à falta dos documentos pessoais.	História de vida Relação com a política pública
Pesquisadora	Pede para relatar como ele perdeu os documentos pessoais.	História de vida
João	Relata a situação da perda dos documentos pessoais.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta onde ele foi registrado.	História de vida
João	Diz que em Aracaju, e que deu entrada há um mês na Defensoria Pública, visando a obter um novo registro de nascimento.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo ele está em situação de rua.	Relação com a rua
João	Diz que por volta de seis anos, entre idas e vindas.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta o motivo de ele estar vivendo nas ruas.	Relação com a rua
João	Diz que por falta de trabalho (desemprego).	Desemprego Relação com a rua
Pesquisadora	Pede mais informações sobre o relacionamento amoroso.	Relacionamento amoroso
João	Relata o seu relacionamento amoroso, desde o momento em que a conheceu até o presente momento.	Relacionamento amoroso
Pesquisadora	Retoma o assunto da morte do irmão.	Morte História de vida
João	Responde que o irmão faleceu em Aracaju, e que, sempre que possível, passa por lá para ver os três filhos.	Morte Relação familiar

João	Diz que tem dificuldades para retornar a Aracaju, em virtude de desavenças por causa das drogas.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta se ele tem contato com a mãe.	Relação familiar
João	Afirma que não possui nenhum contato com ela. Diz que a mesma não foi para o enterro do próprio filho.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta o motivo da mágoa que ela possui.	Relação familiar
João	Diz que o principal motivo foi o conflito entre os filhos e o padrasto.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta como ele se sente nas ruas.	Relação com a rua
João	Diz que se sente desprezado, pois teve muita coisa na vida e acabou perdendo tudo.	Relação com a rua
João	Fala que parou de usar drogas, e que conseguiu também afastar sua companheira do vício.	Relação com as drogas
João	Fala da importância da fé em Deus nesse processo de libertação do vício.	Apoio espiritual Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta quais drogas ele usava.	Relação com as drogas
João	Afirma que usava <i>crack</i> , maconha, entre outras. Que grande parte do dinheiro que conseguia usava para adquirir drogas. Que estava, fisicamente, muito debilitado.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta sobre o dia a dia nas ruas.	Relação com a rua
João	Explica a rotina do dia a dia nas ruas, como dormir, ir para o POP, ir para a praça e manguear.	Relação com a rua Relação com a política pública
Pesquisadora	Pede um esclarecimento sobre a expressão “manguear”.	Relação com a rua
João	Esclarece o termo: mendicância.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta como eles fazem nos dias em que não funciona o POP.	Relação com a rua Relação com a política pública

João	Explica a rotina nos fins de semana e o apoio de grupos religiosos.	Relação com a rua Apoio espiritual
Pesquisadora	Pergunta se eles dormem sempre no mesmo lugar.	Relação com a rua
João	Diz que sim, nas proximidades do POP, embaixo de uma marquise.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta o porquê da escolha desse local para dormir.	Relação com a rua
João	Afirma que, anteriormente, dormiu em outro local e foi roubado. Procurou um local mais tranquilo, com menos pessoas.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se, quando chove, ele permanece no mesmo local pra dormir.	Relação com a rua
João	Afirma que sim.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta como ele conheceu os amigos que convivem com ele na rua diariamente.	Relação com a rua Amizade
João	Afirma que conheceu na rua.	Relação com a rua Amizade
João	Afirma que são pessoas do bem.	Amizade
Pesquisadora	Pergunta sobre os cuidados de higiene pessoal e as necessidades básicas.	Relação com a rua
João	Diz que, durante a semana, usa o POP e a torneira de uma praça.	Relação com a rua Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ele recebe algum benefício.	Relação com a política pública
João	Diz que recebia o Bolsa, porém, depois da perda dos documentos, não conseguiu mais receber.	Relação com a política pública
João	Afirma não concordar com o benefício, pois acha que ele facilita o uso de drogas.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta de quanto era o benefício que ele recebia.	Relação com a política pública
João	Afirma que era de R\$ 87,00.	Relação com a política pública

Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo ele recebia.	Relação com a política pública
João	Diz que por volta de seis meses.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Orienta-o a ir ao POP 1, para conversar com o profissional responsável pelo Bolsa Família, que pode tentar ajudá-lo a voltar a receber.	Relação com a política pública
João	Diz que já procurou saber e que precisa dos documentos pessoais.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta sobre as dificuldades que ele encontra diariamente.	Relação com a rua
João	Afirma que hoje se sente feliz, pois encontrou essa companheira e parou de usar drogas.	Relação com a rua Relacionamento amoroso Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta se ele já ficou outros períodos sem usar drogas.	Relação com as drogas
João	Afirma que sim.	Relação com as drogas
João	Diz que, no momento, perdeu a vontade de usar, e que Deus tirou isso da vida dele.	Relação com as drogas Apoio espiritual
Pesquisadora	Pergunta se ele faz uso de bebidas alcoólicas.	Relação com as drogas
João	Diz que parou também, apesar de ter tido uma “pequena” recaída no fim de semana.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta os projetos para o futuro.	Objetivos de vida
João	Diz que trabalhar, ter uma família e sair dessa vida maldita.	Objetivos de vida Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta o que o faz continuar vivendo na rua.	Relação com a rua
João	Diz que a situação financeira e a falta de trabalho (desemprego).	Desemprego Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se ele deu entrada nos programas habitacionais do governo.	Relação com a política pública

João	Afirma que sim, porém não acompanhou o trâmite.	
Pesquisadora	Pergunta quantos filhos ele tem.	História de vida
João	Diz que possui três filhos, sendo duas gêmeas e um menino. Às vezes, consegue passar por Aracaju para vê-los.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta como ele chegou ao POP.	Relação com a política pública
João	Diz que um amigo o trouxe, e que, sempre que ele chega a uma cidade, procura um POP ou um albergue (se ele estiver sozinho).	Relação com a política pública
João	Diz que usa o POP desde que chegou a Maceió. Frequentava o POP 1, mas lá houve uma briga entre usuários, então ele está apenas no POP 2.	Relação com a política pública
João	Explica que utilizava os dois POPs, a depender da comida servida.	Relação com a política pública
João	Diz preferir o POP 2, pelo fato de as pessoas que o frequentam respeitarem mais.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta qual o motivo de ele buscar atendimento no POP.	Relação com a política pública
João	Justifica que é pelas dificuldades encontradas na rua. Sozinho e sem conhecer muita coisa da cidade, tinha dificuldade para pedir comida e auxílio na rua.	Relação com a rua
João	Afirma não pretender viver do POP.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se através do POP ele conseguiu algo.	Relação com a política pública
João	Diz que sim, os documentos pessoais.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ele já utilizou outros serviços/programas da assistência social.	Relação com a política pública

João	Diz que sim, o albergue. Tanto o público como o particular.	Relação com a política pública Relação com outras instituições
João	Lembra também do consultório na rua, que utilizou para fazer o cartão do SUS.	Relação com a política pública
João	Diz que está procurando por eles e não está encontrando.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Orienta-o a solicitar auxílio da equipe técnica do POP, nesse contato com a equipe do consultório de rua.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se há algum projeto/serviço da prefeitura que ele sabe que existe, mas não utiliza.	Relação com a política pública
João	Diz que não.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ele está precisando de alguma ajuda no momento.	Relação com a política pública
João	Diz que precisa dos documentos pessoais.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ele tem alguma sugestão de programa/projeto direcionado à PSR.	Relação com a política pública
João	Sugere mais albergues, mas também uma melhor avaliação dos usuários que o frequentam, para manter apenas as pessoas realmente interessadas.	Relação com a política pública
João	Diz que gostaria de ter uma ajuda para cantar na televisão. Deseja adquirir um violão.	Perspectivas para o futuro
Pesquisadora	Pergunta se ele já procurou ajuda médica para auxiliá-lo com as drogas.	Relação com as drogas
João	Diz que sim, e que toma medicação para ansiedade e sono.	Relação com as drogas
João	Relata muita dificuldade para dormir	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pede esclarecimentos sobre essas dificuldades.	Relação com as drogas

João	Explica que a cabeça é pesada, que fica inseguro e que qualquer barulho o acorda.	Relação com as drogas Relação com a rua
João	Afirma sentir-se só na vida.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta se ele tem contato com algum familiar.	Relação familiar
João	Diz que tem um irmão, e que às vezes se falam.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta se ele é envolvido com drogas.	Relação com as drogas
João	Diz que não. Afirma que ele trabalha.	Relação familiar
Pesquisadora	Retoma a questão do sonho dele de cantar. Pergunta se ele já tentou ajuda.	Perspectiva para o futuro
João	Diz que não tentou ajuda, que às vezes tem coragem e passa. Relata a dificuldade da falta do violão.	Perspectiva para o futuro
Pesquisadora	Pergunta se quer acrescentar algo.	Encerramento
João	Afirma que não.	Encerramento
Pesquisadora	Faz as considerações finais e o agradecimento.	Encerramento

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO SEQUENCIAL – ENT. COM RAQUEL

QUEM FALA	SOBRE O QUE FALA	TEMA
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo ela mora em Maceió.	História de vida
Raquel	Diz que nasceu no interior do estado e logo veio para Maceió.	História de vida
Pesquisadora	Pede para ela falar sobre a vida dela.	História de vida
Raquel	Diz que está na rua há mais de quatro anos.	Relação com a rua História de vida
Pesquisadora	Pergunta o motivo de ela ter ido viver nas ruas.	Relação com a rua História de vida
Raquel	Explica que foi em virtude do uso de drogas.	Relação com a rua Relação com as drogas
Raquel	Afirma que, há pouco tempo, estava muito debilitada fisicamente.	Relação com as drogas
Raquel	Refere-se à droga como imunda, nojenta e descreve as consequências físicas do uso das drogas.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta por quanto tempo ela usou drogas.	Relação com as drogas
Raquel	Afirma que por volta de treze anos.	Relação com as drogas
Raquel	Menciona as orações que foram feitas para conseguir superar o vício.	Relação com as drogas Apoio espiritual
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo ela não usa drogas.	Relação com as drogas
Raquel	Diz que por volta de um mês.	Relação com as drogas
Raquel	Afirma também que parou de usar o cigarro. Está até achando fedido o cheiro.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta quais drogas ela usava.	Relação com as drogas

Raquel	Afirma que sempre usou <i>crack</i> .	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta se, em algum outro momento, ela parou de usar droga.	Relação com as drogas
Raquel	Afirma que sim. Quando sua mãe vem atrás dela e a leva para casa.	Relação com as drogas Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta onde está a mãe dela.	Relação familiar
Raquel	Diz que no interior do estado, e que tem contato com ela.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta como ela se sente nas ruas.	Relação com a rua
Raquel	Diz que não se sente bem, pois tem família e encontra-se nessa situação. Está esperando o companheiro resolver a situação dos documentos dele e conseguir um emprego, para saírem dessa situação.	Relação com a rua Perspectiva para o futuro
Raquel	Afirma gostar muito do seu companheiro. Que ele lutou por ela um bom tempo.	Relacionamento amoroso
Pesquisadora	Pergunta por que eles não voltam para casa.	Relação com a rua
Raquel	Afirma que estão esperando os documentos do marido para voltar. Diz que a família tem condições financeiras de acolhê-la.	Relação com a política pública Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta como ela iniciou o uso de drogas.	Relação com as drogas História de vida
Raquel	Afirma que por causa do ex-marido. Relata a história do seu casamento, da violência física sofrida e dos filhos.	Relação familiar História de vida
Pesquisadora	Pergunta como é o dia a dia nas ruas.	Relação com a rua
Raquel	Relata que frequenta o POP e a praça próxima.	Relação com a rua Relação com a política pública
Raquel	Afirma ser muito bem tratada no POP.	Relação com a política pública

Raquel	Afirma sentir falta de ter uma casa, um lar.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta como eles fazem nos dias que o POP não funciona.	Relação com a rua
Raquel	Relata a rotina nas ruas.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre o local em que ela dorme.	Relação com a rua
Raquel	Diz que dorme na calçada de um prédio próximo ao POP. Afirma que se preocupam em deixar o local sempre limpo.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre as necessidades básicas, como banho.	Relação com a rua
Raquel	Diz que toma banho na torneira de uma praça. Afirma procurar ser sempre “limpinha”.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta onde ficam os pertences pessoais.	Relação com a rua
Raquel	Afirma sempre andar com eles. Colocam tudo numa bolsa e levam nas costas.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se dormem outras pessoas com eles.	Relação com a rua
Raquel	Afirma que sim.	Relação com a rua Amizade
Pesquisadora	Pergunta como eles encontraram esse local para dormir.	Relação com a rua
Raquel	Afirma terem saído perguntando um local tranquilo para dormir. Encontraram esses colegas do marido e ficaram todos juntos.	Relação com a rua Amizade
Pesquisadora	Pergunta se o companheiro já estava com esses amigos quando eles começaram a ficar juntos.	Relação com a rua Amizade
Raquel	Afirma que sim.	Relação com a rua Amizade
Raquel	Diz que ganha muita coisa nesse local. As pessoas e os vigilantes das lojas dão muitas coisas a eles.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre o fim de semana.	Relação com a rua

Raquel	Diz que o movimento de pessoas é bem menor.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta como ela faz para conseguir dinheiro.	Relação com a rua
Raquel	Diz que toma conta de carros.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se ela recebe algum benefício do governo.	Relação com a política pública
Raquel	Diz que os filhos recebem o Bolsa Família.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta sobre a relação com a mãe.	Relação familiar
Raquel	Diz que possui uma boa relação.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta se ela já sofreu alguma violência na rua.	Relação com a rua Violência
Raquel	Afirma que sim. Relata toda a situação de violência sofrida quando foi sequestrada e violentada. Diz que sofreu violência física e psicológica.	Relação com a rua Violência
Pesquisadora	Pergunta se ela está passando por alguma dificuldade no momento.	Relação com a rua
Raquel	Afirma que não. Diz que nada a incomoda, nada a atrapalha.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta o que a faz continuar na rua.	Relação com a rua
Raquel	Diz que é a situação do marido. Estão aguardando os documentos dele pra ele poder trabalhar.	Perspectivas para o futuro Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta sobre os projetos para o futuro.	Perspectivas para o futuro
Raquel	Diz que pretende viver com esse marido até ficar velhinha e ajudar a mãe dela.	Relação com a rua Perspectivas para o futuro
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo ela frequenta o POP.	Relação com a política pública
Raquel	Diz que há muito tempo, por volta de quatro anos.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ela também frequenta o POP 1.	Relação com a política pública

Raquel	Diz que sim, mas que prefere o POP 2.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta por qual motivo.	Relação com a política pública
Raquel	Diz que sempre foi bem tratada nos dois POPs, porém o POP 2 é mais perto para ela.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta como ela chegou ao POP.	Relação com a política pública
Raquel	Diz que um amigo a levou.	Relação com a política pública Amizade
Pesquisadora	Pergunta o motivo de ela frequentar o POP.	Relação com a política pública
Raquel	Diz que é para tomar banho, alimentar-se e ficar um pouquinho, assistir à televisão e fazer as atividades do POP.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ela conhece outros serviços/projetos ofertados pela prefeitura.	Relação com a política pública
Raquel	Diz que não. Afirma nunca ter passado pelo albergue.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta o motivo de ela não ter passado pelo albergue.	Relação com a política pública
Raquel	Diz que soube que lá é chato, e que não pode dormir com o marido.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta sobre a abordagem social.	Relação com a política pública
Raquel	Diz que já teve acesso para medicações, exames e para solicitar preservativos. Afirma cuidar muito da saúde.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ela já passou pelo Caps AD.	Relação com a política pública
Raquel	Afirma que não. Acha que não precisa de tratamento, pois se considera forte.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta de que tipo de ajuda está precisando no momento.	Perspectiva para o futuro

Raquel	Diz que deseja ir ver a mãe e resolver o problema dos documentos do marido.	Perspectiva para o futuro
Pesquisadora	Pergunta se ela sugere algum projeto/serviço para a população de rua.	Relação com a política pública
Raquel	Sugere trabalho.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ela já trabalhou.	História de vida
Raquel	Diz que sim, como babá, cuidadora de idosos, e que já fez várias coisas.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta se ela faz uso de bebida alcoólica.	Relação com as drogas
Raquel	Diz que parou de beber e de fumar.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta se quer acrescentar algo.	Encerramento
Raquel	Afirma que não.	Encerramento
Pesquisadora	Faz as considerações finais e o agradecimento.	Encerramento

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO SEQUENCIAL – ENT. COM MARIA

QUEM FALA	SOBRE O QUE FALA	TEMA
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo está em Maceió.	História de vida
Maria	Diz que há um mês, mesmo período que frequenta o POP.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta de onde ela é.	História de vida
Maria	Diz que nascida e criada em São Paulo.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta o motivo da vinda a Maceió.	História de vida
Maria	Diz que estava em Maceió e foi para Recife. Em Recife, conheceu um rapaz e vieram para Maceió, para que ele conseguisse os documentos. Porém, há dois dias terminou o relacionamento.	História de vida Relacionamento amoroso
Maria	Afirma que não pretende ficar em Maceió.	Perspectiva para o futuro
Pesquisadora	Pergunta para onde ela pretende ir.	Perspectiva para o futuro
Maria	Diz que pretende ir para Brasília, mas ainda não tem certeza.	Perspectiva para o futuro
Pesquisadora	Pergunta pela família dela.	Relação familiar
Maria	Diz que os pais são falecidos, e que, em Limeira, moram o tio e o irmão.	Relação familiar História de vida
Maria	Diz que teve pouco contato com o pai. Ficou sabendo da sua morte através dos familiares.	Relação familiar História de vida
Pesquisadora	Pergunta sobre a mãe.	Relação familiar
Maria	Diz que morreu quando ela tinha 14 anos. Tinha lúpus.	Relação familiar História de vida
Maria	Diz que a mãe tinha 41 anos de idade quando morreu.	Relação familiar História de vida
Pesquisadora	Pergunta quem cuidava dela antes de a mãe morrer.	Relação familiar História de vida

Maria	Diz que a mãe e o tio.	Relação familiar História de vida
Pesquisadora	Pergunta quem ficou responsável por ela após a morte da mãe.	Relação familiar História de vida
Maria	Diz que o tio e o irmão.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta se o irmão é mais velho que ela.	Relação familiar
Maria	Diz que é nove anos mais velho que ela.	Relação familiar
Maria	Diz que o irmão a agredia muito, por isso ela saiu de casa.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta como ele a agredia.	Relação familiar
Maria	Diz que ele batia muito nela e que, inclusive, tentou matá-la diversas vezes.	Relação familiar Violência
Maria	Diz que, devido a essa situação, saiu de casa.	Relação familiar
Maria	Diz que conheceu um rapaz e foi morar com ele. Teve uma filha com esse rapaz.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta se saiu de casa para ir morar com esse rapaz.	História de vida
Maria	Diz que saiu de casa para ir morar na rua. Depois de um tempo, foi morar com ele e teve uma filha.	História de vida Relação com a rua
Maria	Diz que não deu certo com ele, pois foi traída. Foi morar na rua novamente.	História de vida Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta pela filha.	Relação familiar
Maria	Diz que está com o pai. Deixou-a com ele, pois não acha certo crianças passarem por essa situação de rua.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta a idade da filha.	História de vida
Maria	Diz que tem 7 anos.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta se ela tem contato com a filha.	Relação familiar
Maria	Diz que às vezes sim.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta onde eles moram.	Relação familiar
Maria	Diz que moram em São Paulo.	Relação familiar

Maria	Diz que ele tem casa própria lá e já casou novamente.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta quanto tempo tem essa situação.	Relação com a rua
Maria	Diz que tem cinco anos.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta pelo tio.	Relação familiar
Maria	Diz que o tio tem medo do irmão.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta o porquê de tanta agressividade por parte do irmão.	Relação familiar
Maria	Diz que ele é usuário de drogas. Fica muito agressivo sem as drogas.	Relação familiar Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta se o irmão trabalha.	Relação familiar
Maria	Diz que não.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta qual droga ele usa.	Relação familiar Relação com as drogas
Maria	Diz que é o crack, mas não sabe bem ao certo.	Relação familiar Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta se ele usa há muito tempo.	Relação familiar
Maria	Diz que sim. Acredita que há mais de nove anos.	Relação familiar Relação com as drogas
Maria	Diz que já sumiu muita coisa de valor de dentro de casa.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta se as coisas pioraram depois que a mãe dela morreu.	Relação familiar
Maria	Diz que sim. Que, mesmo com a mãe doente, ele não a respeitava. Conta situações de falta de respeito.	Relação familiar História de vida
Maria	Diz que ele ficava falando que a mãe iria morrer e a culpa seria dela.	Relação familiar
Maria	Diz que, devido a tudo isso, ela é mais feliz na rua.	Relação familiar Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se ele a violentou.	Relação familiar

Maria	Diz que não. Que ele a respeitava muito.	Relação familiar
Maria	Diz que ele tinha ciúmes pelo fato de ela ser a mais nova, ser mulher e receber mais atenção da família.	Relação familiar
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo ela está na rua.	Relação com a rua
Maria	Diz que é algo próximo de sete anos.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta como ela se sente na rua.	Relação com a rua
Maria	Responde que não gosta muito. Gosta da parte de viajar. Denomina-se mochileira.	Relação com a rua
Maria	Diz que não gosta de dormir na rua.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta onde ela está dormindo.	Relação com a rua
Maria	Responde que está dormindo no Farol. Não sabe explicar bem o local.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta com quem ela dorme.	Relação com a rua
Maria	Diz que dorme com um grupo de amigos.	Relação com a rua Amizade
Maria	Diz que dorme numa barraca; seus amigos, cada um num papelão.	Relação com a rua Amizade
Maria	Afirma que todos a respeitam e ela também os respeita.	Relação com a rua Amizade
Pesquisadora	Pergunta como é o dia a dia na rua.	Relação com a rua
Maria	Diz que, pela manhã, vai à Casa de Ranquines e depois ao Pop. Do Pop, vai para a biblioteca pública.	Relação com a política pública
Maria	Diz que toma café da manhã na Casa de Ranquines e no Pop, para reforçar.	Relação com a política pública
Maria	Diz que, no Pop, toma banho e lava as roupas.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta o motivo da ida à biblioteca.	Relação com a rua
Maria	Diz que frequenta a biblioteca para usar a internet.	Relação com a rua

Maria	Diz que almoça na Casa de Ranquines e volta para o Pop, e depois vão para uma praça conversar.	Relação com a política pública Relação com a rua Relação com outras instituições
Pesquisadora	Pergunta como fazem nos fins de semana.	Relação com a política pública Relação com a rua
Maria	Diz que é mais complicado. Pede nos restaurantes ou nas residências, o que for mais fácil.	Relação com a rua
Maria	Diz que também recebe o Bolsa Família.	Relação com a política pública
Maria	Diz que odeia pedir.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta o porquê.	Relação com a rua
Maria	Diz que se sente humilhada. Às vezes, as pessoas falam palavras que a ofendem.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se ela está com algum relacionamento no momento.	Relacionamento amoroso
Maria	Diz que não. Diz que terminou um há dois dias.	Relacionamento amoroso
Pesquisadora	Pergunta quanto tempo durou o relacionamento.	Relacionamento amoroso
Maria	Diz que durou dois meses.	Relacionamento amoroso
Pesquisadora	Pergunta o motivo do término do relacionamento.	Relacionamento amoroso
Maria	Explica o motivo do término.	Relacionamento amoroso
Pesquisadora	Pergunta se ele usa drogas.	Relação com a rua Relação com as drogas
Maria	Diz que ele usava e parou um período, enquanto eles estavam juntos, mas agora ele já voltou a usar.	Relação com a rua Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta se ela também usa drogas.	Relação com as drogas

Maria	Diz que usou durante dois anos e parou.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta que idade ela tinha nesse período.	Relação com as drogas
Maria	Diz que foi logo que sua mãe faleceu. Ela tinha 15 anos.	Relação com as drogas
Maria	Relata como ela começou a usar drogas.	Relação com as drogas
Pesquisadora	Pergunta como ela fez para parar de usar drogas.	Relação com as drogas
Maria	Diz que foi por força de vontade e fé em Deus.	Apoio espiritual
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo ela não usa.	Relação com as drogas
Maria	Diz que até hoje pede a Deus para não ter recaída. Afirma ter muito medo de ter recaída.	Relação com as drogas Apoio espiritual
Pesquisadora	Pergunta há quanto tempo ela recebe o Bolsa Família.	Relação com a política pública
Maria	Diz que há mais de dois anos.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ela tem outro filho.	História de vida
Maria	Diz que sim. Está com o pai, no Rio de Janeiro. Tem 2 anos.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta se já sofreu algum tipo de violência nas ruas.	Violência Relação com a rua
Maria	Diz que não. Costuma, pela experiência que tem nas ruas, selecionar bem os locais que frequenta.	Violência Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta as dificuldades que encontra diariamente.	Relação com a rua
Maria	Fala do preconceito. Relata situações ligadas ao preconceito sofrido por viver nas ruas.	Relação com a rua Preconceito
Pesquisadora	Pergunta o que a faz continuar nas ruas.	Relação com a rua

Maria	Afirma que não sabe. Já teve oportunidades de morar em casas, mas sempre acontece alguma situação e ela volta para a rua.	Relação com a rua
Maria	Relata situações ocorridas quando foi morar em casas e deixou a rua, e fala dos motivos que a fizeram voltar para a rua.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta se ela tem projetos para o futuro.	Perspectiva para o futuro
Maria	Fala que pretende voltar a estudar, trabalhar, ter os filhos com ela e abrir uma lanchonete.	Perspectiva para o futuro
Pesquisadora	Pergunta se ela pretende abrir a lanchonete em Maceió.	Perspectiva para o futuro
Maria	Afirma que não. Diz não gostar de Maceió.	Perspectiva para o futuro
Pesquisadora	Pergunta por que ela não gosta de Maceió.	Relação com a rua
Maria	Explica a experiência com algumas pessoas de Maceió em que se sentiu enganada.	Relação com a rua
Pesquisadora	Pergunta como ela chegou ao POP.	Relação com a política pública
Maria	Diz que amigos a trouxeram.	Amizade
Pesquisadora	Pergunta o motivo pelo qual frequenta o POP.	Relação com a política pública
Maria	Responde que é para comer, tomar banho e tirar documentos.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se ela já utilizou algum outro serviço/projeto da prefeitura.	Relação com a política pública
Maria	Diz que sim: albergue e consultório na rua.	Relação com a política pública
Maria	Diz que precisou de uma medicação, por isso precisou da equipe do consultório na rua.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta o que ela achou do albergue.	Relação com a política pública

Maria	Diz que o albergue em si é bom.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta o que ela acha do POP.	Relação com a política pública
Maria	Diz que não tem nada para falar. Para ela, está ótimo.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta se há algum serviço que ela sabe que existe, mas não costuma utilizar.	Relação com a política pública
Maria	Diz que não.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta de que tipo de ajuda está precisando no momento.	Relação com a política pública
Maria	Diz que é da passagem para ir para Brasília.	Relação com a política pública
Pesquisadora	Pergunta por que Brasília.	Perspectiva para o futuro
Maria	Responde que ouviu dizer que lá é muito bom.	Perspectiva para o futuro
Maria	Afirma que ela é uma pessoa livre.	História de vida
Maria	Diz que gosta de ser desafiada. Se falarem que não pode, isso a motiva a fazer diferente.	História de vida
Maria	Diz que a única coisa que exige, nas relações, é o respeito.	História de vida
Pesquisadora	Pergunta se tem alguma sugestão de projeto/programa/serviço para ser ofertado à população de rua.	Relação com a política pública
Maria	Diz que não.	
Pesquisadora	Pergunta se tem interesse em fazer algum curso.	Relação com a política pública
Maria	Diz que tem interesse, porém não em Maceió, pois não ficará aqui.	Perspectiva para o futuro
Pesquisadora	Pergunta se quer acrescentar algo.	Encerramento
Maria	Afirma que não.	Encerramento

Pesquisadora	Faz as considerações finais e o agradecimento.	Encerramento
--------------	--	--------------